

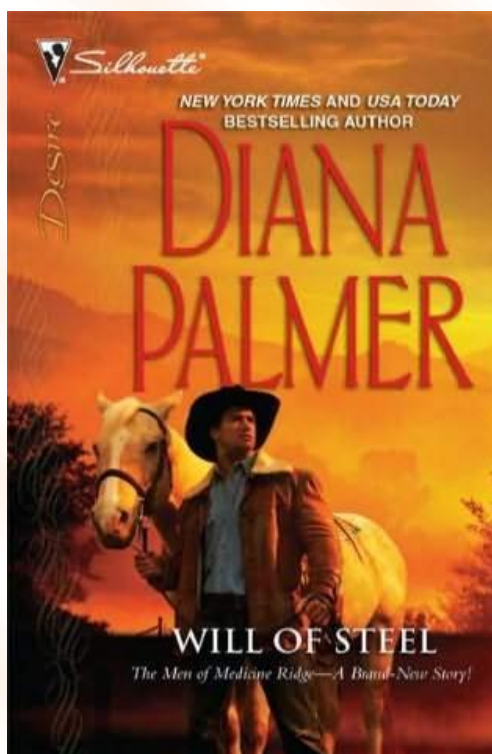
Vontade de Aço

— Chefe Theodore Graves & Jillian Sanders —

(Will Of Steel)

Diana Palmer

Homens de Medicine Ridge 04



Siga a autora campeã de vendas do New York Times, Diana Palmer, até Medicine Ridge, Montana, e conheça o Chefe de Polícia Theodore Graves — um homem tão rústico quanto a terra que ele apaixonadamente quer reivindicar como sua. Só uma coisa fica em seu caminho, uma mulher irascível que está preparada para enfrentar o desafio. Faíscas voam quando eles ficam frente a frente, mas será que o homem com uma vontade de aço finalmente aprenderá o que significa se curvar?

Tão rústico quanto a terra que ele protege, o Chefe Theodore Graves não está acostumado a ser desafiado — entretanto ele nunca encontrara uma mulher como Jillian Sanders. Nunca antes teve questionada a sua condição de solteiro. Este caubói com uma VONTADE DE AÇO pode ter acabado de encontrar o seu par.



DIANA PALMER

VONTADE DE AÇO

Tradução e Revisão: Cami Porto,
Silver Fox e Suelen Mattos

Disponibilização/ Formatação: Suelen Mattos



 *Silhouette*
Desire
Published by Silhouette Books
America's Publisher of Contemporary Romance

Homens de Medicine Ridge

1. Casamento de Branco (Homens do Texas 23) – *Mack Killain & Natalie Brock.*
2. Círculo de Ouro (Irmãos Callister 1) – *Gil Callister & Kasie Mayfield.*
3. Diamante Bruto (Irmãos Callister 2) – *John Callister & Sassy Peale*
4. Vontade de Aço – *Chefe Theodore Graves & Jillian Sanders*

Ninguém consegue resistir a um livro de Diana Palmer!

"Ninguém faz melhor."

— Autora da lista de *best sellers* do *New York Times* Linda Howard

"Palmer sabe como fazer as faíscas voarem... emocionante."

—*Publishers Weekly* em *Renegado*

"Um conto irresistível... [que traz] uma pancada emocional."

—*Publishers Weekly* em *Renegado*

"Sensual e cheio de suspense."

—*Booklist* em *Fora da Lei*

"Diana Palmer é uma contadora de histórias impressionante, que captura a essência de como um romance deveria ser."

—*Affaire de Coeur*

"Ninguém supera Diana Palmer quando se trata de entregar um romance puro, concentrado. Eu amo suas histórias."

—Autora da lista de *best sellers* do *New York Times* Jayne Ann Krentz

"O diálogo é encantador, os personagens agradáveis e o sexo ardente."

—*Publishers Weekly* on *Once in Paris*

DIANA PALMER

Com mais de quarenta milhões de cópias de seus livros impressas, Diana Palmer é uma das autoras mais amadas da América do Norte e considerada uma das autoras de romance top dez nos Estados Unidos.

Os passatempos de Diana incluem jardinagem, arqueologia, antropologia e música. Ela está casada com James Kyle há mais de trinta e cinco anos. Eles têm um filho, Blayne, que é casado com Christina Clayton, e uma neta, Selena Marie.



Querida Leitora,

Vontade de Aço começou na intenção de ser um tipo completamente diferente de livro, uma comédia sobre uma jovem garota e um chefe de polícia que se reuniram por causa dos testamentos de seus respectivos tios. Mas não foi assim que as coisas aconteceram, como você irá descobrir.

Os autores sabem que os personagens tendem a ganhar vida própria, uma vez que são criados. Você pode ter um molde para um livro, mas o herói e a heroína podem modificá-lo aos seus próprios gostos. Não, eu não estou louca: é realmente assim que o processo criativo funciona. Então eu crio o enredo do livro, e os personagens o escrevem ao seu próprio modo.

Rourke estava em *"Indomável"* e *"Perigoso"*, e ele apareceu novamente neste livro, com um pouco mais do seu passado revelado. Eu não o convidei: ele simplesmente apareceu para o passeio. Ele é um daqueles homens que eu não consigo me livrar. Cash Grier era outro. Rourke terá seu próprio livro mais pra frente, eu suponho.

Obrigada por seu apoio e sua generosidade, e todas as orações e abraços. Eu estou bem, embora esteja com um pouco menos de mobilidade do que costumava ter. Doença crônica força mudanças, muitas delas não são bem-vindas. Eu sou grata por ter fãs leais, laptops, um marido atencioso e uma família compreensiva. Estas são bênçãos que valem rubis neste mundo. O rubi mais bonito é a minha neta, Selena, mas não continuarei falando sobre isto, embora eu pudesse!

Muito amor para todos vocês, e obrigada novamente por ficarem por perto e lerem meus livros. Vocês são a razão pela qual não posso parar de escrevê-los.

Com amor,

Diana Palmer

“Para os leitores, todos vocês, muitos dos quais são meus amigos na minha página do Facebook. Vocês tornam este trabalho maravilhoso e compensador. Obrigada pelo seu carinho, seu apoio e sua afeição através de todos estes longos anos. Eu ainda sou a sua maior fã”.

Capítulo 1



Ele nunca gostou de ir ali. A estúpida bezerra o seguia por todo o lado, em todos os lugares que ia. Não conseguia fazer o animal deixá-lo em paz. Uma vez, acertara a bezerra com um leve galho de pinheiro, mas aquilo tivera repercussões. Sua dona teve muito a dizer sobre crueldade com os animais e lhe citou a lei. Não era necessário que ela lhe citasse a lei. Afinal, ele era o chefe de polícia na pequena cidade de Montana onde ambos viviam.

Tecnicamente, claro, não era uma cidade. Ficava mais ou menos três quilômetros e meio fora dos limites da cidade de Medicine Ridge. Um pequeno rancho em Hollister, Montana, que incluía dois limpos e frios riachos de trutas e metade de uma montanha. O tio dela e o seu tio haviam possuído-o em sociedade durante suas vidas. Os dois, melhores amigos para sempre, haviam morrido recentemente, seu tio de um ataque cardíaco e o dela, mais ou menos um mês depois, num acidente de avião durante uma viagem para uma convenção de criadores de gado. A propriedade estava a um passo de ir a leilão e um desenvolvedor imobiliário¹ da Califórnia estava à espreita de sobreaviso, esperando para apresentar a oferta campeã. Ele iria construir um resort para homens ricos ali, confiando naqueles límpidos riachos de trutas para estimular os negócios.

Se dependesse do Chefe de Polícia de Hollister, Theodore Graves, o homem nunca colocaria os pés na propriedade. Ela se sentia daquele jeito também. Mas os astutos velhos tinham colocado uma cláusula em ambos os seus testamentos referente à posse da terra em questão. A cláusula do tio dela havia sido um choque para Graves e para a garota quando o divertido advogado leu o testamento em voz alta para eles. Aquilo provocava uma guerra de palavras toda vez que ele entrava pela porta.

— Eu não vou me casar com você, — Jillian Sanders lhe disse firmemente no minuto em que ele pisou na varanda. — Não me importo se eu tiver que morar no celeiro com Sammy.

Sammy era a bezerra.

Ele abaixou o olhar para ela de sua altura superior com leve arrogância.

— Sem problema. Não acho que a escola primária te daria um passe livre para se casar comigo de qualquer maneira.

Seu nariz arrebitado se enrugou.

— Bem, você teria que conseguir uma permissão do asilo, e eu aposto que você não a conseguiria também!

Aquela era uma piada constante. Ted tinha trinta e um para os quase vinte e um dela. Eles eram completamente incompatíveis. Jillian era pequena, loira e de olhos azuis, ele era alto, moreno e de olhos pretos. Ele gostava de armas e de trabalhar em sua velha caminhonete quando não estava executando suas obrigações como chefe de polícia na pequena comunidade

¹ **Desenvolvedor Imobiliário (real estate developer):** um desenvolvedor imobiliário faz melhorias de algum tipo em um bem imóvel, aumentando assim o seu valor. Suas atividades vão desde a restauração e renovação do contrato de aluguel de construções existentes até a compra de terra bruta e a venda de lotes aprimorados para outros.

de Montana onde viviam. Ela gostava de criar receitas para novos doces e ele não conseguia comer nada doce exceto bolo inglês. Ela também odiava armas e barulho.

— Se você não casar comigo, Sammy será apresentada no menu do restaurante local, e você terá que morar na floresta numa caverna, — ele assinalou.

Aquilo não ajudou sua disposição. Ela fixou os olhos furiosos nele. Não era culpa dela que não tivesse mais nenhuma família viva. Seus pais haviam morrido não muito depois que nascera, de um surto de gripe. Seu tio a acolhera e a criara, mas ele não estava em boa saúde e tinha problemas de coração. Jillian cuidara dele enquanto estava vivo, se preocupando em excesso com sua dieta e tentando preparar pratos especiais para deixá-lo confortável. Contudo, ele morrera não pela saúde debilitada, mas num acidente com um avião de pequeno porte a caminho de uma convenção de gado. Ele não mantinha muitos gados mais, entretanto amava ver os amigos nas conferências, e amava frequentá-las. Ela sentia falta dele. Era solitário no rancho. Claro, se tivesse que casar com o Rambo ali, seria menos solitário.

Jillian o encarou, como se tudo de ruim em sua vida pudesse estar parado em sua porta.

— Estou bem perto de preferir morar na caverna. Eu odeio armas! — Ela acrescentou veementemente, notando a que ele usava, de estilo antigo, em seu quadril num coldre. — Você poderia abrir um buraco numa parede de concreto com essa coisa!

— Provavelmente, — ele concordou.

— Por que você não pode carregar algo pequeno, como seus oficiais fazem?

— Eu gosto de causar uma impressão, — ele retornou, irônico.

Levou um minuto para ela entender a insinuação. Ela o encarou ainda mais.

Ted suspirou.

— Eu não almocei, — ele disse, e conseguiu fazer uma cara de quem estava morrendo de fome.

— Há um bom restaurante bem no centro da cidade.

— Que fechará em breve, porque não conseguem arrumar uma cozinheira, — ele disse com desgosto. — Que coisa mais maldita, vivemos numa cidade onde toda mulher cozinha, mas ninguém quer fazer isto para o público. Acho que morrerei de fome. Eu queimo até a água.

Era verdade. Ted vivia de comida para viagem do restaurante local e comida congelada. Ele a olhou intensamente.

— Acho que casar com você salvaria a minha vida. Pelo menos você sabe cozinhar.

Ela lhe deu um olhar presunçoso.

— Sim, eu sei. E o café local não vai fechar. Acabaram de contratar uma cozinheira esta manhã.

— Contrataram? — Ele exclamou. — Quem eles arrumaram?

Jillian desviou os olhos.

— Eu não peguei seu nome, mas dizem que é talentosa. Então eu acho que você não morrerá fome.

— Sim, mas isso não ajuda a nossa situação aqui, — ele assinalou. Seus lábios sensuais fizeram uma linha fina. — Eu não quero me casar.

— Nem eu, — ela atirou de volta. — Eu mal saí com ninguém!

As sobrancelhas dele subiram.

— Você tem vinte anos. Quase vinte e um.

— Sim, e meu tio suspeitava de cada homem que se aproximava de mim, — ela retornou. — Ele tornou impossível eu sair de casa.

Os olhos pretos dele cintilaram.

— Se eu me lembro, você escapou uma vez.

Jillian ficou escarlate. Sim, ela escapara com um auditor que viera fazer os livros para o escritório do advogado local. O homem, muito mais velho que ela e mais sofisticado, a encantara. Ela confiara nele, da mesma maneira que confira em outro homem dois anos atrás. O auditor a levava de volta para o quarto de hotel dele para pegar algo que esquecera. Ou assim

lhe dissera. Na verdade ele trancara a porta e prosseguiu tentando remover as roupas dela. Ele foi muito gentil em relação a isto, apenas insistente.

Mas o sujeito não sabia que Jillian já tinha cicatrizes emocionais de um homem tentando forçá-la. Ficara muito assustada. Ela realmente gostara do homem, confiara nele. Tio John não. Ele sempre se sentiu culpado pelo que ela passara por causa do homem que contratara. Jillian era menor de idade e ele lhe disse para ficar longe do homem.

Mas Jillian tivera estrelas em seus olhos porque o homem flertara com ela quando ela foi com Tio John ver seu advogado sobre uma porção de terra. Pensara que ele era diferente, nada parecido com o desprezível homem contratado pelo Tio John.

Ele conversou com ela pelo telefone várias vezes e a persuadira a sair com ele. Apaixonada, Jillian escapara sorrateiramente quando Tio John fora para a cama. Mas aterrissou em águas muito quente quando o homem ficou excessivamente amoroso. Ela conseguiu pegar seu celular e discar para o 911. O resultado havia sido... inesquecível.

— Eles conseguiram arrumar a porta, creio eu...? — ela disse, deixando sua voz diminuir.

Ted fixou os olhos nela.

— Estava trancada.

— Existe uma coisinha chamada chave, — ela assinalou.

— Enquanto eu estivesse procurando uma, você teria sido...

Jillian corou novamente. Ela se mexeu desconfortavelmente.

— Sim, bem, eu realmente agradeço. Por aquela vez.

— E um matemático itinerante aprendeu os perigos de tentar seduzir adolescentes em minha cidade.

Jillian não podia realmente discutir. Estava com dezesseis anos na época, e a reação rápida de Theodore salvara sua honra. O auditor não sabia sua verdadeira idade. Sabia que ele nunca a chamaria para sair se fizesse qualquer ideia de que ela era menor de idade. Ele fora o único homem em quem tivera um interesse de verdade, durante toda a sua vida. Ele deixara a firma para qual trabalhava, assim não teria que voltar para Hollister nunca mais. Jillian se sentiu mal sobre isto. O fiasco todo havia sido sua própria culpa.

A coisa triste era que este não foi seu primeiro episódio assustador com um homem mais velho. O primeiro, aos quinze anos, a deixara com cicatrizes. Pensara que poderia confiar em um homem outra vez porque estava louca pelo auditor. Mas o auditor se tornou a cobertura do bolo de sua retirada do mundo dos encontros para sempre. Ela realmente gostara dele, confiara nele, estivera apaixonada por ele. Ele não era nem mesmo um homem ruim, como aquele outro...

— O juiz o deixou ir com uma repreensão severa sobre ter certeza da idade de uma garota e não tentar persuadi-la a um ato ilegal. Mas ele poderia ter ido para a prisão, e teria sido minha culpa, — ela recordou. Não mencionou o homem que tinha ido para a prisão por atacá-la. Ted não sabia disso e ela não iria contar a ele.

— Não olhe pra mim esperando que eu tenha qualquer simpatia por ele, — Ted disse laconicamente. — Mesmo que você fosse maior de idade, ele não tinha nenhum direito de tentar coagi-la.

— Entendi seu ponto.

— Seu tio devia ter deixado você sair mais, — ele disse relutantemente.

— Eu nunca entendi por que ele me manteve tão perto de casa, — ela respondeu pensativamente. Sabia que não era tudo por causa de sua experiência ruim.

Os olhos pretos de Ted brilharam.

— Oh, essa é fácil. Ele estava guardando você para mim.

Jillian o olhou de boca aberta.

Ele deu uma risada.

— Na verdade ele não disse isso com todas as letras, mas você deve ter percebido pelo seu testamento que ele planejava um futuro pra nós há algum tempo.

Muitas coisas estavam acabando de ficar claras. Ela estava sem fala, pela primeira vez.

Ted sorriu amplamente.

— Ele a criou numa estufa só para mim, pequena orquídea, — ele provocou.

— Obviamente seu tio nunca fez o mesmo por mim, — ela disse mordaz.

Ele encolheu os ombros, e seus olhos brilharam ainda mais.

— Um de nós tem que saber o que fazer quando chegar a hora, — ele assinalou.

Jillian corou.

— Acho que podíamos resolver isto sem diagramas.

Ele se debruçou para mais perto.

— Quer que eu olhe e veja se consigo encontrar um para você?

— Eu não vou casar com você! — Ela gritou.

Ted deu de ombros.

— Faça como quiser. Talvez você possa pendurar algumas cortinas e colocar alguns tapetes, assim a caverna será mais confortável. — Ele olhou rapidamente para fora da janela. — Pobre Sammy! — Ele acrescentou com tristeza. — O futuro dele será menos, vamos dizer, saboroso.

— Pela última vez, Sammy não é um touro, ele é uma vaca. Ela é uma vaca, — ela titubeou.

— Sammy é nome de touro.

— Ela tinha cara de Sammy, — disse com teimosia. — Quando ela estiver crescida, dará leite.

— Só quando parir.

— Como se você soubesse, — ela atirou de volta.

— Eu pertenço à associação de criadores de gado, — ele a lembrou. — Eles nos contam coisas como essas.

— Eu pertenço a ela também, e não, eles não dizem. Você aprende isso criando gado!

Ted puxou seu chapéu de abas largas sobre os olhos.

— É inútil discutir com um poste loiro. Vou voltar ao trabalho.

— Não atire em ninguém.

— Eu nunca atirei em ninguém.

— Ha! — Ela desatou a rir. — E aquele ladrão de banco?

— Oh! Ele. Bem, ele atirou em mim primeiro.

— Estupidez a dele.

Ted sorriu amplamente.

— Isto foi exatamente o que ele disse quando o visitei no hospital. Ele errou. Eu não. E ele foi condenado por agressão a um oficial de polícia assim como por assalto a banco.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Ele jurou que o faria pagar por isto. E se ele sair?

— De dez a vinte anos, e ele tinha antecedentes, — disse a ela. — Estarei numa casa de repouso de verdade quando ele sair.

Jillian ergueu o olhar para ele com intensidade.

— As pessoas estão sempre saindo da prisão por detalhes técnicos. Tudo o que ele precisa é de um bom advogado.

— Boa sorte pra ele em conseguir um com o que ganha fazendo placas.

— O estado fornece advogados para as pessoas que não podem pagar.

Ele bufou.

— Obrigado por me dizer! Eu não sabia!

— Por que você não vai trabalhar? — Ela perguntou, irritada.

— Eu estou tentando, mas você não para de flertar comigo.

Jillian bufou, mas de verdade.

— Eu *não* estou flertando com você!

Ted sorriu de orelha a orelha. Seus olhos pretos estavam quentes e sensuais quando encontraram os dela.

— Sim, você está. — Ele moveu um passo mais perto. — Nós poderíamos fazer uma experiência. Para ver se somos quimicamente apropriados um ao outro.

Ela olhou para ele perplexa por alguns segundos, até que percebeu o que ele estava sugerindo. Jillian recuou dois passos, deliberadamente, e as altas maçãs de seu rosto coraram novamente.

— Eu não quero fazer nenhuma experiência com você!

Ele suspirou.

— Ok. Mas será um casamento muito solitário se você continuar pensando desse jeito, Jake.

— Não me chame de Jake! Meu nome é Jillian.

Ele deu de ombros.

— Você é um "Jake". — Ted lhe deu um longo olhar, abrangendo seus jeans esfarrapados, a larga camisa de moletom cinza e as botas com marcas nos dedos dos pés de tanto usar. Seu longo cabelo loiro estava firmemente preso no alto da cabeça e ela não usava nenhuma maquiagem. — Molequinha, — ele acrescentou acusatoriamente.

Ela desviou os olhos. Havia razões para não acentuar seus atributos femininos e não queria discutir o passado com ele. Não era o tipo de coisa sobre a qual se sentisse confortável conversando com alguém. Faria Tio John parecer ruim, e ele estava morto. Ele lamentara sua falta de julgamento em contratar Davy Harris. Mas era muito tarde aquela altura.

Ted estava captando alguns tipos de vibrações dela. Ela estava escondendo algo dele. Não sabia o quê, mas estava quase certo disto.

Seu jeito provocante se eclipsou. Ele se tornou um policial novamente.

— Há algo sobre o qual você queira conversar comigo, Jake? — Ele perguntou no tom suave que usava com crianças.

Jillian não encontrou seus olhos.

— Isso não ajudaria.

— Poderia.

Ela fez uma careta.

— Eu não o conheço bem o suficiente para te contar algumas coisas.

— Se você casar comigo, conhecerá.

— Nós já tivemos esta discussão, — ela assinalou.

— Pobre Sammy!

— Pare com isto! — Ela murmurou. — Acharei uma casa para ela. Sempre poderia perguntar a John Callister se ele e sua esposa, Sassy, a deixariam viver com eles.

— Em seu rancho onde eles criam gado puro-sangue.

— Sammy tem linhagem puro-sangue em ambos os lados, — ela murmurou. — Sua mãe era uma vaca puro-sangue *Hereford* e seu pai era um touro puro-sangue *Angus*.

— E Sammy é uma "black baldy"², — ele concordou, lhe dando o nome híbrido. — Mas isso não a torna uma vaca puro-sangue.

— Semântica! — Ela atirou de volta.

Ted sorriu abertamente.

— Lá vem você jogando essas palavras complicadas em mim outra vez.

— Não se faça de burro, por favor. Acontece que eu sei que você conseguiu um diploma em física durante a sua permanência no exército.

Ele levantou ambas as espessas sobrancelhas pretas.

— Eu deveria ficar lisonjeado?

— Por quê?

— Por você se interessar pelo meu passado.

² **Black Baldy** é o termo usado para um tipo de gado produzido pelo cruzamento de gado *Hereford* com gados de cor preta, geralmente *Angus*, com o propósito de formar seres híbridos. Eles têm a cara branca similar aos *Hereford*, mas a cor avermelhada do corpo do *Hereford* é substituída pela preta do *Angus* (cara branca e pelo preto são ambos geneticamente dominantes em gados).

— Todo mundo sabe. Não sou só eu. — Ele encolheu os ombros. — Por que você é chefe de polícia numa cidade pequena, com esse tipo de formação? — Ela perguntou de repente.

— Porque eu não tenho paciência para pesquisa científica, — ele disse simplesmente. — Além disso, você não pode usar armas num laboratório.

— Eu odeio armas.

— Você disse.

— Eu realmente falei a sério. — Ela tremeu dramaticamente. — Você poderia atirar em alguém por acidente. Um de seus patrulheiros não deixou a pistola cair num supermercado e ela disparou?

Ele fechou a cara.

— Sim, deixou. Ele estava de folga e carregava seu pequeno revólver calibre 32 no bolso de suas calças. Foi pegar o dinheiro quando ela caiu e disparou. — Ele franziu os lábios. — Um engano que eu posso garantir que ele nunca cometerá outra vez.

— Foi o que a esposa dele disse. Você é um homem terrível quando perde a cabeça, sabia disto?

— A pistola disparou numa prateleira de latas, para a sorte dele, e só tivemos que pagar os prejuízos à loja. Mas ele poderia ter disparado em uma criança, ou um adulto, com resultados trágicos. Existem razões para fazerem coldres para armas.

Jillian olhou para ele incisivamente.

— Esse aí com certeza é fantástico, — ela notou, indicando o ornato em forma de arabescos no suave couro marrom claro. Ele também ostentava conchos prata e franja.

— Minha prima fez pra mim.

— Tanika? — Ela perguntou, porque conhecia sua prima, uma Cheyenne de sangue puro que morava próximo a Hardin.

— Sim. — Ele sorriu. — Ela acha que equipamento prático deveria ter beleza.

— Tanika é muito talentosa. — Ela sorriu. — Ela faz umas bolsas *parfleche* magníficas. Eu as vi no posto comercial em Hardin, próximo ao Campo de Batalha de Little Bighorn.³ — Elas eram bolsas de couro cru com enfeites de contas e franja, incrivelmente bonitas e úteis para transportar itens nos velhos tempos pelas pessoas nativas.

— Obrigado, — ele disse abruptamente.

Ela ergueu suas sobrancelhas.

— Pelo quê?

— Por não chamá-lo de Campo de Batalha de Custer.

Muitas pessoas o faziam. Ele não tinha nada contra Custer, mas seu ancestral era Cheyenne. Ted tinha parentes que haviam morrido na Batalha de Little Bighorn³ e, mais tarde, em Wounded Knee. Custer era um assunto doloroso para ele. Alguns turistas não pareciam perceber que nativos americanos consideravam que outras pessoas além das tropas de Custer foram mortas na batalha.

Ela sorriu.

— Eu acho que tive um antepassado Sioux.

— Você se parece com um, — ele falou com a voz arrastada, notando a cor clara dela.

— Meu primo Rabby é metade e metade, e ele tem cabelo loiro e olhos cinza, — ela o lembrou.

— Acho que sim. — Ele verificou o grande relógio em seu pulso. — Preciso estar no tribunal para uma audição preliminar. Melhor ir.

— Eu vou fazer um bolo inglês.

Ele hesitou.

— Isto é um convite?

³ **A Batalha de Little Bighorn** aconteceu em 25 de junho de 1876 e foi o mais famoso incidente das Guerras indígenas nos EUA. Resultou na vitória dos Lakota e Cheyennes do Norte, que aniquilaram um destacamento da cavalaria dos EUA comandado pelo General Custer. A batalha é retratada nos filmes "**Pequeno Grande Homem**", estrelado por Dustin Hoffman e "**Enterrem Meu Coração Na Curva Do Rio**", com Anna Paquin (True Blood).

— Você disse que você estava morrendo de fome.
— Sim, mas não se pode viver de bolo.
— Então eu fritarei um bife e algumas batatas para acompanhar.

Seus lábios se ergueram num sorriso.

— Isso parece bom. A que hora?

— Lá pelas seis? A menos que haja assaltos a banco e ataques insurgentes, claro.

— Tenho certeza que não teremos um hoje. — Ele considerou seu convite. — Os Callisters me trouxeram uma flauta quando voltaram de Cancun de sua lua de mel. Eu podia trazê-la e fazer uma serenata para você.

Ela ruborizou um pouco. A flauta e sua conexão com cortejar no mundo Nativo Americano eram bastante conhecidas.

— Isso seria bom.

— Seria?

— Eu pensei que você estivesse de partida. — Ela não confiava muito naquele sorriso.

— Acho que estou. Lá pelas seis?

— Sim.

— Te vejo a essa hora, então. — Ele pausou com a mão na maçaneta. — Eu deveria vestir meu fraque?

— É apenas um bife.

— Sem dança depois? — Ele perguntou, desapontado.

— Não a menos que você queira construir uma fogueira do lado de fora e dançar em volta dela. — Ela franziu as sobrancelhas. — Acho que sei um ou dois passos das danças das mulheres.

Ele a olhou de modo fixo e penetrante.

— Dança de salão não é feita ao redor de fogueiras de acampamento.

— Você sabe dançar danças de salão? — Ela perguntou, impressionada.

— Claro que sei.

— Valsa, polca...?

— Tango, — ele disse rigidamente.

Seus olhos brilharam.

— Tango? Verdade?

— Verdade. Um de meus amigos no serviço aprendeu na Argentina. Ele me ensinou.

— Que imagem isso traz à minha mente—... — ela começou, irônica.

— Ele não me ensinou dançando comigo! — Ele atirou de volta. — Ele dançou com uma garota.

— Bem, eu devia esperar por isso, — ela concordou.

— Estou indo embora.

— Você já disse isso.

— Dessa vez, falo sério. — Ele caminhou para fora.

— Às Seis! — Ela chamou atrás dele.

Ted jogou uma mão para o alto. Ele não olhou para trás.

Jillian fechou a porta e se recostou contra ela. Estava um pouco apreensiva, mas no final das contas, tinha que se casar alguém. Ela conhecia Theodore Graves melhor do que conhecia quaisquer outros homens. E, apesar suas rixas, eles se davam muito bem.

A alternativa era deixar alguma corporação construir um resort de férias ali em Hollister, e isso seria um desastre para os rancheiros locais. Os Resorts traziam consigo todos os tipos de diversão, mais hotéis, postos de gasolina e negócios. Seria um benefício para a economia, mas Hollister perderia sua aparência de pequena cidade rural. Não era algo que Jillian apreciaria e estava certa de que outras pessoas se sentiriam do mesmo jeito. Amava as florestas com seus altos pinheiros americanos, e os riachos rasos e brilhantes como diamante onde amava pescar

quando tinha tempo livre. Ocasionalmente Theodore trazia sua vara de pescar e se juntava a ela. Então eles trabalhavam lado a lado, selecionando, cortando peixe e fritando-os junto com bolinhos de fubá numa tina de óleo quente. Dava água na boca só de pensar.

Jillian vagou pela cozinha. Aprendera a cozinhar com uma das raras namoradas de seu tio. Isso a encantava. Ela podia ser uma molequinha, mas tinha uma afinidade natural com farinha e sabia fazer pão do zero. Espantava-a como poucas pessoas conseguiam. A sensação da massa suave e macia era uma dádiva para as pontas de seus dedos quando amassava, batia e trabalhava nela. O cheiro de pão fresco na cozinha era um deleite para os sentidos. Ela sempre tinha manteiga caseira fresca para acompanhar, que comprava de uma viúva de idade avançada logo no final da estrada. Theodore amava pão fresco. Iria fazer uma fornada para hoje à noite, para acompanhar o bolo inglês.

Retirou o pacote de farinha e pegou um pouco de fermento da prateleira. Levava muito tempo para fazer pão do zero, mas valia a pena.

Ela não vestiu nada extraordinário, embora estivesse usando um novo par de calças jeans azul e uma camisa xadrez rosa que abotoava até em cima. Também colocou uma fita rosa em seu longo cabelo loiro, que estava preso num coque no alto de sua cabeça. Ela não era elegante ou bonita, mas podia pelo menos parecer uma garota quando tentava.

E Ted reparou no minuto que entrou pela porta. Ele inclinou a cabeça e a encarou com deleite.

— Você é uma garota! — Ele disse com falsa surpresa.

Jillian ergueu os penetrantes olhos para ele.

— Eu sou uma mulher.

Ele franziu os lábios.

— Ainda não.

Ela corou. Tentou fazer uma réplica, mas não conseguiu retirar nenhuma de sua mente aturdida.

— Desculpe, — ele disse suavemente, e ficou sério quando notou a reação dela à sua provocação. — Isso não foi justo. Especialmente quando você teve todo esse trabalho para me fazer pãezinhos frescos. — Ergueu a cabeça e cheirou com apreciação.

— Como você sabia?

Ele bateu em seu nariz.

— Eu tenho uma superlativa noção de cheiro. Já te contei da vez que localizei um assassino procurado pelo jeito que ele cheirava? — Ele acrescentou. — O homem estava usando uma colônia barata terrível. Apenas segui o odor e caminhei até ele com minha arma na mão. Ele tinha passado um dia inteiro cobrindo sua trilha e andando sobre pedras para me tirar do seu encalço. Ficou tão chocado quando eu entrei em seu acampamento que acabou se entregando sem lutar.

— Você lhe disse que o cheiro dele o havia entregado? — Ela perguntou, dando uma risada.

— Não. Eu não queria que ele mencionasse isto pra ninguém quando fosse para a prisão. Não tem necessidade de dar aos criminosos um alerta sobre uma coisa como essa.

— Os Nativos Americanos são grandes rastreadores, — ela comentou.

Ted olhou furioso para ela.

— Qualquer um pode ser um bom perseguidor. Isso vem de treinamento, não de ascendência.

— Ora, mas como você está sensível! — ela exclamou.

Ele desviou os olhos. Encolheu os ombros.

— Banes tem estado em cima de mim outra vez.

— Você devia designá-lo para ajudar as crianças a atravessar a rua a caminho da escola. Ele odeia isto, — ela aconselhou.

— Não, ele não odeia. Sua nova namorada é viúva. Ela tem um filhinho, e Banes de uma hora pra outra se tornou seu herói. Ele adoraria trabalhar na travessia para a escola.

— Mesmo assim, você podia encontrar algum serviço desagradável para designá-lo. Ele não disse uma vez que odiava trabalhar no controle do tráfego em dias de jogo?

Ted se iluminou.

— Sabe, ele realmente disse isto.

— Está vendo? Uma oportunidade se apresenta. — Ela franziu as sobrancelhas. — Por que estamos procurando maneiras de castigá-lo desta vez?

— Ele levou um novo livro sobre a Batalha de Little Bighorn e me mostrou onde dizia que Cavalo Louco⁴ não estava na luta.

Jillian lhe dirigiu um olhar divertido.

— Oh, claro.

Ele fez uma careta.

— De vez em quando, algum escritor que nunca viu um Nativo Americano de verdade arruma um punhado de evidências provenientes de boato e escreve um livro sobre como ele é o único que conhece a verdadeira história de alguma batalha famosa. Esse cara também disse que Custer era louco e que tinha um dedinho no escândalo do posto comercial onde os comerciantes estavam enganando os Sioux e os Cheyenne.

— Ninguém que lê extensivamente sobre Custer acreditaria em que ele teve um dedinho sequer em algo tão desonesto, — ela ridicularizou. — Ele foi para a corte e testemunhou contra o próprio irmão do Presidente Ulysses S. Grant naquele julgamento de corrupção, se me lembro bem. Por que ele correria tal risco se estivesse pessoalmente envolvido nisto?

— Eu penso exatamente assim, — ele disse, — e falei isso a Banes.

— O que Banes disse em relação a isso?

— Ele citou o extenso currículo do autor em história militar.

Jillian deu a ele um olhar suspeito.

— Sim? Que tipo de currículo?

— Ele é perito em Guerras napoleônicas.

— Ótimo! O que isso tem a ver com a campanha no Greasy Grass? — Ela perguntou, referindo-se ao nome Lakota para a batalha.

— Nem uma maldita coisa, — ele murmurou. — Você pode ser brilhante em seu próprio campo de estudo, mas fazer sua pesquisa do nada e chegar a todas as conclusões erradas é outra coisa. Banes disse que o cara usou jornais da época e revistas como parte de sua pesquisa.

— Os Lakota e os Cheyenne, se bem me lembro, não escreviam sobre eventos atuais, — ela refletiu.

Ted deu uma risada.

— Não, eles não tinham repórteres no jornal naquela época. Então foi tudo do ponto de vista da cavalaria, ou dos políticos. História é a história da humanidade escrita pelos vitoriosos.

— Verdade.

Ele sorriu.

— Você é muito boa em história local.

— Isto é porque tenho parentesco com pessoas que ajudaram a fazê-la.

— Eu também. — Ele inclinou a cabeça. — Eu devia levá-la a Hardin e caminhar no campo de batalha com você algum dia, — ele disse.

Seus olhos se iluminaram.

— Eu adoraria!

— Eu também.

— Tem um posto comercial, — ela recordou.

— Eles têm umas coisas bonitas lá.

— Feita por talentos locais, — Jillian concordou. Ela suspirou. — Eu estou tão cansada das assim-chamadas arte Nativa Americana feita na China. Nada contra os chineses. Eu quero dizer,

⁴ **Cavalo Louco** (Crazy Horse) 1849-1877: líder dos índios Sioux durante a batalha contra o general Custer em Little Bighorn (História Americana).

eles têm povos aborígenes também. Mas se você vai vender coisas que deveriam ser feitas por tribos neste país, então pra que importá-las?

— Não faça a menor ideia. Pergunte a alguém melhor informado.

— Você é o chefe de polícia, — ela assinalou. — Supõe-se que não deveria haver ninguém melhor informado.

Ele sorriu abertamente.

— Obrigado.

Ela fez uma reverência.

Ted franziu as sobrancelhas.

— Você não tem um vestido?

— Claro. Está no meu armário. — Ela franziu os lábios. — Eu o usei na formatura.

— Me poupe!

— Acho que eu poderia comprar um novo.

— Acho que você poderia. Quero dizer, se estivermos cortejando, parecerá engraçado se você não usar um vestido.

— Por quê?

Ele piscou.

— Você irá se casar de calça jeans azul?

— Pela última vez, não vou casar você.

Ele tirou seu chapéu de abas largas e o colocou na mesa de corredor.

— Podemos discutir sobre isso mais tarde. No momento, precisamos comer um pouco daquele belo pão quentinho e fresquinho antes que ele esfrie e a manteiga não derreta mais nele. Não deveríamos? — Ele acrescentou com um sorriso.

Ela riu.

— Acho que deveríamos.

Capítulo 2



O pão estava tão delicioso quanto ele imaginava que estaria. Ted fechou os olhos, saboreando o gosto.

— Você poderia cozinhar, se apenas tentasse, — ela disse.

— Para falar a verdade não. Eu não sei medir as coisas corretamente.

— Eu podia ensinar a você.

— Por que eu preciso aprender, quando você já faz isto tão bem? — Ele perguntou de forma sensata.

— Você mora sozinho, — ela começou.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não por muito tempo.

— Pela décima vez hoje...

— O cara da Califórnia estava na cidade hoje, — Ted disse severamente. — Ele apareceu no escritório para me ver.

— Apareceu? — Jillian se sentiu apreensiva.

Ele confirmou com a cabeça enquanto mordida outra fatia de pão com manteiga com os dentes brancos perfeitos.

— Ele já tem abordado contratantes oferecendo propostas para construir seu projeto de moradia. — Ele cuspiu as palavras enquanto mordida o pão.

— Oh!

Olhos preto-azeviche penetraram os dela.

— Eu contei a ele sobre a cláusula no testamento.

— O que ele disse?

— Que ficou sabendo que você não vai se casar comigo.

Jillian fez uma careta.

— Ele estava pavoneando pela cidade como se fosse o tal, — Ted acrescentou. Ele terminou o pão e bebericou o café. Seus olhos se fecharam enquanto o saboreava.

— Você faz um ótimo café, Jake! — Ele exclamou. — A maioria das pessoas joga um tantinho só de café sobre a água. Você poderia manter uma colher de pé neste aqui.

— Eu gosto dele forte também, — ela concordou. Estudou seu rosto rígido e magro. — Suponho que você viva disto quando tem casos que o mantêm fora a noite toda seguindo pistas. Teve dois ou três desses só este mês.

Ted acenou afirmativamente.

— Nosso festival de inverno atrai pessoas de todas as partes do país. Algumas delas veem os recursos financeiros da companhia de mineração como alvo principal.

— Sem mencionar os campeonatos regionais de tiro ao alvo, — ela disse. — Eu ouvi dizer que esses ladrões realmente seguem os atiradores por toda parte e conseguem os números da placa dos carros cujos donos têm as armas mais caras.

— Eles são alvos, sem dúvidas.

— Por que alguém pagaria um valor de cinco dígitos por uma arma de fogo? — Jillian se perguntou em voz alta.

Ele riu.

— Você não atira em competição, então não adianta tentar explicar isto a você.

— Você compete, — ela assinalou. — Você não tem uma arma tão cara assim e você é um atirador triplo-A.

Ele encolheu os ombros.

— Não é que eu não gostaria de ter uma. Mas a menos que eu comece a roubar bancos, não é provável que eu seja capaz de comprar uma, também. O melhor que posso fazer é pegar uma emprestada para as grandes competições.

Os olhos dela saltaram.

— Você conhece alguém que te empreste uma espingarda de cinquenta mil dólares?

Ted riu.

— Bem, na verdade, sim, eu conheço. Ele é chefe de polícia de uma pequena cidade do Texas⁵. Ele costumava participar de competições com espingarda quando era mais novo, e ainda tem o equipamento.

— E ele te empresta a arma.

— Ele não é apegado a ela, como alguns donos são. Se bem que você nunca conseguiria que ele te emprestasse seu kit de franco atirador, — ele deu uma risada.

— Como é que é?

Ted se inclinou em direção a ela.

— Ele era um assassino secreto em seu passado sombrio.

— Sério? — Ela estava excitada pelas notícias.

Ele franziu as sobrancelhas.

— O que as mulheres acham tão fascinante em homens que atiram nas pessoas?

Ela piscou.

— Não é isto.

— Então é o quê?

Jillian hesitou, tentando colocar em palavras.

— Homens que estiveram em batalhas testaram a si mesmos de um jeito que a maioria das pessoas nunca precisou fazê-lo, — ela começou devagar. — Eles aprendem suas próprias naturezas. Eles... eu não consigo expressar direito...

⁵ Referência a Cash Grier ("Renegado" – Homens do Texas 29).

— Eles aprendem do que são feitos, exatamente onde vivem e respiram, — Ted comentou. — Sob fogo, você está sempre com medo. Mas aproveita o medo e o usa, ataca quando preferia correr. Você aprende o significado da palavra coragem. Não é a ausência de medo. É como se lida com o medo, ao seu melhor. Você cumpre o seu dever.

— Muito bem falado, Chefe Graves, — ela disse encantadoramente, e sorriu de orelha a orelha.

— Bem, eu sei uma coisa ou duas sobre ser alvo de disparos, — ele lembrou a ela. — Eu estava na primeira onda da segunda incursão no Oriente Médio. Então me tornei oficial de polícia e depois chefe de polícia.

— Eu aposto que você conheceu o outro chefe de polícia em uma daquelas convenções, — Jillian comentou.

— Na verdade eu o conheci na academia do FBI durante uma sessão de treinamento em negociação de reféns, — ele corrigiu. — *Ele* estava ensinando.

— Meu Deus. Ele sabe negociar?

— Ele fez a maior parte de suas negociações com uma arma antes de se tornar um Texas Ranger, — Ted riu.

— Ele era um Ranger também?

— Sim. E um perito em cyber-crime para um promotor público do Texas, e um mercenário, e meias dúzia de outras coisas interessantes. Também sabe dançar. Ele ganhou uma competição de tango na Argentina, e isto já diz algo. O tango e a Argentina andam juntos como café e creme.

Jillian apoiou o queixo em suas mãos.

— Um homem que sabe dançar tango. Me deixa perplexa. Eu só vi uns dois homens fazerem isso no cinema. — Ela sorriu. — Al Pacino em *"Perfume de Mulher"* foi meu favorito.

Ele sorriu abertamente.

— Não o 'governador'⁶ em *"True Lies"*?

Ela o encarou.

— Tenho certeza que ele estava fazendo o seu melhor.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu assisti Rudolph Valentino dançar num antigo filme mudo, — ele suspirou. — Estilo de verdade.

— É uma dança bonita.

Ted lhe deu um longo olhar.

— Tem um novo clube de dança latina em Billings.

— O quê? — Ela exclamou com pura surpresa.

— Não é brincadeira. Um sujeito de Nova Iorque se mudou para cá para se aposentar. Ele esteve em competição de dança de salão a maior parte de sua vida e estava entediado. Então organizou um grupo de dança e abriu um clube de dança. As pessoas vêm de Wyoming e das Dakotas só para ouvir a banda e dançar. — Ele brincou com sua xícara de café. — Que tal você e eu irmos até lá e experimentamos? Eu posso ensinar tango a você.

Seu coração deu um salto. Aquela era a primeira vez, apesar de toda a brincadeira, que ele já sugerira levá-la num encontro.

Ele fez uma carranca quando ela hesitou.

— Eu adoraria, — ela soltou de uma só vez.

O rosto dele relaxou. Ele sorriu novamente.

— Tudo bem. Sábado?

Ela confirmou com a cabeça. Seu coração batia disparado. Ela estava sem ar.

Jillian era tão jovem, pensou olhando para ela. Ele hesitou.

⁶ Referência a Arnold Schwarzenegger. No original, a palavra usada para governador foi *"governator"*, um trocadilho com as palavras "governador" (*governor*) e "exterminador" (*terminator*), numa clara alusão ao filme "O Exterminador do Futuro" e ao posto dele como governador da Califórnia.

— Não tem escola primária aos sábados, — ela brincou, — então não precisarei de uma licença do diretor para escapar da aula.

Ele desatou a rir.

— Foi isso que eu dei a entender? Desculpe.

— Eu tenho quase vinte e um anos, — ela assinalou. — Eu sei que pareço jovem pra você, mas eu tive muita responsabilidade. Tio John podia ser uma pessoa difícil, e eu fui a única pessoa cuidando dele a maior parte da minha vida.

— Isto é verdade. A responsabilidade amadurece as pessoas muito rápido.

— Você saberia disso, — ela disse suavemente, porque ele cuidara maravilhosamente de sua avó e depois de seu tio que fora dono da metade daquele rancho.

Ele encolheu os ombros.

— Eu não acho que há escolha quando se trata de cuidar das pessoas que você ama.

— Nem eu.

Ele lhe deu um olhar avaliador.

— Você vai ao clube de calça jeans azul e camisa? — Ele perguntou. — Porque se você for, eu irei com o meu uniforme.

Ela ergueu ambas as sobrancelhas.

— Ou você se esqueceu o que aconteceu da última vez que eu vesti meu uniforme para um evento social? — Ele acrescentou.

Jillian olhou furiosamente para ele.

— É culpa minha se as pessoas pensam em mim como um alvo no minuto que percebem o que eu faço para viver? — Ele perguntou.

— Você não precisava batizá-lo com ponche.

— Claro que eu precisava. Ele estava com tanto calor debaixo do colarinho por causa da multa por excesso de velocidade que meu oficial lhe deu que ele precisava de resfriamento imediato.

Ela riu.

— Seu patrulheiro ainda está contando aquela história.

— Com alguns exageros que ele acrescentou a ela, — Theodore deu uma risada.

— Isso curou o rapaz da vontade de reclamar com você.

— Sim, curou. Mas se eu vestir meu uniforme para ir a um clube de dança onde as pessoas bebem, é certo que haverá pelo menos um cara que pense que eu sou um alvo. — Ela suspirou. — E uma vez que você vai comigo, você estaria bem no meio disto. — Ele franziu os lábios. — Você não gostaria de ser vista participando de uma perturbação da ordem pública, gostaria?

— Não, em Billings não, — ela concordou.

— Então você podia vestir uma saia, não podia?

— Eu acho que não me mataria, — ela disse, mas relutante.

Ted estreitou os olhos enquanto olhava para ela. Havia uma razão para ela não gostar de se vestir como uma mulher. Ele desejava poder perguntar a ela sobre isto, mas Jillian ficava obviamente desconfortável discutindo assuntos pessoais com ele. Talvez fosse muito cedo. Ele se perguntava se ela ainda tinha cicatrizes de seu encontro com o auditor.

Ele sorriu suavemente.

— Algo recatado, — acrescentou. — Eu não espero que você se pareça com uma dançarina de *pole dance*, ok?

Ela riu.

— Ok.

Ele amava o modo como ela ficava quando sorria. Seu rosto inteiro assumia um esplendor que a tornava linda. Jillian não sorria com frequência. Bem, nem ele. Seu trabalho era sombrio, na maior parte do tempo.

— Te vejo lá pelas seis, então.

Ela acenou com a cabeça. Estava se perguntando como iria dispor de algo novo para vestir numa boate luxuosa, mas nunca teria admitido isto para ele.

Jillian topou com Sassy Callister na cidade enquanto estava tentando encontrar algo apresentável na seção em liquidação da única loja de roupa para mulheres.

— Você está procurando um vestido? — Sassy exclamou. Ela conhecia Jillian a sua vida toda e nunca a vira em outra coisa a não ser calça jeans e camisas. Ela até usava um terninho com calça quando ia à igreja.

Jillian fixou os olhos nela.

— Eu tenho pernas, sabia?

— Não foi isso o que eu quis dizer. — Ela deu uma risada. — Posso ver que Ted vai te levar para um encontro de verdade, huh?

Jillian ficou escarlate.

— Eu nunca disse...!

— Oh, todos nós sabemos sobre o testamento, — Sassy respondeu com facilidade. — É sensato pra vocês dois se casar e manter o rancho na família. Ninguém quer ver um resort de luxo sendo instalado aqui, — ela acrescentou, — com estranhos se intrometendo na nossa política local e jogando dinheiro por aí para conseguir as coisas do jeito que eles acham que deveriam ser.

Os olhos de Jillian cintilaram.

— Imagine você reclamando dos ricos, quando acabou de casar um dos homens mais ricos de Montana.

— Você sabe o que eu quero dizer, — Sassy riu. — E vou te lembrar de que eu não sabia que ele era rico quando aceitei o pedido de casamento dele.

— Um multimilionário fingindo ser um capataz de rancho. — Jillian sacudiu a cabeça. — Isso veio como um choque para muitos de nós quando descobrimos quem ele realmente era.

— Eu te asseguro que foi um choque maior para mim, — veio a resposta divertida. — Eu tentei dar pra trás, mas ele não me permitiu. Disse que dinheiro era um acessório, não um traço de caráter. Você devia conhecer o irmão dele e sua cunhada, — ela acrescentou com um sorriso. — Os pais dela eram missionários e sua tia é freira. Oh, e seu padrinho é um dos mais notórios ex-mercenários que já usaram uma arma.

— Meu Deus!

— Mas eles são todos muito simples. Eles não andam com o nariz empinado, é o que eu quero dizer.

Jillian deu uma risadinha.

— Entendo.

Sassy lhe deu um olhar compreensivo.

— Você quer algo elegante para esse encontro, mas está atolada até o pescoço tentando administrar o que seu tio te deixou.

Jillian começou a negar, mas ela desistiu. Sassy era muito doce para mentir pra ela.

— Sim, — ela confessou. — Eu estava trabalhando para a velha Sra. Rogers na floricultura. Mas aí ela morreu e a loja fechou. — Ela suspirou. — Não há muitos trabalhos disponíveis numa cidade tão pequena. Você sabe tudo sobre isto, — ela acrescentou, porque Sassy trabalhara numa loja de ração e fora agredida por seu chefe. Felizmente ela foi salva pelo homem que pouco tempo depois de tornaria seu marido e o perpetrador fora mandado para prisão. Mas aquele foi o único trabalho que Sassy conseguiu arrumar. Hollister era muito pequena.

Sassy confirmou com a cabeça.

— Ainda assim, eu não iria querer morar em nenhum outro lugar. Mesmo que tivesse que viajar diariamente de casa para Billings para ter um emprego. — Ela riu. — Eu considereei isto, mas não achei que minha velha caminhonete conseguiria me levar tão longe. — Seus olhos brilharam. — O chefe Graves disse que se ele fosse dono de um pedaço de ferro velho como o que eu dirigia, ele seria o primeiro a concordar em se casar com um homem que tivesse condições de substituí-lo para mim.

Jillian desatou a rir.

— Eu posso imaginar o que você respondeu a ele.

Sassy riu também.

— Eu apenas expressei o pensamento de que ele não iria se casar com John Callister por causa de uma caminhonete. — Ela inclinou a cabeça. — Ele realmente é um bom partido, sabe. Theodore Graves é material de lendas por aqui. Ele é honesto, bondoso e um homem muito terrível para se ter como inimigo. Ele cuidaria de você.

— Bem, ele precisa mais de cuidados do que eu, — veio a resposta divertida. — Pelo menos eu sei cozinhar.

— Você não se candidatou a vaga de cozinheira no restaurante?

— Me candidatei. Eu a consegui também, mas não pode contar a Theodore.

— Não contarei. Mas por que não posso?

Jillian suspirou.

— No caso das coisas não derem certo, eu quero ter um meio de me sustentar. Ele tomará isto como pessoal se pensar que arrumei um trabalho antes mesmo dele me pedir em casamento.

— Ted é antiquado.

— Nada errado com isto, — Jillian respondeu com um sorriso.

— Claro que não. É só que alguns homens têm que levar uma pancada na cabeça para aceitar que as mulheres modernas podem ter outros interesses sem desistir de ter uma família. Venha aqui.

Ela pegou o braço de Jillian e a puxou para um lado.

— Tudo aqui tem um aumento de preço de trezentos por cento, — ela disse baixinho. — Eu amo a Jessie, mas ela cobra um preço excessivo. Você virá para casa comigo. Nós somos do mesmo tamanho e eu tenho um armário cheio de coisas que você pode usar. Pode pegar emprestada qualquer coisa que quiser. Ah, quer saber?! Pode ficar com o que gostar. Eu nunca usarei tudo aquilo de qualquer forma.

Jillian ficou vermelha e gaguejou:

— Não, eu não poderia...!

— Você pode e vai. Agora vamos!

Jillian foi transportada para o rancho Callister num Jaguar. Ela estava tão fascinada com aquilo que não ouviu metade do que sua amiga estava dizendo.

— Olhe para todos estes mecanismos! — Ela exclamou. — E isto é madeira de verdade no painel!

— Sim, — Sassy riu. — Eu agi igual a você na primeira vez que dei uma volta nele. Minha velha e gasta caminhonete pareceu tão miserável depois.

— Eu gosto do meu velho carro. Mas este é incrível, — ela respondeu, tocando a madeira sedosa.

— Eu sei.

— É tão gentil da sua parte fazer isto, — Jillian respondeu. — Theodore queria que eu vestisse uma saia. E eu nem ao menos tenho uma.

Sassy olhou brevemente para ela.

— Você devia contar a ele, Jilly.

Ela corou e desviou os olhos.

— Ninguém sabe além de você e sua mãe. E eu sei que você não dirá nada.

— Não a menos que você dissesse que eu podia, — Sassy respondeu. — Mas isso poderia te causar alguns problemas mais tarde. Especialmente depois que você estiver casada.

Jillian apertou os dentes.

— Cruzarei essa ponte se ela aparecer. Eu posso não me casar com Theodore. Possa ser que sejamos capazes de encontrar um jeito de burlar o testamento.

— No primeiro caso, talvez. No segundo, nunca.

Isso era verdade. Ambos os velhos tinham deixado testamentos protegidos com ferro, com cláusulas sobre a disposição da propriedade se Theodore e Jillian recusassem a se casar.

— Os velhos urubus! — Jillian explodiu. — Por que eles tinham que complicar as coisas assim? Theodore e eu podíamos ter achado um jeito de lidar com o problema sozinhos!

— Eu não sei. Nenhum de vocês se encontra em boa situação financeira, e aquele desenvolvedor imobiliário da Califórnia tem toneladas de dinheiro. Eu aposto que ele já está tentando achar um jeito de se aproximar de um de vocês para falar sobre comprar o rancho imediatamente, uma vez que vocês o herdaram.

— Ele nunca o conseguirá, — ela disse obstinadamente.

Sassy iria comentar que pessoas ricas quando tinham um objetivo às vezes conheciam modos sombrios de obrigar as pessoas a fazerem o que elas queriam que fizessem. Mas o desenvolvedor imobiliário não era da região e ele não tinha nenhuma informação que pudesse usar para chantagear Theodore ou Jillian, então provavelmente não podia forçá-los a vender para ele. Ele apenas se sentaria e esperaria, torcendo para que eles não tivessem condições de manter a propriedade. Sem chance, Sassy pensou solenemente. Ela e John os ajudariam financeiramente se fosse preciso. De jeito nenhum que um figurão cheio da grana de fora do estado se apropriaria das terras de Jillian. Não depois de tudo que ela passara em sua jovem vida.

Talvez fosse uma coisa boa que Theodore não soubesse tudo sobre sua futura esposa em potencial. Mas Jillian passaria por uma verdadeira agonia se não fosse honesta com ele. Afinal, ele trabalhava a serviço da lei. Podia vasculhar os autos dos processos e encontrar coisas que a maioria das pessoas não tinha acesso. Ele não estava na cidade quando Jillian enfrentou seus problemas, estivera fora na Academia do FBI numa missão de treinamento. E já que apenas Sassy e sua mãe, a Sra. Peale, estiveram envolvida, ninguém mais exceto o promotor público, o juiz e o defensor público tinham conhecimento sobre o caso. Não que algum deles fosse divulgá-lo.

Provavelmente ela estava se preocupando desnecessariamente. Sassy sorriu para Jillian.

— Você tem razão. Ele nunca conseguirá o rancho, — ela concordou.

Eles pararam em frente à casa. Ela recebera uma remodelagem e parecia gloriosa.

— Vocês têm realizado um trabalho e tanto neste lugar, — Jillian comentou. — Eu me lembro de como ela era antes.

— Eu também. John queria fazer as coisas totalmente ecologicamente corretas aqui, então nós temos energia solar e eólica. E a eletricidade no celeiro vem do metano proveniente dos resíduos do gado.

— É simplesmente fantástico, — Jillian comentou. — Caro, também, eu aposto.

— Isto é verdade, mas o gasto com o capital inicial foi o mais alto. Ele pagará por si mesmo ao longo dos anos.

— E vocês terão contas de serviços de utilidade pública mais baixas do que o resto de nós, — Jillian suspirou, pensando nas suas contas que iriam chegar. Aquele tinha sido um inverno mais frio que o habitual. O óleo do aquecedor era caro.

— Pare de se preocupar, — Sassy disse a ela. — As coisas se ajeitarão.

— Você acha?

Elas desceram o corredor em direção ao quarto principal.

— Como está a sua mãe? — Jillian perguntou.

— Indo bem. Ela obteve resultados animadores no seu último *checkup*, — Sassy disse. O câncer havia sido contido e sua mãe não tivera uma recaída, graças à interferência de John em um momento crítico. — Ela sempre pergunta sobre você.

— Sua mãe é a pessoa mais agradável que eu conheço, como você. E a Selene?

A garotinha era uma que a Sra. Peale havia adotado. Ela estava na escola primária, era muito inteligente e tinha suas metas definidas.

— Ela está lendo livros sobre a Força Aérea, — Sassy riu. — Quer ser piloto de combate.

— Uau!

— Foi isso que nós dissemos, mas ela está muito focada. Ela é boa em matemática e em ciências também. Achamos que ela pode acabar se tornando engenheira.

— Ela é esperta.

— Muito.

Sassy abriu o armário e começou a retirar vestidos, saias e blusas de todas as cores da face da terra.

Jillian apenas as encarou, atordoadas.

— Eu nunca vi tantas roupas fora de uma loja de departamentos, — ela gaguejou.

Sassy deu uma risada.

— Nem eu antes de casar com John. Ele me estraga com tantos mimos. Todo aniversário e feriado eu ganho presentes dele. Escolha algo.

— Você deve ter algumas roupas favoritas que não queira emprestar, — Jillian começou.

— Eu tenho. É por isso que elas ainda estão no armário, — ela disse com um sorriso.

— Oh!

Sassy estava olhando para ela e então para as roupas na cama.

— Que tal esta? — Ela ergueu uma saia azul estampada, muito longa e sedosa, com uma blusa de seda azul-claro que tinha mangas bufantes e um decote redondo. Parecia recatado, mas ele era um conjunto encantador.

— Experimente esse. Vamos ver como fica.

As mãos de Jillian se atrapalharam. Ela nunca colocara algo tão caro. O conjunto se ajustou a ela como uma luva, e era bom para se mexer, enquanto que muitas roupas não eram. Ela fez aquela observação.

— A maior parte das roupas na prateleira não é elaborada para se ajustar exatamente, e quanto menos caras elas são, pior elas se ajustam, — Sassy disse. — Eu sei, porque eu comprei roupas em brechós a minha vida toda antes de me casar. Fiquei chocada ao descobrir que roupas caras realmente se ajustam a você. E quando elas se ajustam, te fazem parecer melhor. Você pode ver por si mesma.

Jillian o fez. Olhando rapidamente para o espelho, ficou chocada ao ver que a saia colocava menos ênfase em seus quadris arredondados e mais em sua cintura estreita. A blusa, por outro lado, fazia seus seios pequenos parecerem um pouco maiores.

— Agora, com seu cabelo solto de verdade e enrolado, em vez preso nesse coque, — Sassy continuou, retirando os grampos de cabelo enquanto ela ia e pegava uma escova, — você parecerá tão diferente que Ted pode nem ao menos te reconhecer. Que diferença!

E era. Com seu longo cabelo loiro enrolado ao redor dos ombros, Jillian ficou realmente bonita.

— Esta sou eu? — Ela perguntou, chocada.

Sassy sorriu amplamente.

— Com certeza é.

Ela virou para sua amiga, lutando contra as lágrimas.

— É tanta gentileza sua, — começou.

Sassy a abraçou.

— Os amigos cuidam um do outro.

Elas não tinham sido amigas próximas, porque os problemas na casa de Sassy haviam tornado isso impossível antes de seu casamento. Mas estavam ficando cada vez mais próximas agora. Era muito bom ter alguém com quem pudesse conversar.

Jillian se afastou e enxugou os olhos.

— Desculpe. Não foi minha intenção fazer isto.

— Você é uma ótima pessoa, Jilly, — Sassy lhe disse suavemente. — Você faria o mesmo por mim num piscar de olhos se nossas situações fossem invertidas, e você sabe disso.

— Com toda certeza eu faria.

— Eu tenho alguns rolinhos de cabelo. Vamos colocar seu cabelo neles e então podemos pegar alguns feijões.

— Vocês têm feijão no meio do inverno? — Jillian exclamou.

— Do mercado de comida orgânica, — ela riu. — Eu os mando entregar aqui em casa. Você pode levar alguns pra casa e plantar. Ted poderia gostar de feijão com pernil de porco.

— Mesmo que ele não gostasse, eu com certeza gostaria. Aposto que é o seu próprio porco.

— E é. Nós gostamos de orgânicos de todas as formas. Ponha de volta sua calça jeans que lavaremos seu cabelo e o arrumaremos. Ele é tão fino que pode secar enquanto trabalhamos.

E secou. Elas tiraram os rolinhos algumas horas mais tarde. Jillian ficou surpresa com a diferença que alguns cachos fizeram em sua aparência.

— Próximo passo: maquiagem. — Sassy lhe disse, sorrindo abertamente. — Isto é divertido!

— Divertido e educacional, — Jillian disse, ainda zozua. — Como você aprendeu tudo isso?

— Com minha sogra. Ela vai à *spas* e salões de beleza o tempo todo. Ela ainda é deslumbrante, embora os anos estejam passando. Sente-se.

Sassy a colocou em frente a um espelho todo iluminado e passou a experimentar diferentes tons de batom e sombra para os olhos. Jillian se sentiu tão paparicada como se estivesse em uma loja de departamentos exclusiva, e disse isso.

— Eu ainda estou aprendendo, — Sassy lhe assegurou. — Mas é divertido, não é?

— A maior diversão que eu já tive em muito tempo, e obrigada. Theodore vai ficar chocado quando ele aparecer no sábado! — Ela predisse.

Chocado foi uma predição incompleta. Jillian em um conjunto azul, com seu longo cabelo suave e enrolando ao redor dos ombros, com uma maquiagem discreta, foi uma revelação para um homem que só a tinha visto sem maquiagem, com calça jeans esfarrapadas e camisas de moletom ou, pior, camisetas folgadas. Vestida com elegância, em roupas que se ajustavam a ela perfeitamente, Jillian estava realmente bonita.

— Você pode fechar a boca, Theodore, — ela provocou, encantada com sua resposta.

Ele fechou. E sacudiu a cabeça.

— Você está encantadora, — ele disse. *Encantadora* era pouco, comparado ao que ele estava pensando. Jillian estava estonteante. Ele franziu as sobrancelhas enquanto pensava como seu novo *look* poderia se alastrar pela cidade. Havia alguns homens mais jovens, de boa aparência e origem rica, que também poderiam achar a nova Jillian um item quente. Ele poderia ter competição por ela com a qual não conseguiria lidar.

Jillian, assistindo a mudança de expressões dele, ficou repentinamente insegura. Ele estava fazendo uma carranca como se não aprovasse de verdade o modo como ela estava.

— Não é muito revelador, é? — Ela se preocupou.

Ted limpou a garganta.

— Jake, você está coberta da cabeça aos pés, com exceção de sua garganta e seus braços, — ele disse. — O que você acha que está revelador?

— Você parecia... bem, você parecia...

— Eu parecia um homem que está considerando a briga à frente.

— Como é que é?

Ele se moveu um passo mais perto e abaixo o olhar para ela com pura apreciação.

— Você realmente não sabe o quão estonteante está, toda elegante assim?

A respiração dela ficou presa em sua garganta.

— Eu?

As mãos grandes dele emolduraram o rosto dela e o ergueu para os dançantes olhos pretos dele.

— Você. — Ele esfregou seu nariz contra o dela. — Sabe, eu realmente me pergunto se o seu gosto é tão bom quanto parece. É uma hora tão boa quanto qualquer outra para descobrir.

Ele curvou sua cabeça enquanto falava e, pela primeira vez no relacionamento deles, Ted a beijou, direito na boca. Com força.

Qualquer que fosse a reação dela que ele esperava, a realidade disso veio como um choque.

Capítulo 3



Jillian saltou para trás se afastando de Ted como se ele a tivesse ofendido, corando até a raiz do cabelo. Ela o encarou com miséria impotente, esperando pela explosão. O auditor praguejara num fluxo contínuo de palavras, chamando-a de certos nomes, jurando que contaria a cada rapaz que conhecia que ela era um cubinho de gelo sem salvação.

Mas Theodore não fez isto. De fato, ele sorriu, muito suavemente.

Jillian mordeu o lábio inferior. Queria contar a ele. Ela não conseguia. A dor era quase física.

Ele tomou seu rosto corado em suas grandes mãos, se curvou e a beijou delicadamente na testa, depois em suas pálpebras, fechando-as.

— Todos nós temos nossa própria dor secreta, Jake, — ele sussurrou. — Um dia você vai querer me contar e eu escutarei. — Ele ergueu a cabeça. — Por enquanto, nós seremos os melhores companheiros, exceto pelo fato de que você está vestindo uma saia, — ele acrescentou, irônico. — Eu tenho que confessar que muito pouco dos meus companheiros tem usado o toalete feminino.

Ela levou um minuto, então desatou a rir.

— Assim está bem é melhor, — ele disse, e sorriu abertamente. Inclinou a cabeça e lhe deu uma avaliação muito masculina. — Você realmente está linda. — Ele franziu os lábios enquanto contemplava o conjunto e seu provável custo.

— São emprestados, — ela soltou de uma só vez.

Os olhos pretos dele faiscaram com um brilho profano.

— Emprestados?

Ela confirmou com a cabeça.

— Sassy Callister.

— Entendo.

Jillian deu um largo sorriso.

— Ela disse que tinha um armário inteiro de coisas que nunca usava. Eu não queria, mas ela meio que me coagiu a isto. Sassy é muito parecida com seu novo marido.

— Ele usa anáguas? — Ted perguntou escancaradamente.

Ela o olhou com ferocidade.

— As mulheres não usam mais anáguas ou crinolina⁷ hoje em dia, Theodore.

⁷ **Crinolina (hoop skirts):** Saia feita de arcos de aço, criada por volta de 1850, criada para ser usada debaixo do vestido. Era ela que criava o efeito balão nos vestidos vitorianos. Veja figura aqui:

http://www.farthingales.on.ca/images/cage_crin2.jpg

— Desculpe. Era errada.

Ela sorriu de modo malicioso.

— Falando em viver em eras sombrias!

Ele encolheu os ombros.

— Eu fui criado pela minha avó e meu tio. Eles não eram muito pra frente em se tratando de roupas íntimas femininas.

— Bem, eu acho que não!

— Seu tio John tinha o mesmo tipo de retrocesso, — ele observou.

— Então nós dois realmente recebemos isto de herança, eu suponho. — Ela reparou em seu terno escuro imaculado, a camisa branca impecável e a gravata azul estampada que estava usando com ela. — Você também está encantador.

— Eu comprei o terno para usar no casamento de John Callister, — respondeu. — Geralmente não tenho ocasião para me arrumar tanto assim.

— Nem eu, — ela suspirou.

— Eu acho que podíamos ir a alguns lugares juntos, — ele comentou. — Eu gosto de caçar e pescar.

— Eu não gosto de armas, — ela disse sem rodeios.

— Bem, em minha profissão elas são um tipo de uma necessidade, Jake, — ele comentou.

— Suponho que sim. Desculpe.

— Sem problemas. Você costumava gostar de pescar.

— Já faz um tempinho desde que coloquei uma pobre e indefesa minhoca na água.

Ele deu uma risada.

— Tudo na vida tem um propósito. O de uma minhoca é ajudar as pessoas a pescar peixes deliciosos.

— A minhoca poderia não compartilhar o seu ponto de vista.

— Vou perguntar da próxima vez que eu ver uma.

Ela riu, e seu rosto inteiro mudou. Jillian se sentia melhor do que já se sentira há tempos. Theodore não achava que ela era uma causa perdida. Não estava nem mesmo zangado por ela ter reagido de forma fria ao beijo dele. Talvez, pensou, apenas talvez, ainda houvesse esperança para ela.

Os olhos pretos dele eram amáveis.

— Estou feliz por você não estar usando salto alto, — ele comentou.

— Por quê?

Ele abaixou rapidamente o olhar para seus grandes pés calçados em botas pretas de couro macio.

— Bem, estas não são tão resistentes quanto às botas que uso no trabalho. Eu odiaria ter buracos de saltos agulha nelas quando você pisar nos meus pés na pista de dança.

— Eu não vou pisar nos seus pés, — ela disse com falsa indignação. Jillian sorriu amplamente. — Eu poderia tropeçar neles e cair num vaso de plantas, claro.

— Fiquei sabendo disso, — ele respondeu, dando uma risada. — Pobre velho Harris Twain. Aposto que ele nunca mais vai esticar as pernas no meio do caminho num restaurante outra vez. Ele disse que você ficou linda toda coberta de terra adubada. Você entrou de ponta-cabeça, acredito...?

Ela suspirou.

— Muitas pessoas têm talentos. O meu é falta de coordenação. Eu consigo tropeçar nos meus próprios pés, quem dirá nos de outra pessoa.

Ele se perguntou sobre aquele desajeitamento. Ela era muito habilidosa, a sua própria maneira, mas caía com frequência. Ele franziu as sobrancelhas.

— Agora, me deixa ver, você está pensando que sou uma desastrada, e está absolutamente certo.

— Eu estava me perguntando mais sobre seu equilíbrio, — ele disse. — Você tem problemas no ouvido interno?

Jillian piscou.

— O que meus ouvidos têm a ver com isto?

— Muito. Se você tiver um distúrbio no ouvido interno, isso pode afetar o equilíbrio.

— E onde você teve seu treinamento médico? — Ela indagou.

— Eu passo algum tempo em salas de emergência, com vítimas e bandidos também.

Aprendo muito sobre problemas médicos desse jeito.

— Eu esqueci.

Ele encolheu os ombros.

— Faz parte do trabalho.

— Eu não tenho dores no ouvido, — ela disse, e desviou os olhos. — Nós não devíamos ir logo?

Jillian estava escondendo alguma coisa. Um montão, talvez. Ele deixou essa passar.

— Acho que devíamos.

— Um clube de dança latina em Billings. — Ela sorriu de orelha a orelha. — Que exótico!

— O dono é ainda mais exótico. Você vai gostar dele. — Ted se inclinou pra mais perto. —

Ele era um contrabandista de armas em sua juventude selvagem.

— Uau!

— Achei que ficaria impressionada. Eu também fiquei.

— Você tem uma coleção interessante de pessoas estranhas em sua vida, — ela comentou a caminho da caminhonete dele.

— Faz parte do-...

— Trabalho. Já sei. — Ela sorriu abertamente quando viu a caminhonete.

— Lavada e encerada, huh? — provocou.

— Bem, você não pode levar uma bela mulher para dançar em um caminhão sujo, — ele declarou.

— Eu não teria me importado.

Ted virou para ela no lado do passageiro da caminhonete e abaixou o olhar solenemente para ela na luz da luminária de segurança de um poste perto dali. O rosto dele estava sombrio.

— Não, você não teria. Você não olha contas bancárias para julgar amizades. É uma das muitas coisas que eu gosto em você. Saí com uma advogada uma vez que veio aqui investigar um caso para um cliente no tribunal do distrito. Quando ela viu a caminhonete, a antiga que eu tive vários anos atrás, ela realmente caiu fora do encontro. Disse que não queria que nenhuma pessoa importante na comunidade a visse andando por aí num pedaço de lata velha.

Jillian ofegou.

— Não! Que terrível para você!

As altas maçãs do rosto dele ganharam um leve rubor. Sua indignação o fez se sentir aquecido por dentro.

— Algo que você nunca teria dito para mim, mesmo sendo tão direta quanto você é. Isso me fez ficar afastado das mulheres durante algum tempo. Não que eu ao menos gostasse dela. Mas feriu meu orgulho.

— Como se um veículo fosse algum padrão no qual se basear uma avaliação de caráter, — ela bufou de raiva.

Ele sorriu ternamente.

— Chefes de polícia de cidade pequena normalmente não dirigem Jaguar. Embora este sujeito que eu conheço no Texas dirija. Mas ele ganhou seu dinheiro como mercenário, não a serviço da lei.

— Eu gosto de você exatamente do jeito que é, — Jillian disse a ele com tranquilidade. — E não importaria a mim se tivéssemos que caminhar até Billings para ir dançar.

Ted apertou os dentes. Ela o fazia se sentir mais alto, mais masculino, quando o olhava assim. Ele estava lutando com emoções mais intensas do que havia sentido em anos. Queria agarrá-la e comê-la viva. Mas Jillian precisava de tratamento cuidadoso. Ele não podia ser ousado com ela. Não até que pudesse ensiná-la a confiar nele. Isso levaria tempo.

Ela se sentia desconfortável quando ele fazia uma carranca assim.

— Desculpe, — ela disse. — Eu não pretendia botar tudo isso pra fora e chatear você...

— Você me faz sentir bem, Jake, — ele interrompeu. — Eu não estou chateado. Bem, não pelos motivos que você está pensando, de qualquer maneira.

— Que motivos chatearam você?

Ele suspirou.

— Para ser direto, eu gostaria de deitá-la de costas dentro da caminhonete e beijá-la quase até a morte. — Ele sorriu pervertidamente ante sua expressão chocada. — Não farei isto, — ele prometeu. — Só estou dizendo a você o que realmente estou sentindo. A honestidade é algo irrelevante para a maioria das pessoas. Ela é a primeira na minha lista de necessidades.

— Na minha também. Está tudo bem. Eu gosto quando você é sincero

— Você é do mesmo jeito, — ele assinalou.

— Acho que sim. Talvez eu seja muito direta, às vezes.

Ele sorriu.

— Eu chamaria isso de ser franca. Eu gosto disto.

Ela se iluminou.

— Obrigada.

Ted verificou seu relógio.

— Precisamos ir. — Ele abriu a porta para ela e esperou até que Jillian saltasse para dentro da cabine e apertasse o cinto de segurança antes dele fechar a porta.

— Me impressiona o fato de eu não ter que te dizer para colocá-lo, — ele disse enquanto ligava o motor, acenando com a cabeça em direção ao cinto de segurança. — Não saio com pessoas que se recusam a usá-lo. Eu trabalho em acidentes. Alguns deles são horrorosos, e as piores fatalidades são quando as pessoas não estão usando cintos de segurança.

— Fiquei sabendo disto.

Ele saiu em direção à estrada.

— Aqui vamos nós, Jake. Nosso primeiro encontro. — Ele deu um largo sorriso. — Nossos tios provavelmente estão rindo até estourar suas cabeças fantasmagóricas.

— Eu não duvidaria disto. — Ela suspirou. — Mesmo assim, não foi legal de nenhum deles armar com o testamento assim.

— Acho que eles não esperavam morrer por anos e anos, — ele comentou. — Talvez fosse uma brincadeira. Eles esperavam que o advogado nos contasse antes deles morrerem. Exceto que ele morreu primeiro e seu sócio não tinha nenhum senso de humor.

— Eu não sei. Nossos tios gostavam mesmo de manipular pessoas.

— Demais, — ele murmurou. — Eles intimidaram o pobre velho Dan Harper para se casar com Margarida Kane, e ele foi infeliz. Eles pensavam que ela era uma garota doce e amável que nunca iria querer nada mais que continuar morando em Hollister pelo resto de sua vida.

— Então ela descobriu uma fascinação por microscópios, conseguiu um diploma em ciências e se mudou para a cidade de Nova Iorque para trabalhar num laboratório de pesquisa. Dan não deixaria Hollister, então eles se divorciaram. Foi uma boa coisa eles não terem filhos, eu acho.

— Acho que sim. Especialmente com Dan vivendo numa garrafa de uísque ultimamente.

Jillian olhou rapidamente para ele.

— Talvez algumas mulheres amadureçam tarde.

Ela a olhou de volta.

— Você vai desenvolver uma fascinação por microscópios e se mudar para Nova Iorque?

— Ele perguntou desconfiado.

Ela riu sem parar.

— Eu espero que não. Eu odeio as cidades.

Ted sorriu abertamente outra vez.

— Eu também. Só checando.

— Além disso, como eu poderia deixar Sammy? Tenho certeza que não existe um apartamento numa cidade grande que te deixaria ter uma bezerra morando nele.

Ele riu.

— Bem, eles deixariam. Mas apenas na geladeira. Ou no congelador.

— Morda a língua! — Ela exclamou. — Ninguém vai comer minha vaca!

Ele franziu pensativamente as sobrancelhas.

— Bom ponto. Eu não estou exatamente certo se sei como limpar e desossar uma vaca. Um boi, com certeza. Mas as vacas são, bem, diferentes.

Ela o encarou com raiva.

— Você não vai desossar a Sammy, então pode esquecer!

Ted suspirou.

— Lá se vão os meus sonhos de um belo bife.

— Você pode comprar um no restaurante da cidade a qualquer hora que quiser. Sammy é de estimação, não para comer.

— Se você diz.

— Eu digo!

Theodore amava provocá-la e ver a explosão. Ela era tão cheia de vida, tão entusiástica sobre tudo o que era novo. Ele adorava ficar com ela. Havia todas as sortes de lugares que poderia levá-la. Ele estava pensando à frente. Muito à frente.

— Você está sorrindo de um jeito malicioso, — ela acusou. — No que está pensando?

— Estava apenas lembrando o quão excitada você fica sobre novas coisas, — ele confessou. — Eu estava pensando em lugares que podíamos ir juntos.

— Estava? — Ela perguntou surpresa. E lisonjeada.

Ele sorriu para ela.

— Eu nunca saí com ninguém regularmente, — disse. — Quero dizer, eu tive encontros. Mas isto é diferente. — Ele procurava um jeito de pôr em palavras o que estava pensando.

— Você quer dizer, porque nós estamos meio que sendo forçados a isso pelos testamentos.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Não. Não é isso o que eu quero dizer. — Ele parou numa interseção e olhou rapidamente para o lado dela. — Geralmente não tenho encontros regulares com uma mulher que eu conheça bem há anos e anos, — ele disse depois de um minuto. — Alguém que eu goste.

Ela se iluminou.

— Oh!

Ted deu uma risada enquanto saía para a longa rodovia que levava a Billings.

— Nós temos esses nossos encontros do tipo duelo de espadas, mas apesar dessa língua afiada, eu adoro estar com você.

Ela riu.

— Minha língua não é tão afiada assim.

— Não para mim. Eu fiquei sabendo que tem um antigo cliente da floricultura onde você trabalhava que poderia escrever uma carta de recomendação para você sobre o seu uso de palavras numa briga.

Ela ruborizou e mexeu nervosamente em sua bolsa.

— Ele era obnóxi⁸.

— Na verdade disseram que o cara estava apenas tentando te convidar para sair.

— Foi o jeito que ele fez isto, — Jillian disse de forma curta. — Eu não acho que um homem já tenha falado comigo assim em toda minha vida.

— Não creio que ele alguma vez usará a mesma linguagem com qualquer outra mulher, se isso servir de consolo. — Ele provocou. — Acabou com o ego inflado dele.

⁸ **Obnóxi**: Desprezível

— Ele achava que era irresistível, — ela murmurou. — Se gabando sobre seu novo carro veloz e a conta bancária do papai, e como ele podia conseguir qualquer mulher que quisesse. — Seus lábios se endureceram. — Bem, ele não conseguiu esta aqui.

— Garotos adolescentes têm inseguranças, — Ted disse. — Eu posso falar com confiança sobre esse assunto, porque eu mesmo costumava ser um. — Ele olhou para ela com olhos pretos brilhantes. — Eles são serpentes africanas.

Ela piscou.

— Como é que é?

— Eu mesmo nunca vi uma, mas eu tinha um amigo no serviço que era de Geórgia. Ele me falou sobre elas. Eles são estas serpentes com inseguranças.

Jillian desatou a rir.

— Serpentes com inseguranças?

Ele confirmou com a cabeça.

— Elas têm horror às pessoas. Então se humanos chegam muito perto delas, se levantam em suas caudas, balançam de um lado para outro, incham suas gargantas e começam a emitir um assobio. Sabe, imitando uma naja. Na maioria das vezes, as pessoas acreditam que elas são najas de verdade e fogem.

— E se as pessoas empacam e não correm?

Ele riu.

— Elas apagam.

— *Elas apagam?*

Ted confirmou com a cabeça.

— Se fingindo de mortas, meu amigo disse. Ele levava um amigo pra casa com ele. Estavam caminhando pelos campos quando uma serpente do deserto surgiu e fez sua performance para o amigo. O cara estava prestes a correr quando meu amigo caminhou bem em direção à serpente e ela apagou, se fingindo de morta. Fiquei sabendo que a família dele ainda está contando a história acompanhada de efeitos sonoros e gozação.

— Uma serpente que desmaia. — Ela suspirou. — O que tenho perdido, passando minha vida inteira em Montana. Eu não teria reconhecido uma também, de qualquer maneira. Nunca vi uma naja.

— Tem delas nos zoológicos, — ele assinalou.

— Eu nunca fui ao zoológico.

— O quê?

— Bem, Billings é muito longe de Hollister e nunca tive um veículo que me sentisse confortável para ir até lá. — Ela fez careta. — É uma estrada muito deserta na maior parte do tempo. Se o carro enguiçasse, eu ficaria preocupada com que tipo de pessoa poderia parar para me ajudar.

Ele lhe fez uma discreta avaliação. Jillian era uma pessoa tão privada. Ela guardava coisas para si mesma. Lembrando de seu tio e o coração fraco dele, não se surpreendia que ela tivesse aprendido a fazer isto.

— Você não podia conversar com seu tio sobre a maioria das coisas, não é, Jake? — Ele indagou em voz alta.

— Para falar a verdade não, — ela concordou. — Eu tinha medo de incomodá-lo, especialmente depois do seu primeiro ataque cardíaco.

— Então você aprendeu a guardar as coisas para si mesma.

— Eu praticamente tive que fazer isso. Nunca tive amigas íntimas, também.

— A maioria das garotas de sua idade estão casadas e têm filhos, exceto aquelas que entraram para o serviço militar ou se mudaram para as cidades.

Ela concordou com a cabeça.

— Eu sou uma regressão à outra era, quando mulheres moravam em casa até se casarem. Caramba, o mundo mudou, — ela comentou.

— Com certeza mudou, — ele concordou. — Quando eu era menino, os aparelhos de televisão eram grandes, corpulentos e em gabinetes. Agora eles são tão finos e leves que as pessoas podem pendurá-los nas paredes. E meu iPod faz tudo que uma televisão consegue fazer, como exibir filmes, mostrar as notícias e dar informações sobre o tempo.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não foi exatamente isso o que eu quis dizer.

Ted levantou as sobrancelhas.

— O que eu quero dizer é que as mulheres parecem querer carreiras e homens em grande quantidade.

Ele limpou a garganta.

— Isso não saiu direito. — Ela riu constrangida. — É só que me parece que as mulheres estão mais do jeito que os homens costumavam ser. Elas não querem compromisso. Elas têm carreiras e vivem com homens. Eu ouvi uma locutora dizer que casamento é um conceito muito *retrô* para pessoas modernas.

— Sempre existiram pessoas que viveram fora da tendência popular, Jake, — ele disse com facilidade. — É uma escolha.

— Não seria a minha, — ela disse de forma curta. — Pra mim as pessoas deveriam se casar, *permanecer* casadas e criar os filhos juntas.

— Agora este é um ponto de vista que eu gosto.

Jillian o estudou com curiosidade.

— Você quer filhos?

Ele sorriu.

— Claro. Você não?

Ela desviou os olhos.

— Bem, sim. Algum dia.

Ele suspirou.

— Eu continuo esquecendo como você é jovem. Você realmente não teve tempo de viver ainda.

— Você quer dizer ficar fascinada por microscópios e mudar para Nova Iorque, — ela disse com um sorriso.

Ele riu.

— Algo assim, talvez.

— Eu nunca conseguia ver as coisas nos microscópios no segundo grau, — ela recordou. — Eu fiquei tão excitada quando finalmente encontrei o que pensei ser um organismo e o professor disse que era uma bolha de ar. Isto foi tudo que eu já consegui encontrar. — Ela fez uma careta. — Eu fiquei a dois pontos de repetir em biologia. Do jeito que estava, eu passei com a nota mais baixa da minha classe inteira.

— Mas você sabe cozinhar como um anjo, — ele assinalou.

Ela franziu as sobrancelhas.

— O que isso tem a ver com microscópios?

— Estou fazendo uma observação, — ele respondeu. — Todos nós temos habilidades. A sua é cozinhar. A de outra pessoa poderia ser ciência. Seria um mundo muito chato se todos nós fôssemos bons nas mesmas coisas.

— Entendi.

Ele sorriu.

— Você sabe fazer crochê, também. Minha avó amava os trabalhos manuais dela, como você. Ela sabia fazer colchas, suéteres de tricô e xales de crochê. Uma mulher de muitos talentos.

— Eles não parecem contar para muita coisa no mundo moderno, — ela respondeu.

— Você já olhou de verdade para a prateleira de revista, Jake? — Ele perguntou, surpreso. — Existem mais revistas de trabalhos manuais do que de estrelas do rock, e isto já diz alguma coisa.

— Eu nunca reparei. — Ela olhou ao redor. Eles estavam acabando de entrar em Billings. Logo à frente, ela podia ver o incrível contorno das Rimrocks⁹, onde o aeroporto ficava localizado, ao longe. — Já chegamos? — Ela exclamou.

— Não é tão longe de casa, — ele disse preguiçosamente.

— Não, na velocidade você vai, não, — ela disse descaradamente.

Ele riu.

— Não tinha trânsito nenhum e não somos excessivamente abençoados com patrulhas rodoviárias nesta hora da noite.

— Você prende os motoristas que ultrapassam os limites de velocidade, e você faz parte do serviço de execução da lei local, — ela assinalou.

— Eu não os prendo nas interestaduais a menos que estejam dirigindo nela pela minha cidade, — ele respondeu. — E não é tanto a velocidade que faz com que eles sejam presos, de qualquer maneira. É o modo que estão dirigindo. Você pode estar seguro em altas velocidades e em perigo em baixas. Cortando pra dentro e pra fora do trânsito, andando grudado no para-choque das pessoas, avançando sinais vermelhos, este tipo de coisa.

— Eu vi aquele programa de televisão onde um guarda de trânsito experiente disse que o que mais o assustava era ver um motorista com ambas as mãos com os nós dos dedos brancos e fechadas apertadas junto ao volante.

Ele acenou com a cabeça.

— Há exceções, mas isso normalmente significa alguém que seja inseguro e com medo do veículo.

— Você não é.

Ele deu de ombros.

— Eu dirijo desde que tinha doze anos. As crianças crescem cedo quando vivem em ranchos. Têm que aprender a operar maquinaria, como tratores e ceifeiras.

— Nosso rancho não tem uma ceifeira.

— Isto é porque nosso rancho não pode se permitir uma, — ele disse, sorrindo. — Mas sempre podemos conseguir uma emprestada com os vizinhos.

— As cidades pequenas são lugares tão bons, — ela disse sonhadoramente. — Eu amo o fato das pessoas te emprestarem um equipamento tão caro assim só porque gostam de você.

— Eu imagino que existam pessoas nas cidades que fariam o mesmo, Jake, mas não haveria muita serventia para elas lá.

Jillian riu.

— Não, eu acho que não.

Ele virou a esquina e parou num estacionamento próximo a um comprido e baixo edifício. Havia uma placa de neon que dizia "*Taberna do Red*".

— Isso é um bar? — Ela perguntou.

— Um clube de dança. Eles de fato servem álcool, mas não na pista de dança.

— Theodore, não creio que eu já tenho estado em um bar na minha vida.

— Não se preocupe, eles não te forçarão a beber nada alcoólico, — ele disse a ela, irônico.

— E se tentassem, eu teria que chamar a polícia local para prendê-los. Você é menor de idade.

— Polícia local?

— Eu não tenho autorização para prender pessoas fora da minha própria jurisdição, — ele a lembrou. — Mas você poderia fazer uma prisão civil. Qualquer um pode se ver um crime sendo cometido. É só que não aconselhamos a fazer isto. Poderiam te matar, dependendo das circunstâncias.

— Entendo o que você quer dizer.

Ele saiu e abriu a porta dela, erguendo-a e tirando-a suavemente da caminhonete pela cintura. Ele a segurou bem na sua frente por um minuto, sorrindo para os ternos olhos dela.

⁹ **Rimrocks:** Nome dado a uma formação geológica muito comum no oeste dos Estados Unidos. Aparecem em diferentes estados. No texto refere-se ao *rimrocks* localizado no condado de Yellowstone, no oeste de Billings, Montana.

— Você é tão leve quanto uma pena, — ele comentou suavemente. — E você cheira bem. Uma risadinha chocada deixou sua garganta.

— Eu cheiro bem?

— Sim. Eu me lembro da minha avó pelo cheiro dela. Ela usava uma leve colônia floral. Eu a reconheceria se a sentisse em qualquer lugar. Ela sempre cheirava tão bem.

As mãos dela descansaram ligeiramente nos largos ombros dele. Theodore era muito forte. Amava sua força, seu tamanho. Ela sorriu para seus olhos escuros.

— Você tem um cheiro bom, também. Picante.

Ele esfregou seu nariz no dela.

— Obrigado.

Jillian suspirou e deslizou os braços ao redor do seu pescoço. Enterrou o rosto na garganta dele.

— Eu me sinto tão segura com você, — ela disse suavemente. — Como se nada jamais pudesse me machucar.

— Agora, Jake, esse não é o tipo de coisa que um homem gosta de ouvir.

Ela ergueu a cabeça, surpresa.

— Por quê?

Ele franziu os lábios.

— Nós queremos ouvir que somos perigosos e excitantes, que as provocamos e as deixamos nervosas.

— Você quer?

— É uma figura de linguagem.

Ela procurou seus olhos.

— Você não quer que eu me sinta confortável com você? — Ela hesitou.

— Você não entende sobre o que eu estou falando, não é? — Ted indagou suavemente.

— Não... para falar a verdade não. Eu sinto muito.

Ainda era muito cedo, ele lembrou a si mesmo. Era desapontador que Jillian não ficasse trêmula quando a tocava. Mas, então, ela tinha segredos. Deveria haver uma razão para que ela fosse tão fria por dentro.

Ele a abaixou, mas não a soltou.

— Algumas coisas têm que ser aprendidas, — ele disse.

— Aprendidas.

Ted emoldurou seu rosto com suas mãos grandes e quentes.

— Paixão, por exemplo. — Ela piscou.

Era como descrever gelo para um nômade do deserto. Ele sorriu com desejo.

— Você nunca nem ao menos foi beijada de tal forma que morreria para que acontecesse outra vez?

Ela sacudiu a cabeça. Seus olhos estavam largos e inocentes, inconscientes. Ela corou um pouco e se moveu inquieta.

— Mas você foi beijada de tal forma que preferiria ser torturada a ter isso acontecendo outra vez, — ele disse de repente.

Jillian prendeu a respiração. Ele não podia saber! Não podia!

Os olhos pretos dele se estreitaram no rosto dela.

— Algo aconteceu com você, Jake. Algo ruim. Fez você se fechar para o mundo. E não foi sua experiência com o auditor itinerante.

— Você não poderia saber...!

— Claro que não, — ele interrompeu impacientemente. — Você sabe que eu não fico bisbilhotando. Mas tenho estado a serviço da lei há muito tempo, e aprendi a ler pessoas muito bem. Você tem medo de mim quando chego muito perto de você.

Ela mordeu seu lábio inferior com força. Tirou sangue.

— Pare com isto, — ele disse num tom tenro, tocando seu lábio inferior onde seus dentes o haviam atacado com selvageria. — Eu não vou tentar intimidá-la a me dizer algo que não

queira. Mas eu queria que você confiasse em mim o suficiente para conversar comigo sobre isto. Você sabe que eu não faço julgamentos.

— Não tem nada a ver com isto.

Ele inclinou a cabeça.

— Você não pode me contar?

Ela hesitou notoriamente. Ela queria. Realmente queria. Mas...

Ted se curvou e fechou suas pálpebras com beijos.

— Não. Nós temos todo o tempo do mundo. Quando você estiver pronta para conversar, eu escutarei.

Ela deu uma longa e forçada respiração e deitou sua testa contra o paletó do terno dele.

— Você é o homem mais agradável que eu já conheci.

Ele sorriu sobre sua cabeça.

— Bem, isto é um começo, eu acho.

Jillian também sorriu.

— É um começo.

Capítulo 4



Era o lugar mais animado que Jillian já tinha ido. A banda de baile estava em uma plataforma no final de um corredor longo e largo com um piso de madeira polida. Ao redor da pista não havia balcões, nem mesas e havia um bar na sala ao lado, com três atendentes, dos quais dois eram do sexo feminino. A música era incrível.

Era Latina com L maiúsculo, pulsante e viciante. Na pista de dança, as pessoas se moviam no ritmo. Algumas vestiam jeans e botas, outros estavam vestindo roupas que fariam justiça a uma casa noturna de Nova York. Outras, aparentemente muito intimidadas com o talento que estava sendo exibido na pista de dança, ficavam pela sala, batendo palmas e sorrindo.

— Uau! — disse Jillian, observando um casal particularmente talentoso, um homem grisalho, magro e musculoso com uma mulher esbelta loira mais jovem do que ele. Eles giravam e giravam, rindo, com tanta facilidade, graça e elegância que ela não conseguia tirar os olhos deles.

— Esse é Red Jernigan — ele disse, indicando o homem de cabelos prateados, cujo grosso e longo cabelo estava preso num rabo de cavalo nas suas costas.

— Ele não é ruivo — ela ressaltou.

Ele deu um olhar divertido.

— Não é pela coloração — disse a ela. — Eles o chamavam assim porque em qualquer batalha, ele era o que tinha mais probabilidade de sair ensanguentado.

Ela engasgou.

— Oh.

— Eu tenho alguns amigos estranhos. — Ele deu de ombros e sorriu. — Você vai se acostumar a eles.

Ele estava dizendo algo profundo sobre o futuro deles. Jillian ficou confusa, mas devolveu o sorriso de qualquer maneira.

A dança terminou e Theodore puxou-a junto com ele para a pista de dança, onde o homem de cabelos grisalhos e a mulher loira estavam recuperando o fôlego.

— Ei, Red — ele cumprimentou o outro homem, que sorriu e segurou sua mão. — Bom te ver.

— Faz tempo que você nos visitou. — Os olhos escuros de Red deslizaram para a pequena mulher loira ao lado do chefe de polícia. Ele arqueou as sobrancelhas.

— Esta é Jillian — Theodore disse gentilmente. — E este é Red Jernigan.

— Eu sou Melody — disse a bela mulher loira apresentando-se. — Prazer em conhecê-la. Red deslizou o braço em torno da mulher e puxou-a para perto.

— É bom ver Ted com alguém — observou. — É doloroso ver um homem entrar sozinho numa boate e se recusar a dançar com alguém, exceto a mulher do dono.

— Bem, eu não gosto da maioria das mulheres modernas. — Theodore desculpou-se. Ele sorriu para uma sorridente Jillian. — Assim como Jake.

— Jake? — Red perguntou, piscando.

— Ele sempre me chamou assim — Jillian suspirou. — Eu o conheço há muito tempo.

— É verdade — Theodore acrescentou sorrindo. — Ela gosta de gado.

— Eu não — Melody riu. — Coisas fedidas.

— Ah, mas eles não ficam fedorentos, se estiverem limpos — Jillian protestou imediatamente. — Sammy está sempre limpa.

— Seu bezerro — explicou Theodore.

— Ele é um touro? Red perguntou.

— Ela é uma vaca — Jillian corrigiu. — Uma pequena black baldy¹⁰.

Red e Melody deram um olhar estranho para ela.

— Como um conhecido meu em Jacobsville, Texas, diria — Red lhes disse — se Johnny Cash cantava sobre uma garota chamada Sue, uma pessoa pode ter uma fêmea de um animal com um nome masculino. — Ele se inclinou mais perto. — Ele tem um border collie fêmea chamada Bob¹¹.

Eles caíram na gargalhada.

— Bem, não fiquem aqui com a gente, pessoas de idade — Red disse a eles. — Juntem-se a geração mais jovem e mostre-lhes como dançar tango.

— Você não é velho, Bud — disse Theodore a seu amigo com os olhos brilhando. — Você é apenas um fio de cabelo mais lento do que costumava ser, mas com as mesmas habilidades.

— Espero nunca ser chamado para usá-las novamente — Red respondeu solenemente. — Ainda estou na reserva.

— Eu sei.

— Red era Coronel da Força Aérea de um Grupo de Operações Especiais — explicou Theodore a Jillian mais tarde, quando estavam sentados em uma mesa experimentando o bife requintadamente cozido e temperado da casa, acompanhado de batata-doce assada, que era tão famoso quanto sua banda de baile.

— E ele ainda é? — Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Red pode obter mais dos recrutas do que qualquer homem que eu conheço e sem intimidá-los. Ele só os encoraja. Claro, há momentos em que ele tem que ficar um pouco mais criativo, do tipo selvagem.

— Criativo?

Ele sorriu.

— Havia este gigante de garoto, de Milwaukee, que foi designado à sua unidade no campo. O garoto jogava videogames e achava que sabia mais sobre estratégia e táticas que Red. Então, Red mandou-o em direção ao inimigo, mas com apoio encoberto.

— O que aconteceu? — Ela perguntou espantada.

— O garoto caminhou diretamente para um esquadrão inimigo e congelou no caminho. Uma coisa é fazer isso numa tela de computador. Outra bem diferente é enfrentar homens armados na vida real. Eles estavam apontando suas armas para ele quando Red levou um esquadrão para resgatá-lo. Demorou cerca de dois minutos para eliminarem a ameaça e o

¹⁰ **Black Baldy** é um termo usado na Austrália, Nova Zelândia e América do Norte para um tipo de gado de corte produzido pelo cruzamento de Hereford com Aberdeen Angus. Ele tem a cara branca como o do Hereford, mas a cor vermelha do corpo Hereford é substituído pelo preto do Angus.

¹¹ Esse amigo de Jacobsville citado aqui é o **Cy Parks** (Uma Mulher Para Amar – Soldados da Fortuna 5).

commando¹² Carl voltar para suas próprias linhas. — Ele balançou a cabeça. — Na empolgação, o garoto teve, digamos a necessidade de ir a um banheiro e não tinha um. Então, eles lhe deram um apelido que pegou.

— Diga-me!

Ele riu.

— Vamos apenas dizer que lhe convinha. Ele amadureceu, engoliu seu orgulho, aprendeu a seguir ordens e ganhou a confiança da unidade. Mais tarde se tornou prefeito de uma cidade pequena em algum lugar no norte, onde ainda é conhecido, por poucos privilegiados como "Fedorento".

Ela riu alto.

— Na verdade, ele estava em boa companhia. Eu li num livro sobre a II Guerra Mundial que um dos nossos melhores generais fez a mesma coisa quando seu comboio ia de encontro a um ataque alemão. Coitadinho. Aposto que "Fedorento" se encolhe toda vez que vê o livro do general em uma prateleira.

— Eu não duvido.

Jillian tomou um gole de chá gelado e sorriu.

— Esta comida é realmente boa — ela disse. — Nunca comi um bife tão macio, nem mesmo os que eram feitos com a carne do gado do meu tio.

— Esta é carne de Kobe — ressaltou. — Red recebeu-a do Japão. Deus sabe como — acrescentou.

— Eu li sobre isso. Eles não massageiam o gado de corte?

— Eles o mimam — ele concordou. — Você tem que experimentar a batata doce — aconselhou. — É realmente uma combinação única de especiarias que eles usam.

Ela franziu o cenho, pegando-a com o garfo.

— Eu já comi algumas batatas-doces e na sua maioria tinha gosto ruim.

— Só experimente.

Ela espetou-a com o garfo, ergueu-o em dúvida para os lábios e de repente prendeu a respiração quando o gosto atingiu sua língua como dinamite.

— Uau! — Exclamou. — Como eles chamam isso?

— Red chama de "a suprema batata doce deliciosamente apimentada".

— É divino!

Ele riu.

— Não é? A pimenta dá-lhe um coice de mula, mas não é tão quente que quem não está acostumado não consiga comê-la.

— Eu nunca teria pensado em tal combinação. E eu pensei que fosse uma boa cozinheira.

— Você é uma boa cozinheira, Jake — ele disse. — A melhor que eu já conheci.

Ela corou.

— Obrigada, Theodore.

Ele ergueu a cabeça.

— Eu acho que a mataria encurtá-lo.

— Encurtar o quê?

— Meu nome. A maioria das pessoas me chama de Ted.

Jillian hesitou com o garfo no ar. Ela procurou seus olhos negros por um longo tempo.

— Ted — ela disse baixinho.

Sua mandíbula ficou tensa. Ele não esperava que aquilo tivesse esse efeito sobre ele. Ela tinha uma voz suave, doce e sexy quando ficava relaxada ao lado dele. Ela fazia seu nome ter um som diferente, especial. Novo.

— Eu gosto do jeito como você o diz — ele disse, enquanto ela lhe dava um olhar preocupado. — É... — ele procurava por uma palavra que não a intimidasse — é estimulante.

— Estimulante. — Ela não entendeu.

¹² **Commando**: soldado escolhido para missões perigosas de ataque.

Ele pousou o garfo com um longo suspiro.

— Algo aconteceu com você — ele disse calmamente. — Você não me conhece suficientemente bem para falar comigo sobre isso. Ou talvez você esteja com medo de que eu poderia ir atrás do homem que fez isso.

Jillian estava atônita. Não conseguia dizer uma palavra. Apenas olhou para ele, chocada.

— Sou policial — lembrou-a. — Depois de alguns anos, você lê a linguagem corporal de uma forma diferente do que a maioria das pessoas. Crianças maltratadas têm um olhar, um jeito de vestir e de agir, que é óbvio para um policial.

Ela ficou branca. Mordeu o lábio inferior e os dedos brincavam com o garfo enquanto olhava, lutando contra as lágrimas.

Sua mão grande cobriu a dela, delicadamente.

— Eu gostaria que você me contasse. Acho que iria ajudá-la.

Ela o olhou em silêncio, os olhos resignados.

— Você não... pensará mal de mim?

— Pelo amor de Deus! — ele gemeu. — Você está louca?

Ela piscou.

Ted fez uma careta.

— Desculpe. Não tive intenção de colocar dessa maneira. Nada que eu descubra sobre você mudaria a forma como me sinto. Se é por isso que você está relutante.

— Você tem certeza?

Ele olhou para ela.

Jillian baixou os olhos e enlaçou sua mão pequena na grande dele, um gesto de confiança que o tocou de uma maneira nova e diferente.

— Quando eu tinha quinze anos, Tio John tinha um jovem empregado que fazia alguns serviços. Ele era um nômade, muito inteligente. Parecia ser uma pessoa agradável, confiável para se ter em casa. Então um dia, Tio John se sentiu mal e foi para a cama, deixou-me com o homem contratado na cozinha. — Sua mandíbula enrijeceu. — No início, ele era prestativo. Queria colocar o lixo pra fora para mim e varrer o chão. Eu pensei que era tão legal da parte dele. Então, de repente, ele perguntou qual era o meu tamanho de sutiã e se eu usava calcinha de nylon.

Os olhos de Theodore começaram a faiscar.

Ela engoliu em seco.

— Fiquei tão chocada que não sabia o que fazer ou dizer. Pensei que fosse alguma piada de mau gosto. Até que ele tentou tirar a minha roupa, resmungando o tempo todo que eu precisava de alguém para me ensinar sobre os homens e ele era a pessoa perfeita, porque teve muitas virgens.

— Bom Deus!

— Tio John estava dormindo. Não havia ninguém para me ajudar. Mas os Peales viviam bem na estrada e eu sabia o caminho pela floresta para a sua casa. Eu bati nele em um lugar ruim e sai correndo pela porta tão rápido quanto meus pés podiam me levar. Já estava quase nua. — Fechou os olhos, tremendo com a lembrança do terror que sentira, correndo e ouvindo-o amaldiçoar atrás dela enquanto atravessava o bosque em perseguição. — Não pensei no perigo que poderia estar colocando Sassy Peale, sua mãe e sua irmã de criação, apenas sabia que iriam me ajudar e eu estava apavorada. Bati na porta e Sassy veio atender. Quando ela viu minha aparência, correu para o armário do corredor onde guardava a espingarda. Nesse momento o empregado estava na varanda, Sassy tinha a arma carregada e apontada para a sua barriga. Ela disse que se ele se movesse o explodiria.

Jillian tomou um gole de chá, enquanto se acalmava da lembrança do pavor. Sua mão tremia, mas só um pouco. Sua mão livre ainda estava apertada suavemente na de Theodore.

— Ele tentou me culpar por isso, dizendo que eu flertava e tentava seduzi-lo, mas Sassy não acreditou. Ela manteve a calma até sua mãe chamar a polícia. Levaram-no embora. — Ela respirou fundo. — Houve um julgamento. Foi horrível, mas pelo menos foi em sessão fechada,

no gabinete do juiz. O homem contratado pediu um acordo. Veja, ele tinha antecedentes, muitos deles. Pegou uma condenação grande, mas pelo menos fui poupada de um julgamento público. — Ela tomou um gole de chá novamente. — Sua irmã morava em Wyoming. Ela veio me ver depois do julgamento. — Seus olhos se fecharam. — Ela disse que eu era uma prostituta e que não podiam colocar um cara doce e agradável como ele atrás das grades por anos. — Ela conseguiu dar um sorriso. — Sassy estava na cozinha quando a mulher chegou à porta. Ela marchou para a sala e disse o diabo à mulher. Ela contou sobre os antecedentes de seu irmão e das várias meninas inocentes que tinham sofrido por causa de sua incapacidade de controlar seus próprios desejos. Ela foi eloquente. A mulher calou-se e foi embora. Nunca mais ouvi falar dela. — Ela olhou para ele. — Sassy tem sido minha amiga desde então. Não próxima, infelizmente. Eu estava tão envergonhada por ela saber sobre isso que fiquei inibida com ela e todos os outros. Todo mundo acreditaria na irmã do homem e eu teria que responder por isso.

Seus dedos pressionaram mais os dela.

— Nenhuma jovem pede por tais abusos — ele disse baixinho. — Mas os abusadores usam esse argumento para se defender. É uma mentira, como todas as outras mentiras deles.

— Às vezes — ela disse, para ser justa — as mulheres mentem e homens inocentes vão para a cadeia por coisas que não fizeram.

— Sim — ele concordou. — Mas na maioria das vezes, essas mentiras são descobertas e as próprias mulheres são punidas por isso.

— Eu acho que sim.

— Eu não estava aqui quando isso aconteceu.

— Não. Você estava naquele seminário na Academia do FBI. E eu pedi à juíza para não contar a você ou para qualquer outra pessoa. Ela foi muito gentil comigo.

Ted olhou por cima da cabeça dela, os olhos frios e negros brilhavam, enquanto ele pensava no que poderia ter feito ao homem se estivesse na cidade. Ele não estava interessado em Jillian como mulher naquela época, porque ela ainda era quase uma criança, mas sempre gostara dela. Ele teria limpado o chão com o homem.

A expressão dele a fez se sentir quente por dentro.

— Você teria dado uma surra nele na rua principal — arriscou.

Ele riu surpreso e encontrou os olhos dela.

— Provavelmente, algo pior que isso. — Ele fez uma careta. — Primeiro o homem contratado, em seguida, o contador.

— O contador foi culpa minha — ela confessou. — Eu nunca disse a ele quantos anos tinha e eu estava apaixonada por ele. Ele estava bebendo quando tentou me convencer. — Ela balançou a cabeça. — Eu não posso acreditar que fiz isso.

Ele olhou para ela.

— Você era uma garota, Jake. Crianças não são conhecidas pela profunda reflexão.

Ela sorriu.

— Obrigada por não ser crítico.

Ele deu de ombros.

— Eu sou um homem tão bom que nunca julgo.

Jillian arqueou as sobrancelhas.

Ele sorriu.

— E eu sei dançar tango. Posso te ensinar?

Ela estudou o rosto magro, bonito.

— Dizem que é um tipo de dança muito sensual.

— Muito. — Ele mordeu os lábios. — Mas eu não sou um homem agressivo. Não vou assustá-la de jeito nenhum.

Ela corou um pouco.

— Sério?

— Verdade.

Ela respirou profundamente.

— Eu acho que toda mulher deveria dançar tango pelo menos uma vez.

— Exatamente o que penso.

Limpou a boca com o guardanapo de linho, tomou um último gole do excelente, mas frio café e ficou em pé.

— Porém, você tem que ficar atenta a sua volta na pista de dança — ele disse a ela enquanto a levava em direção a pista.

— Por que isso?

— Quando as mulheres virem o grande dançarino que sou, provavelmente te atacam e me levarão para longe de você — ele brincou.

Ela riu.

— Ok. — Ela se inclinou em direção a ele. — Você está armado?

— Você está brincando? — Perguntou, indicando a automática no seu cinto. — Eu sou um policial. Estou sempre armado. E você mantenha suas pequenas mãos longe da minha pistola — acrescentou com firmeza. — Eu não deixo as mulheres brincarem com ela, mesmo que digam que serão cuidadosas.

— Theodore, tenho medo de armas — lembrou-o. — E você sabe disso. É por isso que senta na varanda e atira em garrafas em tocos de árvores, só para me irritar.

— Vou tentar me corrigir — prometeu.

— Mentira.

Ele colocou a mão sobre o coração.

— Eu só minto quando estou salvando os sentimentos de alguém — ressaltou. — Há momentos em que dizer a verdade é cruel.

— Ah, é? Diga um.

Ele acenou com a cabeça discretamente para uma mulher contra a parede.

— Bem, se eu dissesse para aquela moça simpática que seu vestido parece uma fantasia de carnaval, ela provavelmente se sentiria mal.

Jillian mordeu os lábios tentando não rir.

— Ela provavelmente acha que parece sexy.

— Oh, não. Sexy é um vestido que cobre quase tudo, mas deixa um pequeno lugar tentador a mostra — ele disse. — É por isso que os quimonos japoneses têm que ser cavados na parte de trás do pescoço, só revelando a nuca, enquanto o resto da mulher fica coberto da cabeça aos pés. O japonês acha a nuca sexy.

— Meu Deus! — Ela olhou para ele impressionada. — Você já esteve em muitos lugares. Eu só saí de Montana uma vez, quando fui à Wyoming com Tio John numa convenção de gado. Nunca estive fora do país. Você aprende muito sobre as outras pessoas quando viaja, não é?

Ted assentiu e sorriu.

— Os outros países têm costumes diferentes. Mas as pessoas são praticamente as mesmas em toda parte. Adorei a viagem, acima de tudo, mesmo quando tive que fazê-las a negócio.

— Como na vez em que foi para Londres com o detetive da Scotland Yard. Imagine um caso britânico, que envolveu uma cidade pequena como Hollister — ela exclamou.

— O criminoso era um assassino que veio para cá pescar para forjar um álibi, enquanto sua mulher cometia o crime e culpava o marido ausente. No final, os dois pegaram pena de prisão perpétua.

— Quem eles mataram? — Ela perguntou.

— O primo dela que foi indicado para herdar a propriedade da família e cerca de dez milhões de libras — ele disse balançando a cabeça. — As coisas que as pessoas sensatas fazem por dinheiro nunca deixam de me surpreender. Quero dizer, não é uma coisa que você pode levar quando morrer. Em quantas casas se pode viver? Quantos carros você consegue dirigir? — Ele fez uma careta. — Eu encaro o dinheiro do mesmo modo que o povo Crow e Cheyenne fazem. Da maneira que os nativos americanos fazem. O homem da tribo mais honrado é sempre o mais pobre, porque ele dá tudo o que tem para pessoas que mais precisam. Eles não são capitalistas. Não entendem as sociedades que equiparam o prestígio ao dinheiro.

— E eles compartilham absolutamente tudo — ela concordou. — Eles não entendem a propriedade privada.

Ted riu.

— Nem eu. As florestas, os rios e as montanhas são eternos. Você não pode possuí-los.

— Viu? Esse é o Cheyenne em você falando.

Ele tocou os cabelos loiros dela.

— Provavelmente é. Nós vamos dançar ou falar?

— Você está no comando, não é?

Ele a puxou para a pista de dança.

— Aparentemente. — Ted a puxou suavemente para si e depois hesitou. Depois do que ela disse, não queria fazer nada que pudesse deixá-la assustada. Ele tinha dito.

— Eu não... bem, eu não me sinto desconfortável, assim, com você — ela hesitou, olhando em seus olhos negros. Jillian esboçou um sorriso meio trêmulo. — Eu gosto de estar perto de você. — Ela corou, com medo que tivesse sido muito atrevida. Ou que ele pensasse que ela estava sendo atirada. Sua expressão era confusa.

Ele apenas sorriu.

— Você pode dizer qualquer coisa a mim — ele disse gentilmente. — Eu não vou pensar que você está sendo superficial ou atirada. Ok?

Ela relaxou.

— Tudo bem. Será que vai ser difícil aprender?

— Muito.

Ela suspirou.

— Então acho que devemos começar.

Seus olhos sorriram para ela.

— Acho que deveríamos.

Ted caminhou com ela em torno da pista de dança, para seu divertimento, ensinando-lhe como os passos básicos eram feitos. Não era como os tangos exóticos que ela tinha visto no cinema. Era como o jardim da infância na escola.

Jillian seguiu os seus passos, hesitante no início, então um pouco mais confiante, até se mover com alguma elegância.

— Agora, é aqui que entramos na parte mais exótica — ele disse. — Trata-se de pequenos chutes entre as pernas. — Inclinou-se à sua orelha. — Eu acho que nós deveríamos ter filhos um dia, por isso é muito importante que você não se entusiasme com os pontapés. E você também deve ter muito cuidado com o lugar onde os dará.

Levou um minuto para entender o que ele quis dizer e então ela começou a rir, em vez de ficar envergonhada.

Ele sorriu.

— Basta ter cuidado — disse a ela. — Pronta? É assim que se faz.

Era fascinante a complexidade dos movimentos e a fluidez dos passos enquanto ele marcava o ritmo da música.

— Não parece assim na maioria dos filmes — ela disse enquanto seguia seus passos.

— Isso porque é uma versão estilizada do tango — disse a ela. — A maioria das pessoas não tem ideia de como deve ser feito. Mas existem alguns filmes que entram em detalhes. Um deles foi feito em preto e branco por uma mulher britânica. É o meu favorito. Muito completo. Mesmo com o perigo dos chutes. — Ele riu.

— É argentina, não é? A dança, eu quero dizer.

— Você teria que perguntar a meu amigo sobre isso, eu não tenho certeza. Sei que tem muitos clubes de dança lá que se especializaram em tango. Você deveria dançar com estranhos. É tanto uma expressão social, como uma dança.

— Sério?

Ele afirmou com a cabeça e sorriu.

— Talvez nós devêssemos pegar um balde e colocar todas nossas economias nele. Então,

quando tivéssemos a idade de Red, poderíamos ter o suficiente para comprar passagens para ir a Buenos Aires dançar.

Ela deu uma risadinha.

— Oh, eu tenho certeza que teríamos o valor das passagens em vinte ou trinta anos.

Ele suspirou enquanto a conduzia.

— Ou quarenta. — Ele balançou a cabeça. — Eu sempre quis viajar. Fiz algumas viagens a serviço, mas há muitos lugares que eu adoraria conhecer. Como aquelas ruínas no Peru e as pirâmides, o deserto de Sonora.

Jillian franziu o cenho.

— O deserto de Sonora não é exótico.

Ele sorriu.

— Claro que é. Você conhece aqueles cactos Saguaro que podem viver centenas de anos? E que, se uma parte cair sobre você, ele pode te matar por causa do peso? Você não acha que seja tão pesado, mas eles têm uma coluna vertebral e galhos para suportar o peso da água que eles armazenam.

— Deus! Como você sabe tudo isso?

Ele sorriu.

— *Science Channel, Discovery Channel* e o canal *National Geographic*...

Ela riu.

— Eu gosto de assistir esses, também.

— Eu acho que não perdi nenhum especial sobre a natureza — disse a ela. Ele deu-lhe um olhar divertido. — Agora devo ter dito tudo o que você precisava saber sobre a minha vida social. — Ele sorriu.

Ela riu também.

— Bem, minha vida social não é muito melhor. Esta é a primeira vez que tive um encontro de verdade.

Suas sobrancelhas pretas se arquearam.

Ela corou. Encolheu os ombros. Desviou os olhos.

Ted inclinou seu rosto até ela e sorriu com uma ternura que fez seus joelhos tremerem.

— Eu sinceramente aprovo — ele disse — o fato de você estar se guardando para mim, assim como seu tio queria — acrescentou descaradamente.

Ela quase se dobrou de rir.

— Não é justo.

— Basta seguir o ritmo. — Ele deslizou seu braço ao redor dela e a puxou contra si. Ela prendeu a respiração.

Ele hesitou, seus olhos escuros buscaram os dela para ver se a tinha aborrecido.

— Meu Deus... — ela disse sem fôlego.

Ele ergueu as sobrancelhas.

Jillian desviou os olhos e suas bochechas assumiram um brilho. Ela não sabia como dizer-lhe que as sensações que estava sentindo eram inquietantes. Podia sentir os músculos do peito dele apertado contra os seus seios e isso era estimulante, excitante. Era uma experiência totalmente nova estar junto ao corpo de um homem, sentir o calor de sua força, sentir o cheiro da colônia discreta e picante que ele estava usando.

— Você já dançou com homens antes.

— Sim, claro — confessou. Ela olhou para ele com fascinação. — Mas não, bem, não... me senti assim.

Aquilo o deixou arrogante. Seu queixo se ergueu e ele olhou para ela com possessividade queimando em seus olhos.

— Desculpe — ela disse rapidamente, embaraçada. — Escapou.

Ted baixou a cabeça, de modo que a sua boca estava bem ao lado de sua orelha enquanto ele a conduzia na dança.

— Está tudo bem — ele disse baixinho.

Jillian mordeu o lábio e riu nervosamente.

— Bem, não há problema em se sentir assim *comigo* — ele corrigiu. — Mas você deve saber que é muito errado se sentir assim com qualquer outro homem. Então, você nunca deverá dançar com ninguém além de mim pelo resto de sua vida.

Ela começou a rir novamente.

Ele riu.

— Você aprende rápido, Jake — observou, enquanto ela seguia seus passos com facilidade. — Acho que você pode tornar-se famosa na região nesta dança se praticá-la.

— Você acha? — Ela brincou.

Ele a inclinou de costas sobre seu braço, puxou-a para cima, e girou em torno dela com habilidade. Jillian riu ofegante. Era muito divertido.

— Eu não dançava há anos — ele suspirou. — Eu adoro fazer isso, mas não sou muito de festas.

— Eu também não. Sou mais ficar em casa na cozinha do que em um clube. — Ela fez uma careta. — Isso não é muito moderno para uma mulher. Eu sempre sinto que deveria estar trilhando meu caminho para ser uma executiva ou mergulhando no ensino superior.

— Você gostaria de ser uma executiva?

Jillian fez uma careta.

— Na verdade não. Empregos como esse são exigentes e você tem que querê-lo mais do que tudo. Não sou tão ambiciosa, eu acho. Embora — ela pensou — acho que gostaria de fazer um curso universitário.

— Qual? — Ele perguntou.

— Antropologia.

Ted parou de dançar e olhou-a, fascinado.

— Por quê?

— Eu gosto de ler sobre as civilizações antigas e como os arqueólogos podem aprender com o material esquelético. Eu fico louca com os especiais da *National Geographic* sobre o Egito.

Ele riu.

— Eu também.

— Adoraria ver as pirâmides. Todas, até aquelas no México e na Ásia.

— Há pirâmides aqui nos Estados Unidos — ele a lembrou. — Esses montes enormes de terra que os povos primitivos construíram eram o equivalente às pirâmides.

Jillian parou de dançar.

— Por que você acha que eles os construíram?

— Eu não sei. É só um palpite. Mas a maior parte dos montes de terra está próxima aos rios. Eu sempre pensei que talvez eles estivessem onde a aldeia pudesse fugir da inundação.

— É tão boa quanto qualquer outra teoria — ela concordou. — Mas o que aconteceu no Egito? Eu não acho que eles tinham um problema com enchentes — acrescentou em tom de gozação.

— Bem, não há nenhuma outra teoria sobre isso. Milhares de anos atrás, o Egito era verde e quase tropical, com abundantes fontes de água. Então, quem sabe?

— Era verde? — Ela exclamou.

Ele balançou a cabeça.

— Havia florestas.

— Onde você aprendeu isso?

— Eu leio, também. Acho que foi em Heródoto. Chamavam-lhe o pai da história. Ele escreveu sobre o Egito. Admitia que as informações podiam não ser todas verdadeiras, mas escreveu exatamente o que os sacerdotes egípcios lhe contaram sobre o seu país.

— Eu gostaria de ler o que ele disse.

— Você pode pegar um dos meus livros — ele ofereceu. — Eu tenho várias cópias de suas

*Histórias*¹³.

— Por quê?

Ted fez uma careta.

— Porque eu sempre as perco.

Ela franziu o cenho.

— Como você consegue perder um livro?

— Você tem que vir algum dia à minha casa e ver o porquê.

Os olhos dela faiscaram.

— É um convite? Você sabe, “venha e veja meus livros”?

Ele riu.

— Não, não é uma cantada. Eu realmente quis dizer isso.

— Eu gostaria.

— Você gostaria? — Seu braço se contraiu. — Quando? Que tal sábado que vem? Eu vou te mostrar minha coleção de mapas, também.

— Mapas — ela exclamou.

Ele balançou a cabeça.

— Eu gosto de mapas topográficos e mapas de relevo, o melhor de todos. Me ajuda a entender onde estão localizados os lugares.

Jillian sorriu disfarçadamente.

— Nós poderíamos comparar os mapas.

— O quê?

Ela suspirou.

— Imagino que temos muito em comum. Acho que tenho a metade dos mapas da Rand McNally¹⁴ já publicados!

Capítulo 5



— Bem, não me diga? — Ele riu. — Nós dois somos fanáticos por mapas.

— E amamos história antiga.

— E amamos atirar em alvos da varanda da frente.

Jillian olhou com raiva para ele.

Ele suspirou.

— Vou tentar mudar.

— Você pode errar e disparar em Sammy — ela respondeu.

— Eu sou um pistoleiro infalível.

— Qualquer um pode errar uma vez — ela ressaltou.

— Acho que sim.

Eles pararam na pista de dança, enquanto a banda se preparava para iniciar o próximo número. Quando o fizeram, ele a rodopiou e começaram tudo de novo. Jillian pensou que nunca tinha se divertido tanto em sua vida.

Ted caminhou com ela até a porta da frente, sorrindo.

¹³ As **Histórias**, divididas em nove livros e escrita por Heródoto de Halicarnasso, é a obra básica da História, a primeira a ter este título — e constitui-se na primeira tentativa do homem em sistematizar o conhecimento de suas ações ao longo do tempo. Data de cerca de 440 a.C..

¹⁴ **Rand McNally** é uma editora americana de mapas, atlas, livros didáticos, e globos para usos em viagem, referência, comércio e educacionais.

— Foi um agradável primeiro encontro.

— Sim, foi — ela concordou, sorrindo. — Eu nunca me diverti tanto!

Ele riu. Jillian o fazia se sentir quente por dentro. Ela era uma pessoa tão honesta. Não era tímida ou namoradeira. Apenas dizia o que sentia. Não era uma característica com a qual estivesse acostumado.

— O que você está pensando? — Ela perguntou curiosa.

— Que eu não estou acostumado com pessoas que dizem a verdade.

Ela piscou.

— Por que não?

— Quase todas as pessoas que eu prendo são inocentes — ele enumerou. — Eles estavam com um amigo ou era um caso de identidades trocadas, mesmo quando não havia testemunhas. Ah, e a polícia só os detém e os prendem para se dar bem. Esse é o meu favorito — acrescentou jocosamente.

Ela riu.

— Eu acho que eles desejariam ser inocentes.

— Também acho.

Jillian franziu o cenho.

— Houve alguns rumores sobre aquele homem preso pelo assalto ao banco obter liberdade condicional devido a uma questão técnica. É verdade?

Seu rosto enrijeceu.

— Pode ser. Seu advogado disse que o juiz cometeu um erro em suas instruções ao júri que prejudicou o caso. Eu vi homens saírem em situações semelhantes.

— Ted, ele jurou que iria matá-lo assim que saísse — ela disse preocupada.

Ele apertou os lábios e os olhos escuros brilharam.

— Com medo por mim?

— Claro que estou.

Ele suspirou e puxou a para perto.

— Ora, isso é exatamente o tipo de coisa que faz um homem se sentir bem consigo mesmo, quando uma pequena e doce mulher se preocupa com ele.

— Eu não sou pequena, não sou doce e normalmente não me preocupo — ela ressaltou.

— Está tudo bem se você se preocupar comigo — ele brincou. — Contanto que você não o faça excessivamente.

Ela brincou com o botão de cima do paletó desabotoado.

— Há muitas profissões mais seguras do que ser um chefe de polícia.

Ele franziu o cenho.

— Você está brincando, não é?

Ela fez uma careta.

— Ted, a esposa de Joe Brown era um das amigas do meu tio. Ela era casada com aquele xerife que foi baleado e morto há alguns anos atrás. A mulher disse que passou toda a sua vida de casada sentada ao lado do telefone durante a noite, quase tremendo de preocupação toda vez que ele tinha que sair em um caso, esperando e rezando para que chegasse em casa vivo.

Suas mãos em sua cintura delgada a apertaram inconscientemente.

— Qualquer pessoa que se casa com alguém da aplicação da lei tem que viver com essa possibilidade — ele disse lentamente.

Jillian mordeu o lábio inferior. Estava se vendo sentada ao lado do telefone durante a noite, andando para lá e para cá. Ela era propensa a se preocupar mesmo. Gostava muito de Ted. Não queria que ele morresse. Mas precisamente agora, ela não estava apaixonada. Tinha tempo para pensar sobre o que queria fazer com sua vida. Tinha certeza de que deveria pensar bem antes de mergulhar de cabeça em um relacionamento com ele que conduzisse rapidamente ao casamento. Ela tinha ouvido falar sobre pessoas tão ligadas fisicamente, que era tão viciante, que não podiam suportar a separação. Quando isso acontecesse, não teria a chance de enxergar as coisas racionalmente.

Ted quase podia ver os pensamentos em sua mente. Lentamente, ele a soltou e recuou.

Ela sentiu o distanciamento e era mais do que físico. Ele estava se afastando em todos os sentidos.

Olhou para ele e respirou longamente.

— Eu não tenho certeza se estou pronta, Ted.

— Pronta para quê?

Essa rigidez nele era perturbadora, mas tinha de ser honesta.

— Eu não tenho certeza se estou pronta para pensar em casamento.

Seus olhos negros se estreitaram.

— Jillian, se você não se casar, há um investidor da Califórnia que vai fazer deste lugar um empreendimento com grande impacto turístico e Sammy poderá acabar em um prato.

Ela sentiu as palavras como um golpe no corpo. Seus olhos, atormentados, encontraram os dele.

— Mas isso não é justo, me precipitar em algo sem ter tempo para pensar sobre isso! — Exclamou. — O testamento não diz que temos que nos casar amanhã! Não há limite de tempo real!

Havia, mas ele não queria pressioná-la. Ela estava apreensiva. Não o conhecia muito bem, apesar dos anos que se conheciam e ela não estava pronta para o lado físico do casamento. Jillian era inibida e tinha bons motivos para isso.

— Tudo bem — ele disse depois de um minuto. — Suponha que apenas nos conheçamos e passemos um pouco?

— Quer dizer, encontros e coisas assim?

Ele franziu os lábios.

— Sim. Encontros e coisas assim.

Ela percebeu como Ted era bonito. Em uma multidão, ele sempre se destacava. Era um tipo de pessoa vibrante, não era como ela. Mas gostavam dos mesmos tipos de coisas e eles se davam bem, na maioria das vezes.

— Eu gostaria de conhecer sua casa — ela disse.

— Venho te buscar no sábado de manhã — ele disse calmamente.

Ted esperou sua resposta com impaciência controlada. Ela percebia isso. Ele não tinha certeza de nada sobre ela. Ela odiava ser tão hesitante, mas era um negócio apressado. Teria que tomar uma decisão num futuro próximo ou ver o rancho de Tio John se tornar um resort. Não queria pensar nisso. Por outro lado, se ela dissesse sim a Ted, isso significaria um relacionamento que ela estava certa não estar pronta para assumir.

— Pare de morder o lábio e diga sim — Ted disse a ela. — Vamos trabalhar nos detalhes à medida que avançamos.

Jillian suspirou.

— Ok, Ted — ela disse depois de um minuto.

Ele não tinha percebido que estava segurando o fôlego. Ele sorriu lentamente. Ela estava dando uma oportunidade. Era um começo.

— Ok. — Ele franziu o cenho. — Você não tem nenhuma blusa decotada e calça jeans que pareça que foi costurada no seu corpo, não é?

— Ted!

— Bem, eu só estava pensando — ele disse. — Porque se você tiver, não poderá usá-las em minha casa. Temos um código de vestimenta.

— Um código de vestimenta. — Ela assentiu com a cabeça. — Então, seus cowboys têm que usar vestidos. — Ela assentiu com a cabeça novamente.

Ele deu uma gargalhada. Se inclinou e beijou-a, firme, mas de forma impessoal e desceu os degraus.

— Te vejo no sábado.

— Você chama isto de beijo? — Ela gritou atrás dele e chocou-se com a observação impertinente que tinha soltado de forma impulsiva.

Mas ele não reagiu da maneira que ela esperava. Apenas ergueu a mão e continuou andando.

Eles trabalharam lado a lado na cozinha fazendo o almoço. Ted estava preparando uma omelete enquanto ela preparava torradas com canela e fritava o bacon.

— Café da manhã para o almoço — ela caçoou.

— Hey, muitas vezes tomo o café da manhã no jantar, se estou fora trabalhando em um caso — ele disse indignado. — Não há nenhuma regra que diz que você tem que ter café da manhã de manhã.

— Acho que não.

— Olha, você não sabe como quebrar as regras.

Ela engasgou.

— Você é um chefe de polícia! Não deveria encorajar ninguém a quebrar as regras.

— Está tudo bem enquanto é só relacionado à comida — ele respondeu.

Ela riu, sacudindo a cabeça.

— Você já vai virar o bacon? — Ted perguntou, apontando para ele — ou você realmente gosta dele cru de um lado e preto do outro?

— Se você não gosta desse jeito, poderia fritá-lo sozinho.

— Eu faço omeletes — ele ressaltou. — Sequer como bacon.

— O quê?

— Carne de porco — ele murmurou.

— Eu gosto de bacon!

— Ótimo. Então você pode comê-lo. Eu tenho um belo presunto todo fatiado e cozido na geladeira. Vou pegá-lo.

— Presunto é carne de porco, também!

— Penso nele como bife com cauda enrolada — ele respondeu.

Jillian caiu na gargalhada. Ele era tão diferente fora do trabalho. Ela o tinha visto andando pela calçada da cidade, sério e formal, quase inacessível. Ali, em casa, ele era outra pessoa.

— No que você está pensando? — Ele perguntou.

— Eu? Estava pensando no quão diferente você é em casa que no trabalho.

— Espero que sim — ele suspirou, enquanto colocava a omelete em uma travessa. — Quero dizer, pense no dano à minha imagem, se eu cozinhasse omeletes para os prisioneiros.

— Chefe Barnes costumava fazer isso — ela disse. — Lembro-me de Tio John falando sobre quão doce era aquele homem. Ele mesmo levava os prisioneiros aos funerais quando um membro da família morria e naquele tempo, quando a prisão era na delegacia, cozinhasse para eles também.

— Ele era um homem amável — Ted concordou solenemente.

— E pensar que foi um dos prisioneiros que o matou — ela acrescentou em silêncio, enquanto virava o bacon. — De todas as ironias.

— O homem estava bêbado no momento — Ted disse. — E, se você se lembra, ele se matou apenas algumas semanas depois, enquanto esperava o julgamento. Ele deixou uma nota dizendo que não queria causar a família do Chefe mais nenhuma dor.

— Todo mundo achava aquilo tão estranho — ela disse. — Mas as pessoas esquecem de que os assassinos são como todas as outras pessoas. Eles não nascem planejando matar pessoas.

— Isso é verdade. Às vezes o álcool ou as drogas é que fazem isso. Outras vezes é um impulso que eles não podem controlar. Embora — ele acrescentou — há pessoas que nascem sem consciência. Elas não se importam de matar. Eu as vi nas forças armadas. Não muitas, graças a Deus, mas ocasionalmente.

— Seu amigo que era um franco-atirador, ele era assim?

— Não — Ted disse. — Ele foi treinado para pensar nisso como uma habilidade. Foi

somente mais tarde, quando começou a matar sua alma, que percebeu o que estava acontecendo com ele. Foi quando ele saiu.

— Como foi que ele entrou para a polícia, com esse passado? — Ela perguntou.

Ele riu.

— Tio Sam, muitas vezes não sabe quando sua mão esquerda está fazendo algo diferente da direita — ele comentou. — As agências do governo têm arquivos fechados.

— Ah. Eu entendi. Mas esses arquivos não estão fechados para todos, estão?

— Eles só são acessíveis às pessoas com permissão militar ultra-secreta. — Ele olhou para ela divertido. — Nunca conheci um civil, fora do Poder Executivo, que tivesse um.

— Isso faz sentido.

Ted puxou a cadeira para ela.

— Obrigada — ela disse com surpresa em seu tom.

— Eu estou impressionando você com minhas boas maneiras — ele apontou enquanto se sentava em frente a ela e colocava um guardanapo no colo.

— Estou muito impressionada. — Provou a omelete, fechou os olhos e suspirou. — E não só com seus modos. Ted, que delícia!

Ele sorriu.

— Obrigado.

— O que você colocou nela? — Ela perguntou, tentando decidir qual a combinação de especiarias que ele tinha usado para produzir tal gosto.

— Segredo comercial.

— Você pode me dizer — ela persuadiu. — Afinal, estamos quase noivos.

— O *'quase'* é o porquê de eu não estar dizendo — ele respondeu. — Se as coisas não derem certo, você estará usando os meus temperos secretos em sua própria omelete para outro homem.

— Eu poderia prometer.

— Você poderia, mas eu não vou contar.

Ela suspirou.

— Bem, está deliciosa, de qualquer maneira.

Ele riu.

— O toucinho não está ruim, também — ele admitiu, esquecendo o presunto que precisava ser aquecido. Estava com fome.

— Obrigada. — Ela levantou um pedaço de pão e deu-lhe um olhar frio. — Uma vergonha, não podemos dizer o mesmo da torrada. Sinto muito. Eu estava ocupada tentando não queimar o bacon, por isso queimou a torrada em seu lugar.

— Eu não como torrada.

— Eu sim, mas acho que desta vez não comerei. — Empurrou a torrada para o lado.

Depois que comeram, Ted caminhou com ela ao redor da propriedade. Só tinha alguns novilhos no pasto. Ele tinha comprado umas poucas cabeças de gado Angus com seu tio e eles estavam no rancho que Jillian partilhava com seu Tio John. Ela estava pensativa enquanto passeava ao lado dele, distraidamente descascava um ramo de folhas mortas, pensando sobre o destino do gado premiado de Tio John se ela não se casasse com Ted em breve.

— Pensamentos profundos? — Ele perguntou, as mãos nos bolsos da calça jeans sob seu casaco de lã.

Ela franziu o cenho. Estava vestindo seu casaco de camurça. Uma das franjas prendeu em um galho e ela teve de parar para desembaraçá-lo.

— Eu estava pensando naquele resort — confessou.

— Aqui. Deixe-me soltar. — Ele parou e tirou a franja do ramo. — Você sabe por que estas jaquetas sempre tiveram franjas?

Ela olhou para ele, consciente da sua altura e força tão perto dela. Sentiu o cheiro das árvores, do tabaco e do café.

— Não exatamente.

Ele sorriu.

— Quando os pioneiros precisavam de algo para amarrar um saco, apenas tiravam um pedaço da franja e a usavam. Além disso, a franja retém a água e a mantém longe do corpo.

— Meu Deus!

— Minha avó era cheia de histórias assim. Seu avô era um caçador de peles. Ele viveu no deserto canadense. Era francês. Se casou com uma mulher Blackfoot.

Jillian sorriu surpresa.

— Mas você sempre fala sobre sua herança Cheyenne.

— Isso porque minha outra avó era Cheyenne. Tenho linhagens sanguíneas interessantes. Os olhos dela acompanharam as maçãs altas de sua face, olhos e cabelos negros e a tez oliva.

— A combinação fez um homem muito bonito.

— Eu? bloodlines Ele perguntou surpreso.

Ela sorriu.

— E nem um osso presunçoso em seu corpo, Ted.

Ele sorriu para ela.

— Não há muito para ser convencido.

— Modesto, também.

Ele deu de ombros. Tocou seu rosto com a ponta dos dedos.

— Você tem a pele bonita.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Obrigada.

— Você deve ter herdado da sua mãe — ele disse gentilmente. — Eu me lembro muito bem. Eu era apenas um garoto quando sua mãe morreu, mas ela era bem conhecida localmente. Era a melhor cozinheira em dois municípios. Era sempre a primeira a se sentar com alguém doente ou a levar comida quando havia um funeral.

— O que sei sobre ela foi através de meu tio — Jillian respondeu. — Meu tio a amava. Era sua única irmã, muito mais velha que ele. Ela e meu pai me tiveram inesperadamente, tarde na vida.

O que, ele pensou, tinha sido uma espécie de tragédia.

— E então os dois morreram de gripe, quando eu apenas engatinhava — suspirou. — Eu não conheci nenhum deles. — Olhou para cima. — Você pelo menos conheceu seus pais, não é?

Ele confirmou com a cabeça.

— Minha mãe morreu de um derrame aos trinta anos — ele disse. — Meu pai estava no exterior, trabalhando para uma empresa de petróleo como operário, quando houve um atentado na instalação e ele morreu. Minha avó me trouxe com ela e meu tio se mudou para nos ajudar.

— Nenhum de nós teve uma infância boa — ela disse. — Não que nossos familiares não faziam tudo que podiam por nós — ela acrescentou rapidamente. — Eles nos amavam. Muitas crianças órfãs vivem muito pior.

— Sim, é verdade — ele concordou solenemente. — É por isso que temos organizações que ajudam as crianças órfãs.

— Se algum dia eu ficar rica — ela comentou: — Vou fazer uma doação para eles.

Ted sorriu.

— Eu já faço. Para alguns, pelo menos.

Ela recostou-se contra uma árvore e fechou os olhos, se embriagando com a vista, sons e cheiros da floresta.

— Eu amo o inverno. Sei que não é uma estação popular — ela acrescentou. — Faz frio e há um monte de neve. Mas eu gosto. Posso sentir o cheiro da fumaça das chaminés e lareiras. Se eu fechar meus olhos, isso me lembra as fogueiras. Tio John costumava me levar para acampar com ele quando eu era pequena, para caçar veados.

— Nos quais você nunca atira.

Ela abriu os olhos e fez uma careta.

— Eu não vou atirar no Bambi.

— Bobagem.

— As pessoas não deveriam atirar em animais.

— Essa atitude nos tempos coloniais faria você morrer de fome — ele ressaltou. — Os pioneiros não podiam ir a um supermercado e comprar carne e legumes. Eles tinham que caçar e plantar ou morreriam.

Jillian franziu o cenho.

— Eu não havia pensado nisso.

— Na verdade — ele acrescentou — as pessoas que se recusavam a trabalhar eram expulsas dos fortes para o deserto. Alguns roubavam comida dos índios e eram mortos por isso. Outros morriam de fome ou congelavam até a morte. Era uma vida difícil.

— Por que eles faziam isso? — Ela perguntou em voz alta. — Por que deixavam suas famílias e suas casas e entravam em navios frágeis e velhos e iam para um país que nunca tinham visto?

— Muitos faziam isso para escapar da prisão — ele disse. — Eles tinham dívidas que não podiam pagar. Trabalhavam alguns anos aqui como escravos e depois poderiam ser livres e ter dinheiro para comprar sua própria terra. Ou as pessoas para quem trabalhavam poderiam lhes dar um acre ou dois, se fossem generosas.

— E quando o tempo acabava com suas colheitas e eles não tinham nada para comer?

— Há uma fileira de sepulturas a leste do litoral de pessoas que morreram de fome — ele respondeu. — Um triste fim para um início promissor. Esta é uma terra hostil quando é despojada de supermercados e shopping centers.

Um silêncio caiu entre eles, durante o qual ele fitava as pequenas corredeiras no riacho próximo.

— Isso congela no inverno — ele disse. — Fica bonito.

— Eu gostaria de vê-lo.

Ele se virou.

— Vou trazê-la aqui.

Ela sorriu.

— Ok.

Seus olhos negros olharam longa e profundamente nos dela através da distância, até que sentiu como se alguma coisa quebrasse dentro dela. Ela prendeu a respiração e se forçou a olhar para longe.

Ted não disse nada. Apenas sorriu. E começou a andar novamente.

Jillian adorou que ele não a pressionasse para uma relação mais física. Deu-lhe um espaço para respirar que ela precisava, desesperadamente.

Ele a levou para assistir uma peça em Billings na semana seguinte, uma paródia moderna de uma velha peça sobre duas velhas assassinas e seus vários parentes loucos.

Ela riu até ficar com dor no lado. Mais tarde, quando se dirigiam para casa, ela percebeu que fazia muito tempo desde que tinha se divertido tanto com nada.

— Estou feliz por nunca ter tido parentes como aqueles — ela arriscou.

Ele riu. — Eu também. O primo assassino com o rosto assustador era um tormento, não era?

— O sócio era ainda mais louco.

Ela recostou-se contra o banco, os olhos fechados, ainda sorrindo.

— Foi uma grande peça. Obrigada por me convidar.

— Eu tinha uma folga — ele comentou. — Nós temos fins de semana agitados e fins de semana calmos. Este foi um bem calmo, qualquer um dos meus oficiais poderia se virar por conta própria.

Isso foi um lembrete, e não muito agradável, do que ele fazia para ganhar a vida. Ela franziu a testa na escuridão da cabine, quebrada apenas pela luz azul do painel de instrumentos.

— Ted, você nunca pensou em fazer outra coisa na vida?

— Como o quê? — Ele perguntou. — Ensinar química para estudantes do ensino médio?

Ele fez uma piada sobre isso, mas ela não riu.

— Você não é susceptível de ser morto fazendo isso.

— Eu acho que você não se mantém atualizada com os últimos acontecimentos — ele observou solenemente e começou a relembra-la de vários tiroteios terríveis em escolas.

Jillian fez uma careta.

— Sim, mas são incidentes raros. Você faz inimigos em seu trabalho. E se alguém que você prendeu sair e tentar matar você?

— Faz parte do trabalho — disse laconicamente. — Até agora, tenho tido sorte.

Sorte. Mas isso pode não durar para sempre. Ela poderia se ver sentada ao lado do telefone todas as noites da sua vida, esperando por aquela horrível ligação?

— Você está insistindo na antecipação do pior — ele disse, olhando em sua direção. — Como você acha que as pessoas ficam por que têm entes queridos com doenças crônicas ou que correm risco de vida?

Ela olhou para ele na escuridão.

— Eu nunca tinha pensado nisso.

— Minha avó tinha câncer — ele lembrou-a. — Por anos. Se eu tivesse gasto esse tempo sentado em uma cadeira, pensando nisso, que tipo de vida ela teria tido?

Ela franziu o cenho.

— Solitária.

— Exatamente. Eu sabia que poderia acontecer a qualquer hora. Mas vivi, dia a dia, assim como ela fez. Depois de um tempo, me acostumei com a ideia, como ela fez e nós continuamos com nossas vidas. Ela estava sempre lá, no fundo, mas era algo com o qual simplesmente — ele procurou a palavra — tínhamos que conviver. É assim que maridos e esposas de pessoas na aplicação da lei e militares lidam com isso.

Era um conceito novo para ela, viver com uma realidade aterradora e se acostumar com isso.

— Você é muito jovem — ele disse pesadamente. — Seria mais difícil para você.

Provavelmente seria. Ela não respondeu. Era algo novo para pensar.

Ted caminhou com ela até os degraus da porta da frente. Ele ficava bem em um terno, pensou ela sorrindo.

— O que você está pensando? — Ele provocou.

— Que você parece muito elegante de terno.

Ele deu de ombros.

— É um belo terno.

— É um belo homem usando-o.

— Obrigado. Eu gosto do seu vestido.

Ela sorriu.

— É velho, mas eu gosto da cor. É bege.

Ele tocou a gola de renda. Ele não contaria a ela, porque iria magoá-la, mas parecia o tipo de vestido que uma colegial usaria. Não era sofisticado ou adequado a sua idade. Mas ele apenas sorriu.

— Bonita cor — ele concordou.

Jillian inclinou a cabeça, se sentindo impulsiva.

— Vai me beijar? — Ela perguntou.

— Eu estava pensando nisso.

— E o que você decidiu?

Ele enfiou as mãos nos bolsos e sorriu para ela.

— Isso seria precipitar um pouco as coisas — ele disse gentilmente. — Você quer namorar e quer que nos conheçamos. Acho que é uma boa ideia. Haverá tempo de sobra para as outras coisas, mais tarde.

— Bem, meu Deus!

— Chocado com a minha paciência, não é? — Ele perguntou com um sorriso. — Eu também.

— Muito.

Seus olhos eram velhos e sábios.

— Quando as coisas se tornam físicas, há uma diferença na forma como duas pessoas ficam juntas. Não há tempo para recuar e ver como as coisas realmente são.

Ela assentiu com a cabeça.

— Como Sassy e seu marido, John Callister, quando eles se casaram. Eles não podiam estar distantes, mesmo que fosse por uma ou duas horas. Eles ainda vão a todos os lugares juntos. E estão sempre perto ou se tocando.

— É isso que estou dizendo.

Ela franziu o cenho.

— Eu nunca me senti assim — ela disse.

Ele sorriu.

— Eu percebi.

Ela corou.

— Me desculpe, eu deixo escapar as coisas...

— Eu não me importo que você seja honesta — ele disse. — Ajuda. Bastante.

Jillian mordeu o lábio inferior.

— Eu daria qualquer coisa para que Tio John não tivesse contratado aquele homem para trabalhar para ele.

— Tenho certeza que seu tio se sentiu da mesma maneira. Estou surpreso que ele nunca tenha me falado sobre isso — acrescentou secamente.

— Eu imagino que ele pensou que você iria prendê-lo como responsável por tudo. Ele culpava a si mesmo — ela acrescentou em voz baixa. — Ele nunca parou de pedir desculpas. — Suspirou. — Isso não ajudava muito.

— Claro que não. — Ele se aproximou e inclinou o queixo dela para cima. — Você vai lidar com isso. Se não achar que consegue, há uns bons psicólogos. Nosso departamento trabalha com dois, que vivem em Billings.

Jillian fez uma careta.

— Eu não acho que conseguiria falar sobre algo assim com um estranho.

Ted olhou para ela por um longo tempo.

— E quanto a mim? — Ele perguntou de repente. — Você conseguiria falar sobre isso comigo?

Capítulo 6



Jillian olhou para ele com emoções conflitantes. Mas depois de um minuto, assentiu com a cabeça.

— Eu acho que conseguiria — respondeu, finalmente.

Ele sorriu. Seus olhos negros cintilavam.

— Esse é um grande passo.

— Você acha?

— Eu *sei* que é.

Ela chegou mais perto.

— Gostei de hoje à noite. Obrigada.

Ele lhe deu um olhar provocante e se afastou.

— Eu gostei também e agradeço por manter a distância. Não quero ser um objeto de desejo para uma mulher solteira que vive sozinha.

Ela ofegou teatralmente.

— Você quer sim!

— Eu?

— Absolutamente! — Ela concordou e sorriu. — Mas não agora. Certo?

Ele riu.

— Não agora. — Ele inclinou e roçou um preguiçoso beijo contra sua testa. — Durma um pouco. Eu ligo na segunda-feira.

— Ligue. Não muito cedo — acrescentou, sem dizer-lhe porquê. Ela tinha um segredo e não iria compartilhá-lo.

— Não muito cedo — ele concordou. — Boa noite.

— Boa Noite, Ted.

Ele desceu a escada, entrou na sua caminhonete e ficou lá deliberadamente até que ela captou a mensagem. Jillian entrou, trancou a porta e desligou a luz da varanda. Só então ele saiu com o carro. Isso a fez se sentir segura, aquela atitude dele.

Provavelmente era instintivo, já que estava na aplicação da lei, mas ela gostou. Ela gostou muito.

A neve chegou na manhã seguinte. Jillian adorava. Ela dirigia lentamente, para não sair da estrada. Mas não havia muito tráfego e ela morava perto da cidade. Foi mais fácil do que esperava pegar as estradas rurais.

Quando saiu novamente, ao meio-dia, era uma história diferente. A neve chegou rápida e furiosamente, e ela mal conseguia distinguir a estrada branca. O pessoal da manutenção da estrada tinha estado ocupado, espalhando areia e cascalho, mas havia pontos congelados do mesmo jeito.

Ela hesitou em percorrer todo o caminho de volta para o rancho já que não conseguia ver a estrada à frente pela neve ofuscante, então parou no único restaurante da cidade e desligou o motor.

— Bem, — disse para si mesma, — Eu acho que se o pior acontecer, eles poderiam me deixar dormir em uma barraca no restaurante. — Ela riu da imagem.

Jillian pegou sua bolsa e saiu, grata pelas botas de caubói de salto alto que tornava mais fácil caminhar na neve grossa e molhada. Essa era do tipo que se fazia bons bonecos de neve. Ela pensou que poderia fazer um, quando finalmente chegasse em casa. Um bezerro, talvez, parecido com Sammy. Ela riu. Ted gritaria se fizesse isso.

Ela abriu a porta do restaurante e caminhou direto para um pesadelo. Davy Harris, o homem que quase a estuprou, estava de pé no balcão, pagando a conta. Ele ainda era magro e de aparência nervosa, com cabelos castanhos desgrenhados e olhos pálidos. Ele a olhou com desprezo e ódio misturados.

— Bem, bem, eu esperava encontrar você novamente — ele disse com a voz gotejando veneno. — Eu acho que você não esperava me ver, não é Jillian? O homem que você colocou na prisão por tentar te beijar!

O proprietário do restaurante conhecia Jillian e gostava dela, mas de repente estava lhe dando um olhar muito estranho. Havia outro cliente atrás dele, alguém que conhecia o tio de Jillian. Deu-lhe um olhar estranho, também.

— Houve mais do que isso — disse Jillian insegura.

— Sim, eu queria me casar com você, não consigo imaginar por que, pequena puritana — ele disse com desprezo. — Colocar um homem na prisão por tentar ensiná-la sobre a vida.

Ela corou. Tinha uma boa resposta para aquilo, mas era muito constrangedor falar publicamente, especialmente perto de homens que não sabiam a verdade. Se sentia doente.

Ele foi até ela, bem em frente dela e olhou o rosto corado.

— Eu vou estar na cidade por um tempo, Jillian — ele disse. — E não tenha ideias sobre seu namorado tentar me arrancar daqui ou vou contar algumas coisas que ele não sabe sobre você.

Com essa afirmação chocante, ele sorriu para o dono, elogiou a comida de novo e saiu pela porta.

Jillian sentou para beber café, com frio, as mãos trêmulas. Sentia os olhos do proprietário sobre ela e não era de uma maneira que a agradasse. Ele parecia estar avaliando-a com as novas informações que seu cliente havia dado a seu respeito.

Pessoas que não te conheciam tendiam a aceitar até mesmo detalhes picantes de bom grado, ela pensou tristemente. Afinal, como realmente se conhece alguém que trabalha para você apenas alguns dias por semana? Jillian vivia fora da cidade e se mantinha sozinha. Ela não era uma pessoa sociável.

Haveria fofocas, ela temia, começando pelo homem que tinha acabado de sair da prisão. E como ele tinha saído? Ela se perguntava. Ele havia sido condenado à dez anos.

Quando terminou seu café, pagou por ele, deixou uma gorjeta e parou para falar com o proprietário. Realmente não sabia o que dizer. Seu inimigo tinha feito uma acusação sobre ela, mas como refutá-lo?

— O que ele disse — ela gaguejou — foi mais do que parece. Eu tinha... quinze anos.

O proprietário não era um homem estúpido. Ele conhecia Jillian desde criança.

— Ouça — ele disse gentilmente — Eu não ligo para fofocas. Conheço Jack Haynes, assistente do D.A. Ele nunca processaria um homem a menos que tivesse certeza de que poderia ser condenado.

Ela se sentiu um pouco aliviada.

— Obrigada, Sr. Chaney.

Ele sorriu.

— Não se preocupe com isso. Você poderia falar com Jack.

— Sim, eu poderia. — Ela hesitou. — Você não vai, assim, me demitir?

— Não seja ridícula. E você tenha cuidado lá fora, na neve. Se piorar, fique em casa. Eu posso chamar o velho Barry para substituir você de manhã, ok?

— Tudo bem — ela disse. — Obrigada.

— Nós não queremos perdê-la em um acidente — ele respondeu.

Ela sorriu de volta.

Jack Haynes tinha seu gabinete no tribunal do condado, em Hollister. Ela entrou hesitante e perguntou ao atendente se ele estava e se podia vê-lo.

— Claro — ele disse. — Ele está apenas revisando alguns arquivos. — Fez uma careta. — Não é uma coisa divertida de fazer. Temos audiência no Tribunal na semana seguinte.

— Eu posso imaginar.

Ele a anunciou e ela entrou, Jack Haynes sorriu, apertou sua mão e lhe ofereceu uma cadeira.

— Davy Harris está fora da prisão — ela exclamou. — Eu encontrei com ele no restaurante esta manhã.

Ele fez uma careta.

— Quem?

Ela repetiu o nome do homem.

Haynes apertou o botão do interfone.

— Recebemos notificação de que soltaram Davy Harris, no caso de tentativa de estupro?

— Só um minuto, senhor, vou verificar.

O procurador amaldiçoou em voz baixa.

— Eu não tinha ideia! Você o viu?

Ela assentiu com a cabeça.

— Ele disse para quem quisesse ouvir que eu o tinha colocado na prisão por ter tentado me beijar. — Ela corou.

— Que farsante!

— Nem me fale.

O interfone tocou.

— Senhor, eles enviaram uma notificação, mas não estava no servidor. Sinto muito. Eu não sei como ela se perdeu.

— O correio eletrônico — zombou Haynes. — Na minha época, íamos até as agências dos correios para receber as correspondências!

— E mesmo assim às vezes elas se perdiam, senhor — seu secretário disse suavemente. — Desculpe.

— Tudo bem. Como Harris saiu?

— Por um detalhe técnico, relacionado com as instruções do juiz ao júri que teria sido prejudicial no seu caso — foi a resposta. — Ele só está livre até o novo julgamento.

— Sim, mas isso pode levar um ano ou dois — Haynes disse friamente.

— Sim — o seu auxiliar disse calmamente.

— Obrigado, Chet — ele respondeu e encerrou a conversa.

Ele voltou sua atenção para Jillian.

— Essa é a segunda notícia inquietante que recebi do sistema judicial esta semana — ele disse secamente. — Eles soltaram Smitty Jones, o ladrão de banco que ameaçou o nosso chefe de polícia, também devido a um detalhe técnico. Ele está livre até o novo julgamento, também. — Seu rosto se enrijeceu. — Não devia ser uma surpresa o fato de eles terem o mesmo advogado, algum figurão de Denver.

Jillian cerrou os dentes.

— Ele disse que mataria Ted.

Haynes sorriu tranquilizador.

— Homens melhores que ele tentaram matar Ted — ressaltou. — Ele tem bons instintos e é um agente da lei veterano. Ele pode cuidar de si mesmo, acredite em mim.

— Eu sei disso, mas qualquer um pode ser emboscado. Veja o Chefe Barnes. Ele era cauteloso, um agente responsável e capaz na aplicação da lei, também.

Ele fez uma careta.

— Eu o conhecia. Ele era um homem tão bom. Uma vergonha o que aconteceu.

— Sim.

Ele lhe deu um longo olhar.

— Jillian, não podemos fazer nada a respeito de Harris enquanto ele estiver livre sob fiança — Haynes disse. — Mas você pode e deve tomar precauções. Não vá a nenhum lugar sozinha.

— Eu moro sozinha — ressaltou, preocupada.

Ele suspirou. Tinha visto casos como este antes, quando criminosos juraram vingança e mataram ou estupraram seus acusadores quando foram libertados da prisão. Ele odiava a ideia de que algo ruim acontecesse com essa pobre mulher que tinha visto mais do que devia do lado negro dos homens.

— Eu vou falar com Ted — ela disse após um minuto.

As sobrancelhas dele arquearam.

Ela desviou os olhos.

— Estamos em um tipo de situação, sobre o rancho. Nossos tios deixaram uma cláusula que se não nos casarmos, o rancho terá que ser vendido em leilão público. Ted acha que

devemos casar em breve. Mas eu estou hesitante — ela disse.

Haynes sabia, sem que ela tivesse contado.

— Você precisa fazer terapia — disse sem rodeios.

Ela fez uma careta.

— Eu sei. Mas não posso, não consigo falar sobre coisas como essas para um desconhecido.

Ele tinha uma filha com a idade dela. Pensou como seria se ela estivesse numa circunstância semelhante. Isso o deixou triste.

— Eles estão acostumados a todo tipo de histórias terríveis — ele começou.

— Eu não posso falar de coisas pessoais para um estranho — ela repetiu.

Ele suspirou.

— Isso poderia arruinar a sua vida inteira, bloqueando-a de maneiras que você sequer percebeu ainda — ele disse suavemente. — Já vi casos em que as mulheres nunca foram capazes de se casar por causa disso.

Ela assentiu com a cabeça.

— Não quer um marido e uma família?

— Muito — ela disse. Cerrou os dentes. — Mas vai parecer que é apenas por desespero agora. — Ela olhou para cima. — Esse investidor da Califórnia está lambendo os lábios pelo meu rancho. Mas eu não sei se posso ser uma boa esposa. Ted acha que assim, mas é um tremendo risco. Eu sei que tenho bloqueios emocionais.

— Eles vão piorar — Haynes disse sem rodeios. — Eu falo por experiência própria. Tive muitos casos como o seu ao longo dos anos. Vi as vítimas. Conheço o prognóstico. Não é bonito.

Seus olhos estavam assombrados e tristes.

— Eu não entendo por que ele fez aquilo — ela começou.

— É uma compulsão — explicou. — Eles sabem que é errado, mas não podem parar. Não é uma questão de vontade. — Ele se inclinou para frente. — É como um vício. Você sabe, quando os homens tentam abandonar o álcool, mas há algo dentro deles que os empurra para começar a beber novamente. Não é desculpa — disse imediatamente. — Mas me disseram que, mesmo quando eles tentam viver uma vida normal, é muito difícil. É um dia de cada vez.

Ele balançou a cabeça.

— Vejo os resultados do vício o tempo todo. Álcool, sexo, cartas, tudo o que você pode imaginar. As pessoas não destroem apenas a suas próprias vidas, mas as vidas das suas famílias, porque têm uma compulsão que não podem controlar.

— É uma vergonha não ter uma droga que você possa dar às pessoas para evitar que fiquem viciadas — ela disse distraidamente.

Ele deu uma gargalhada.

— Preste atenção. Uma droga. As drogas são a nossa maior dor de cabeça.

Ela corou.

— Desculpe. Não estava pensando.

Ele deu um sorriso de compaixão.

— Fale com Ted — ele disse. — Ele vai cuidar de você até que nosso visitante indesejado se vá. Na verdade, há uma lei sobre vadiagem que poderia lhe dar uma razão para fazer o homem ir embora. Diga-lhe que eu te disse isso.

Ela sorriu.

— Direi. Muito obrigada, Sr. Haynes.

Jillian se levantou. Ele também e apertou sua mão.

— Se precisar de ajuda e não encontrar Ted, pode me ligar — disse inesperadamente. Ele tirou um cartão e entregou a ela. — Minha Jessica tem a sua idade — ele acrescentou em voz baixa. — Nada disso aconteceu com ela. Mas se tivesse, eu teria dificuldade de lembrar que meu trabalho é fazer cumprir a lei.

— Jessica é ótima.

— Ora, muito obrigado, — ele riu. — Eu também acho.

Eles não discutiram porque ele tinha criado Jessica sozinha. Sua mãe havia fugido com um forasteiro relações públicas de Nevada e se divorciado de Haynes. Ele tinha ficado com uma filha pequena que a esposa não tinha espaço na sua nova e emocionante vida de viagens e aventuras. Mas ele a criou muito bem. Jessica estava na faculdade, estudando para ser médica. Ele tinha muito orgulho dela.

— Não se esqueça — disse a Jillian na saída. — Se você precisar de mim, me ligue.

Ela estava muito emocionada.

— Obrigada, Sr. Haynes.

Ele deu de ombros.

— Quando não estou trabalhando, o que não é muito frequente, minha vida social é jogar World of Warcraft online. — Ele sorriu. — Eu não saio muito. Você não vai me incomodar se ligar.

— Vou me lembrar.

Ela saiu e fechou a porta, sorrindo para o atendente ao sair.

Ela encontrou Ted por acaso, que vinha subindo os degraus, com uma expressão que teria parado um touro.

— O que ele disse a você — ele perguntou com veemência. Seus olhos negros estavam faiscando.

— Quem... o Sr. Haynes? — Ela gaguejou, acenando em direção ao escritório que tinha acabado de deixar.

— Ele não. Aquele... Ele usou uma linguagem que a fez levantar ambas as sobrancelhas. — Desculpe — ele disse abruptamente. — Eu ouvi o que aconteceu.

Ela soltou um suspiro.

— Ele anunciou no restaurante que foi posto na prisão porque queria se casar comigo e eu não quis que ele me beijasse — ela disse friamente. — Ele saiu sob fiança por causa de um detalhe técnico, o Sr. Haynes disse.

— Eu sei. Eu liguei para administração da prisão.

Ela tentou sorrir.

— O Sr. Haynes disse que você pode prendê-lo por vadiagem se ele permanecer na cidade por tempo suficiente.

Ted não retribuiu o sorriso.

— Ele tem um trabalho — ele disse com raiva.

Ela teve de se encostar na parede para se apoiar.

— O quê?

— Ele conseguiu um maldito emprego na cidade! — Ele respondeu. — O velho Harrington do armazém o contratou para entregar suprimentos aos fazendeiros.

Jillian se sentiu mal do estômago. Isso significava que Davy Harris não tinha planos de ir embora tão cedo. Ele estava vindo para ficar. Iria morar na sua cidade, estaria por perto o tempo todo, fofocando sobre ela para quem quisesse ouvir. Ela se sentiu perseguida.

Ted percebeu isso e fez uma careta. Ele a puxou para seus braços e segurou-a delicadamente, sem paixão.

— Vou encontrar um jeito de tirá-lo daqui — disse contra seus cabelos.

— Você não pode violar a lei — ela disse com tristeza. Fechou os olhos e sentiu a forte batida do seu coração em seu ouvido. — Pode ficar pior. Smitty Jones, o homem que foi preso por assalto a banco, saiu também, não foi?

Ele hesitou.

— Sim.

— Eu acho que é o nosso dia de más notícias, Ted — ela gemeu.

Ela a abraçou forte e então a soltou.

— Eu não gosto da ideia de você vivendo sozinha lá no rancho — ele disse secamente. — Isso faz de você um alvo melhor se ele veio aqui com planos de vingança. Os quais ele deve ter.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Eu não quero me casar ainda.

Ele soltou um suspiro exasperado.

— Eu não tenho meios que possa usar para que você obtenha proteção da polícia — ele disse irritado. — E mesmo que tivesse, o homem não fez qualquer ameaça. Ele só está aqui.

— Eu sei — ela disse. — E ele tem um emprego, você disse.

Ele balançou a cabeça.

— Eu poderia ter uma palavra com o dono do armazém, mas isso seria cruzar a linha demais. Eu não posso dizer a um comerciante quem empregar, por mais que eu gostaria — ele acrescentou.

— Eu sei disso. Ele simplesmente arrumaria outro emprego, de qualquer forma, se está determinado a ficar aqui. — Ela fechou os olhos em uma careta. — Ele vai conversar com todos que encontrar, vai dizer que mandei prendê-lo por algum motivo fútil. — Ela abriu os olhos. — Ted, ele faz tudo isso soar como se eu fosse apenas uma puritana que se chocou com uma proposta de casamento. Ele pode dizer uma mentira e torná-la aceitável.

— Algumas pessoas vão acreditar em tudo que ouvirem — ele concordou. Seus olhos negros estavam turbulentos. — Eu não gosto disso.

— Eu tampouco. — Ela se sentia completamente doente. Antes, achava que as coisas eram ruins. Agora, elas eram piores. — Eu poderia deixar a cidade.

— Isso tornaria tudo ainda pior — afirmou categoricamente. — Se você fugir, dará credibilidade a ele.

— Eu acho que sim. — Ela olhou para ele com preocupação. — Não o deixe te convencer de que eu o coloquei na prisão por tentar me beijar. Foi muito mais do que isso.

Ted apenas sorriu.

— Eu não sou fácil de influenciar. Além disso, te conheço a maior parte da sua vida.

Isso era verdade. Ela não acrescentou que Ted não a conhecia realmente até pouco tempo atrás.

— Há outras pessoas que ele não vai convencer, incluindo o Ministério Público.

— O Sr. Haynes disse que eu poderia ligar para ele se tivesse problemas e você não estivesse disponível — ela disse.

Ele sorriu.

— Ele viria, também. Ele é um cara bom.

— Não posso entender por que uma mulher teria fugido de seu marido e um bebê — ela disse. — Ele é uma boa pessoa.

— Algumas mulheres não querem homens legais, querem os perigosos, os imprudentes ou vagabundos.

— Eu não — ela disse. — Quero ficar em Hollister a minha vida inteira.

— E ter filhos?

Ela olhou para Ted preocupada.

— Eu quero muito ter filhos, — disse a ele. — É só que...

— É só o que você tem que fazer para tê-los, — ele respondeu.

Ela corou.

— Desculpe — ele disse gentilmente. — Eu não quis dizer isso.

— Eu sou uma puritana. Eu realmente sou.

— Você não é.

Ela estava começando a se perguntar. Ela não gostava de recordar o que tinha acontecido com aquele homem no seu passado, mas suas acusações a tinham incomodado. Será que ela era tão ignorante que o tinha mandado para a prisão por algo que não era culpa dele? Teria exagerado? Ela fora a culpada com o contador, tinha ido com ele ao motel e a princípio o deixou beijá-la. Então as coisas saíram do controle e ela entrou em pânico, principalmente por causa do que Davy Harris tinha feito com ela.

Ted estava olhando para o relógio.

— Droga! Tenho uma reunião com um advogado de defesa no meu escritório para tomar

um depoimento em um caso de roubo. Tenho que ir. — Ele se inclinou e beijou sua bochecha. — Fique atenta àquele coitado e se ele lhe causar algum problema, me conte. Vou jogar seu traseiro na cadeia.

Ela sorriu.

— Ficarei. Obrigada, Ted.

— Para que servem os amigos? — Ele perguntou e sorriu de volta.

Jillian o viu ir embora com dúvidas. Ela queria dizer-lhe que não estava confiante sobre seus atos no passado, dizer-lhe que talvez o homem que ela tinha acusado não fosse tão culpado quanto ela pensava. Desejou ter alguém para conversar sobre isso.

Ela suspirou, entrou em sua caminhonete e foi para o rancho. Este seria o maior problema de sua vida e não sabia como iria resolvê-lo.

As coisas foram de mal a pior muito rapidamente. Jillian entrou para trabalhar na manhã seguinte e Davy Harris estava sentado em uma mesa no minuto em que as portas se abriram. Ela teve que sair para arrumar as tortas e bolos na vitrine para o pessoal que viria almoçar. Não trabalhava no almoço, mas fazia a maior parte dos assados depois que terminava de servir o café para os clientes.

Toda vez que ia organizar os bolos e doces, o homem estava olhando para ela. Sentou-se tão perto do balcão quanto pode, tomando café e dando-lhe olhares maliciosos. Ele a deixava muito nervosa.

— Senhor, quer alguma coisa mais? — A garçonete, consciente do desconforto de Jillian, perguntou ao homem em um tom educado, mas firme.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Estou terminando o meu café.

— O café da manhã não está mais sendo servido, senhor. Estamos nos preparando para o almoço.

— Eu sei. Volto para o almoço — ele assegurou. — Estou quase acabando.

— Sim, senhor. — Ela fechou a conta e a colocou ao lado de seu prato e voltou para o seu outro cliente, o único restante no salão.

— Você sempre fez doces tão bem, Jilly — Harris disse-lhe com um longo olhar de apreciação. — Eu adorava o bolo de limão que você costumava fazer para seu tio.

— Obrigada, — ela murmurou baixinho.

— Você vive sozinha naquela casa grande do rancho agora, não é? — Ele perguntou em um tom agradável que era apenas superficial. Seus olhos estavam cheios de ódio. — Você não tem medo à noite?

— Eu tenho uma arma — ela deixou escapar.

Ele olhou a chocada.

— Sério!

— Sério! — ela respondeu com um olhar frio. — Seria muito insensato alguém tentar invadi-la durante a noite.

Ele riu friamente.

— Porque, Jilly, isso foi uma ameaça? — Harris perguntou, erguendo a voz enquanto a garçonete voltava para aquele lado do restaurante. — Você estava ameaçando atirar em mim?

— Eu estava dizendo que se alguém invadissem minha casa, iria usar minha arma, — ela hesitou.

— Você está me acusando de tentar invadi-la? — Ele perguntou em voz alta.

Ela corou.

— Eu não disse isso.

— Você tem certeza? Quero dizer, acusar pessoas de crimes que não cometeram, não é um crime? — Ele persistiu.

A garçonete marchou de volta a sua mesa.

— Terminou, senhor? — Ela perguntou com uma voz mordaz, porque gostava de Jillian.
— Temos que limpar as mesas.

Ele suspirou.

— Acho que terminei. — Olhou para a conta, puxou a carteira, deixou a quantia e mais uma gorjeta de dez centavos. Deu à garçonete um sorriso divertido. — Não gaste toda essa gorjeta de uma vez — disse com sarcasmo.

— Vou comprar ração para os meus cavalos de pólo com ela — respondeu sarcástica.

Ele olhou para ela. Não gostava que as pessoas o enfrentassem e isso ficou claro.

— Eu a verei de novo em breve, Jilly — ele ronronou com um último olhar.

Ele saiu. Jillian sentia seus músculos travados. Mas as lágrimas escorriam de seus olhos.

— Oh, Jill — a garçonete, Sandra, gemeu. Ela colocou os braços ao redor de Jillian e a abraçou apertado. — Ele vai embora — ela disse. — Ele terá que ir, no final. Você não deve chorar!

Jillian gritou. Ela não sabia que a garçonete sabia de tudo, até agora.

— Tudo bem, tudo bem — Sandra disse suavemente. — Sei como é. Eu estava vivendo com aquele cara, Carl, e ele me batia toda vez que ficava bêbado. Uma vez ele me bateu com um copo que se quebrou e cortou muito meu rosto. Eu o amava muito — ela gemeu. — Mas aquilo me despertou, quando aconteceu. Eu me mudei. Ele fez ameaças e ainda tentou atear fogo à minha casa. Mas quando ele finalmente percebeu que eu falava sério, desistiu e encontrou outra namorada. A última coisa que ouvi era que ela estava fazendo viagens semanais para a sala de emergência em Billings.

Jillian se afastou, enxugando os olhos.

— Não foi assim — ela sussurrou. — Eu tinha quinze anos, e ele tentou...

— *Quinze?*

Jillian mordeu o lábio inferior.

— Meu tio contratou-o como peão.

— Bom Deus! Você devia tê-lo mandado para prisão!

— Eu mandei — disse Jillian tristemente. — Mas ele saiu e agora vai fazer um inferno da minha vida.

— Pobre garota! Conte ao Chefe Graves, — ela disse com firmeza. — Ele vai cuidar disso.

Os olhos de Jillian estavam vagos.

— Você não pode expulsar alguém da cidade sem ter uma boa razão — ela disse. — Ele não me ameaçou ou fez qualquer coisa, exceto aparecer aqui para comer até agora. E este é o único restaurante da cidade, Sandra — acrescentou.

— Sim, mas ele estava fazendo algumas acusações muito duras — ela lembrou a outra garota.

— Palavras. Apenas palavras.

— Elas podem machucar tanto quanto os punhos — Sandra disse secamente. — Eu sei disso. Meu pai nunca hesitou em me dizer quão feia e estúpida eu era.

Jillian ofegou. Ninguém em sua família jamais dissera tais coisas para ela.

— Eu acho que você tinha gente legal com quem viver, né? — Sandra perguntou com um sorriso. — Não foi o meu caso. Meu pai me odiava porque eu não era dele. Minha mãe teve um caso. As pessoas fazem isso o tempo todo. Ela voltou, mas ele nunca conseguiu superar o fato de que ela tinha engravidado de outra pessoa. Ela morreu e ele me fez pagar por ela.

— Eu sinto muito.

— Você é uma boa garota, — Sandra lhe disse calmamente. — Se aquele cara causar qualquer problema a você aqui, ele vai ter que se ver comigo.

Jillian riu.

— Eu vi você lidar com clientes desregrados. Você é boa nisso.

— Eu deveria ser. Estava no exército até dois anos atrás, — acrescentou. — Eu trabalhava como policial militar. Não há muito que eu não saiba sobre combate corpo-a-corpo.

Jillian vibrou.

— Minha heroína!

Sandra riu.

— De qualquer maneira, você tem que arrumar aqueles bolos e ir para casa. Eu lido com o visitante problema enquanto você estiver fora.

— Obrigada. Por tudo.

— Sempre desejei ter uma irmã mais nova, — Sandra zombou. Ela sorriu. — Agora eu tenho. Você diz para as pessoas que eu sou sua irmã e nós daremos algumas risadas.

Aquilo seria engraçado, porque a pele de Sandra era de um cobre bem escuro, em comparação com a pele muito pálida de Jillian. Sandra era, afinal, uma legítima Lakota.

— O Chefe Graves é Cheyenne, — ela disse em voz alta.

— Nada contra os Cheyenne agora que não estamos quebrando a cabeça uns dos outros, como fazíamos um século atrás — veio a resposta divertida. Sandra piscou. — É melhor começar a trabalhar. O chefe está nos olhando feio.

Jillian sorriu.

— Não sei por quê! — Ela riu.

Jillian sentia-se melhor e agora tinha uma aliada no trabalho. Mas ainda estava preocupada. Aquele homem tinha obviamente vindo a Hollister para fazê-la pagar por sua prisão e agora ela duvidava de sua própria história que tinha custado a liberdade dele.

Capítulo 7



Jillian nunca havia considerado a ideia de se tornar vítima de um assédio. E se perguntava se aquilo podia ser chamado de assédio. Davy Harris vinha ao restaurante toda manhã para tomar café. Mas era o único restaurante da cidade. Então aquilo era assédio?

Ted achava que sim, mas a lei não ficava do lado da vítima nesse caso. Um homem não podia ser preso por assédio apenas por almoçar no único restaurante da cidade.

Mas ele deixava Jillian perturbada. Ela derrubara um bolo no chão há dois dias, um que precisara de muito trabalho para ser feito, com cobertura de creme. Harris sorria friamente.

— Por que eu deixo você nervosa, Jilly? — ele chiou. — Só estou tomando o meu café. Eu não tentei tocar você ou algo do tipo.

Ela limpou o chão, corada e confusa. Sandra ligara avisando que ficara doente naquela manhã, então eles precisaram chamar uma substituta, uma garçonete que fazia apenas o seu trabalho e não perdia tempo conhecendo os outros empregados. Não tinha ninguém para lhe socorrer naquele momento.

— Eu só queria me casar com você — Harris disse em um tom suave e baixo. — Você era muito jovem, mas eu achava que você era madura para lidar com isso. E você gostava de mim. Lembra quando os gatinhos brancos nasceram e eles precisariam ser sacrificados porque você não podia cuidar de todos? Eu percorri todas as casas da cidade até achar um lugar para todos eles.

Ela mordiscou o lábio. Aquilo era verdade. Ele havia sido gentil.

— E quando o seu tio contraiu aquele vírus e ficou tão doente que nem conseguia tomar os remédios? Eu levei vocês dois ao hospital.

— Sim — ela disse relutante.

Ele riu.

— E você retribuiu a minha gratidão me colocando na prisão com assassinos.

O rosto dela ficou pálido enquanto o encarava.

Harris ficou em pé, ainda sorrido, mas seus olhos eram como os de uma cobra.

— Você achou realmente que eu iria embora e você nunca mais precisaria me ver?

Ela ficou em pé, um pouco atordoada.

— Eu não achei...

— Que eu realmente iria para a prisão por que você exagerou um pouco no que aconteceu? — ele interrompeu. — Que tipo de mulher faz isso com um homem?

Ela sentiu-se doente. Sabia que o seu rosto estava pálido.

— Eu só queria me casar com você e cuidar de você e do seu tio — ele disse. — Eu não machucaria você. Eu já machuquei você, Jilly?

Jillian ficava menos confiante a cada segundo. Será que o havia interpretado mal? Ele estivera na prisão porque ela exagerara na proporção das coisas?

Harris colocou uma nota de cinco dólares embaixo do prato.

— Por que você não pensa nisso? — ele continuou. — Pense no que você fez comigo. Você não sabe o que é a prisão, Jilly. Você não sabe o que os homens podem fazer, especialmente se você não é forte e poderoso — o rosto dele estava rígido de desgosto. — Sua puritana estúpida — ele disse asperamente. — Você me mandou para o inferno!

— Eu... Eu sinto muito — ela gaguejou.

— Sente mesmo? — ele perguntou sarcasticamente. — Ainda não é suficiente. — Ele inclinou-se na direção dela. — Mas será, — ele disse num tom de voz que não enganava. — Você desejará nunca ter ouvido o meu nome quando eu acabar com você.

Ele endireitou-se novamente, sorrindo como um vendedor de carros usados.

— O café estava ótimo, Jilly — ele disse alto. — Você ainda é uma ótima cozinheira. Tenha um ótimo dia.

Ele se afastou, enquanto o dono do restaurante e o caixa o observavam com um olhar pensativo. Jillian podia imaginar como aquilo soava. Ali estava o pobre homem falsamente acusado sendo gentil com a mulher que o colocara na prisão. Jillian não seria vista como vítima, não importava o que ela fizesse ou dissesse. E agora tinha as próprias dúvidas sobre o passado. Ela simplesmente não sabia o que fazer.

Ted apareceu no dia seguinte. Ouviu o barulho do carro dele em frente a sua casa e desceu os degraus com um pouco de incerteza. Ela não acreditava que Ted pudesse ficar do lado do outro homem, mas Davy sabia ser bem convincente.

Ted subiu os degraus ao seu encontro, o rosto sombrio. Ele parou quando viu a expressão no rosto dela.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

Ela piscou.

— O que você quer dizer?

— Você parece doente.

— Eu? Deve ser a farinha — ela mentiu forçando uma risada — Eu estava fazendo uma torta de cereja.

Em outra ocasião, ele teria feito uma piada, porque era a sua favorita. Mas Ted estava quieto e preocupado enquanto a seguia até a cozinha.

— Tem um pouco de café? — ele perguntou enquanto colocava o chapéu na bancada.

— Eu posso fazer.

— Por favor.

Jillian pegou o pó, ciente do olhar penetrante dele que a seguia enquanto ela trabalhava.

— O que está acontecendo entre você e Harris? — ele perguntou repentinamente.

A pergunta a assustou de uma tal maneira que ela derrubou uma panela que estava guardando embaixo do balcão. Suas mãos estavam tremendo.

Ela virou-se para ele.

— Na... Nada — gaguejou, mas suas bochechas coraram.

O rosto dele ficou rígido.

— Nada.

— Ele toma o café da manhã todo dia no restaurante — ela disse.

— E como você sabe disso?

Jillian colocou a panela suavemente sobre o balcão e respirou fundo.

— Porque eu trabalho lá, cozinheiro para as pessoas que vão para o café da manhã.

Ele parecia zangado.

— Desde quando?

Ela hesitou. Não tinha percebido o quão difícil seria contar-lhe sobre seu trabalho, explicando por que decidiu guardar segredo dele. Pareceria algo ruim, como se não confiasse nele.

A culpa o deixou mais furioso.

Jillian colocou o café em uma caneca e a colocou na frente dele. Suas mãos estavam instáveis.

— Eu sei que isso deve parecer que estou guardando segredos — ela começou.

— Parece muito.

— Eu ia contar para você — ela protestou.

— Quando?

Ela hesitou.

— Você disse que não queria se casar ainda. É por isso? — ele insistiu. — Você conseguiu um emprego para pagar as suas dívidas e assim pode se recusar a cumprir os termos do testamento dos nossos tios?

Aquilo parecia horrível. Ele estava furioso. Não conseguia nem esconder.

Ted não tocou no café. Em seguida ficou em pé.

— Você se afasta sempre que eu tento me aproximar. Quando eu te levo para sair, se veste como uma adolescente indo a um baile do ginásio. Você arruma um emprego e não conta para mim. Você foi vista flertando com o homem que supostamente a assediou há alguns anos — os olhos dele se estreitaram enquanto buscava explicações para o comportamento dela. — Que outros segredos está escondendo de mim, Jillian?

Ela não sabia o que dizer para não piorar as coisas. Seu rosto demonstrava toda a sua infelicidade.

— Eu não estou flertando com ele — ela disse.

— Não foi o que um dos clientes falou — ele devolveu.

Jillian mordeu o lábio inferior.

— Eu estive pensando — ela começou.

— Pensando em quê?

Ela deu de ombros.

— Talvez eu tenha cometido um erro — ela falou. — Talvez eu tenha exagerado no que aconteceu por ser muito ingênua — respirou fundo. — Como quando eu saí com aquele contador e não lhe disse a minha idade, e aquilo quase lhe causou problemas.

A expressão de Ted não era fácil de ser explicada. Ele apenas a encarou sem demonstrar nenhum sentimento.

— Davy Harris era gentil com o tio John — ela teve que admitir. — E ele estava sempre fazendo coisas para ele, e para mim — abaixou os olhos, tão infeliz que quase se confundiu com as próprias palavras. — Ele disse que os outros presos fizeram coisas com ele na prisão.

Ted ainda continuava em silêncio.

Ela olhou para cima, piscando ao ver a expressão no rosto dele.

— Ele não era uma má pessoa. Ele nunca me machucou...

Ele pegou o chapéu, colocou-o sobre os olhos, e saiu pela porta.

Ela correu atrás dele.

— Ted!

Ele continuou andando. Desceu os degraus, entrou na caminhonete e partiu sem dizer

uma única palavra.

Jillian o observou partir com um sentimento de desgraça.

Sandra a encarou quando ela chegou ao trabalho na manhã seguinte.

— Você disse a Ted Graves que cometeu um erro? — ela perguntou — Qual é o problema com você? Você era muito jovem, Jillian! Que tipo de homem tenta algo com uma criança que mal estava no ensino médio?

— Ele só tinha vinte e um anos — ela protestou.

— Ele já tinha mais experiência. Nenhum juiz do mundo o acusaria por apenas tentar algo com você.

— Sim, mas ele disse que enquanto estava na prisão alguns dos homens... — ela hesitou, procurando palavras para explicar.

— Eu sei o que você quer dizer — Sandra disse bruscamente — Mas isso não tem nada a ver. Um homem crescido tentou forçar você a ir para a cama com ele. Não foi isso o que aconteceu?

Jillian respirou fundo.

— Sim. Eu acho que sim.

— Então por que você está tentando assumir a culpa por isso? Você o forçou? Você usou roupas sugestivas, flertou com ele, tentou levá-lo ao seu quarto enquanto o seu tio não estava por perto?

— Bom Deus, não! — Jillian protestou.

Os olhos de Sandra se estreitaram.

— Então por que a culpa foi sua?

— Ele foi para a prisão por causa do meu depoimento.

— Eu acho que ele mereceu — Sandra disse bruscamente.

— Mas ele era um bom homem — ela disse. — Estava sempre fazendo coisas para as outras pessoas. Ele até mesmo fez compras para nós enquanto o tio John estava doente.

— Há alguns anos atrás, em um julgamento de assassinato, uma testemunha disse que o acusado a ajudou a carregar as compras até em casa. Outra disse que ele até regulou seu carro velho quando ele não funcionou. O que isso tem a ver com a culpa ou a inocência de um homem?

Jillian piscou.

— O quê?

— Você não acha que um homem pode fazer coisas gentis e mesmo assim matar alguém se tiver motivos? — ela perguntou.

— Eu nunca pensei por esse lado.

— Pessoas gentis também podem matar, Jillian — Sandra disse — Eu conheci um cara na reserva, Harry. Ele emprestaria a roupa do corpo para você. Ele levava o senhor Hotchkiss ao médico todo mês. Mas matou um homem durante uma briga e foi para a prisão por causa disso. Você acha que eles deveriam inocentá-lo porque ele fez um monte de coisas boas para outras pessoas?

— Não, — Jillian teve que admitir.

— Todos nós temos um lado bom e um lado ruim, — a outra mulher disse. — Não é porque somos bons que não somos capazes de fazer coisas ruins.

— Eu acho que já entendi.

— Pense nisso. E pare de tentar assumir a responsabilidade por algo que não foi sua culpa. Você era uma adolescente quando tudo aconteceu. Você não era madura ou velha o suficiente para permitir esse tipo de liberdades a um homem. Você não tinha idade para entender, Jillian, mas ele tinha.

Ela sentiu-se melhor.

— Você gostou do que ele fez?

— Você está brincando? — Jillian exclamou. — Eu odiei!

— Então acho que você pode perceber de quem é a culpa, não é?

Jillian começou a relaxar.

— Você tem o dom com as palavras.

— Eu devia ser escritora, — Sandra concordou. Ela sorriu, mostrando os dentes perfeitos.

— Agora pare de se comportar como uma desvairada e vá trabalhar. Os clientes começarão a reclamar porque o café não está pronto!

Jillian riu.

— Acho que sim. Obrigada.

Sandra sorriu.

— Por nada.

Jillian não saiu da cozinha quando as portas se abriram, nem mesmo para levar as tortas e bolos. Sandra fez isso por ela.

— Curioso, — ela disse quando voltou à cozinha.

— O quê?

— Seu velho amigo Davy não estava lá.

— Talvez ele tenha ido embora, — Jillian disse esperançosamente.

— Eu preciso de muito mais do que palavras para acreditar nisso, — a outra mulher falou.

— Sim, mas eu posso ter esperança.

— Sabe o que os árabes dizem? — Sandra perguntou. — Confie em Alá, mas amarre o seu camelo. Conselho sábio, — ela acrescentou apontando o dedo para a amiga.

Jillian realmente esperava que algo bom acontecesse de qualquer modo, e não apenas sobre Davy Harris sair da cidade. Ela esperava que Ted pudesse aparecer para conversar, ou apenas para ajeitar as coisas. Mas ele não foi ao restaurante, ou ao rancho. E na manhã seguinte, Davy Harris estava novamente em sua mesa, esperando pelo café da manhã.

— Sentiu minha falta? — ele brincou com Jillian, assustando-a enquanto ela colocava um bolo na vitrine.

— Eu não sabia que você havia ido embora — ela mentiu corando.

— Nós sabemos que isso não é verdade, não sabemos? — ele inclinou-se na cadeira, os olhos tão suaves que ela ficou curiosa. — Estive falando com algumas pessoas sobre você.

Ela ficou desconfortável.

— Que pessoas?

— Apenas pessoas.

Jillian não sabia o que dizer. Ela ficou em pé e voltou à cozinha. Seu estômago dava voltas.

Naquela tarde, enquanto caminhava até o seu carro, acabou dando de cara com Davy.

Ela ofegou e deu um pulo para trás. Ele riu.

— Eu deixo você nervosa? — ele murmurou. — Não posso imaginar o motivo. Nunca tentei machucar você. Nunca mesmo. Ou tentei?

— N...Não — ela disse, envergonhada, porque havia algumas pessoas ao redor, e elas prestavam atenção.

— Eu disse ao seu tio que queria me casar com você, — ele disse sem aumentar a voz. Até mesmo sorriu. — Ele disse que torcia para que isso acontecesse, porque gostava de mim e sabia que eu cuidaria de você. Mas isso foi antes de você contar mentiras sobre mim, não foi, Jilly? Isso foi antes de você me colocar na cadeia por tentar beijar você.

Ela ficou envergonhada porque eles estavam conversando sobre algo particular em um lugar público, e muitas pessoas estavam ouvindo.

— Não foi... Não foi assim — ela gaguejou corando.

— Sim, foi, mas você apenas não pode admitir que cometeu um erro — ele disse, a voz um pouco mais alta agora. — Isso não é verdade?

Ela procurou pelas palavras. Não conseguia fazer a sua mente funcionar.

— Você mentiu sobre mim — ele continuou erguendo a voz. — Você mentiu.

Ela devia ter negado. Devia ter dito que não era mentira, que ele tentara estuprá-la em sua própria casa. Mas estava muito envergonhada. Jillian virou-se e quase correu até a caminhonete. Quando já estava dentro, trancou a porta com dedos frios e trêmulos.

Davy ficou parado na calçada, sorrindo. Apenas sorrindo. Um homem e uma mulher se aproximaram dele e começaram a conversar enquanto Jillian se afastava. Ela se perguntava sobre o que eles estavam conversando. Esperava que não fosse sobre ela.

Mas nos dias seguintes, ela percebeu uma mudança de atitude, especialmente nos clientes que vinham ao restaurante. Seus lindos bolos que eram vendidos rapidamente, agora ficavam na estufa. Jilly levava a maioria deles para casa. Quando ia ao banco, o gerente era educado, mas não amigável como antes.

Até mesmo no posto de gasolina os empregados eram reservados, e só respondiam o necessário quando ela chegava ao caixa.

Na manhã seguinte, no trabalho, ela entendeu por que começara a ser tratada tão friamente pelas pessoas que conhecera há quase uma vida.

— Todos pensam que você armou contra mim, Jilly, — Davy disse baixo enquanto ela colocava um bolo na estufa, o único do dia, diferente da variedade que ela geralmente produzia, já que eles não estavam vendendo.

Ela o encarou.

— Não lhe faria mal contar a verdade.

— Qual é a verdade? — ele inclinou-se na cadeira, os olhos frios e acusatórios. — Você me mandou para a cadeia.

Ela ficou em pé, cansada de ameaças, cansada de suas acusações falsas, cansada da maneira que estava sendo tratada pelas pessoas por culpa dele.

— Eu havia acabado de entrar no colegial e você tentou me forçar a fazer sexo com você — ela disse bruscamente, ciente do olhar chocado de um cliente masculino. — É difícil de entender isso? É chamado de tentativa de estupro, eu acredito...?

Davy corou. Ele ficou em pé e moveu-se na direção dela.

— Eu nunca estuprorei você!

— Você tirou as minhas roupas e só não conseguiu nada porque eu bati em você e saí correndo. Se Sassy Peale não tivesse uma arma, você nunca teria parado! Você correu atrás de mim até a casa dela!

Ele fechou os dedos ao redor do corpo.

— Eu fui para a cadeia, — ele grunhiu. — Você pagará por isso. Eu farei você pagar por isso!

Ela pegou o bolo, segurou com força e jogou na cara dele.

— Eu poderia prender você por agressão! — ele gritou.

— Vá em frente, — Jillian disse o encarando. — Eu mesma chamarei a polícia se você quiser!

Ele deu um passo rápido na direção dela, mas o cliente aproximou-se e parou na frente dele. Davy deu um passo para trás.

— Você vai se arrepender! — ele disse a Jillian. Ele encarou o outro cliente, e saiu, limpando-se com um lenço.

Jillian estava tremendo, mas não demonstrou sua fraqueza. Ela respirou fundo, lutando contra as lágrimas, e começou a pegar o bolo do chão.

— Você acha que ele vai embora — o cliente, um homem loiro alto, com um tampão sobre

um olho, disse baixinho, em tom acentuado, como um sotaque britânico, mas com um forte sotaque nas consoantes. Ela se lembrou de ter ouvido aquele sotaque em um dos filmes *Máquina Mortífera*. — Ele não vai.

Jillian parou de pegar o bolo e ficou em pé, o encarando.

Ele era alto e bem constituído. Seus cabelos loiros estavam em um rabo de cavalo. Seu rosto era magro, com cicatrizes leves e tinha um olho castanho claro visível. Ele parecia o tipo de homem que sorria muito, mas não estava sorrindo agora. Tinha um olhar perigoso.

— Você devia conversar com um advogado — ele disse baixo.

Ela mordiscou o lábio.

— E dizer o quê? Ele come aqui todo dia, mas esse é o único restaurante da cidade.

— Ainda é assédio.

Ela suspirou.

— Sim. É. Mas eu não posso fazê-lo partir.

— Converse com Ted Graves. Ele o fará ir embora.

— Ted não está falando comigo.

Ele arqueou uma sobrancelha expressivamente.

— Eu o espantei também, ao dizer que podia ter cometido um erro e exagerado no que Davy fez comigo — ela disse infeliz. — Davy fez parecer que eu exagerei. E ele ficava me lembrando de todas as coisas boas que havia feito para o meu tio e para mim...

— Adolph Hitler tinha um cão. Ele o acariciava, o levava para passear e jogava paus para ele buscar — ele disse brandamente

Ela fez uma careta. Abaixou-se novamente e pegou mais bolo.

— Se você era tão jovem e precisou de uma arma para detê-lo, — continuou o homem, — não era um ato inocente.

— Eu estou começando a entender isso, — ela suspirou.

— Esse tipo de homem não desiste, — ele continuou, enfiando as mãos nos bolsos do jeans. O olho dele se estreitou e ficou pensativo. — Ele está aqui para mais do que um café, se você entende o que eu quero dizer. Ele quer vingança.

— Eu acho que sim.

— Eu espero que você tenha uma arma.

Jillian riu.

— Eu odeio armas.

— Eu também — ele murmurou. — Prefiro as facas.

Ele indicou uma faca Bowie enorme em um quadril, em uma bainha de couro com franjas.

Ela observou com atenção.

— Eu não creio que você tenha que fazer muito mais que mostrar isso aí a alguém para fazê-lo se afastar.

— Este é geralmente o caso.

Jillian terminou de limpar o chão.

— Eles não estão saindo muito ultimamente, mas eu achei que esse teria sucesso. Davy passa a maior parte do tempo contando às pessoas como eu sou uma bruxa malvada. Eu sinto uma frieza em todos os lugares que vou.

— Ele está contando o seu lado da história para todos que querem ouvir, — ele respondeu. — E isso também é crime.

— Posso ver Ted prendendo-o por conversar com alguém, — ela disse sarcasticamente.

— Depende do que ele estiver dizendo. Eu ouvi o que ele falou aqui. Se você precisar de uma testemunha, estarei disponível.

Jillian franziu a testa.

— Ele não falou muito.

— Ele falou o suficiente — ele disse.

Ela deu de ombros.

— Eu gosto de cuidar dos meus próprios problemas.

— Em outra situação eu admiraria você. Mas não nesse caso. Você está enfrentando um homem que passou por maus momentos e quer vingança. Ele quer sangue. Se você não for cuidadosa, ele conseguirá. O homem já está acabando com a sua reputação. As pessoas tendem a acreditar no que querem acreditar e nem sempre é a verdade. Especialmente quando um homem jovem que aparentemente foi seduzido por uma garota safada conta o seu lado da história.

Ela piscou.

— Eu sou a garota safada da história?

Ele concordou.

Jillian colocou os restos do bolo na lata de lixo que ficava atrás do balcão. Ela deu de ombros.

— Eu nunca pensei em mim como uma pessoa ruim.

— São com os pensamentos dele que você tem que se preocupar. Se ele é louco o suficiente, e eu acho que é se ele veio aqui expressamente para atormentá-la, ele não irá parar com a fofoca.

Aquilo havia lhe ocorrido também. Ela encarou o cliente preocupadamente.

— Talvez eu devesse arrumar um emprego em Billings.

— E fugir dele? — ele perguntou. — Péssima ideia. Ele seguiria você.

Ela engasgou.

— Não...!

O rosto dele ficou rígido.

— Eu já vi isso acontecer antes — ele disse tenso. — De fato, eu estava trabalhando como segurança para um amigo. O bandido não só saiu da cadeia, como foi atrás da garota que testemunhou contra ele e a agrediu¹⁵.

Jillian o encarou.

— Eu espero que você tenha machucado ele.

— Vários de nós, — ele respondeu, — queríamos, mas o namorado dela o pegou primeiro. Ele voltou para a cadeia. Mas se ela estivesse sozinha, não teria ninguém para testemunhar.

Ela sentiu-se doente.

— Você quer dizer algo, não quer?

— Eu estou dizendo que alguns homens são imprevisíveis — ele respondeu. — É melhor tomar cuidado ao invés de ficar esperando que tudo acabe bem. Pela minha experiência, situações como essas não melhoram.

Jillian largou o pano que tinha feito a limpeza e o olhou com olhos preocupados.

— Eu queria que Ted não estivesse bravo comigo, — ela disse baixinho.

— Faça as pazes com ele, — ele advertiu. — E faça logo. — Ele não acrescentou que vira a expressão no rosto de Davy e que tinha certeza de que o homem resolveria as coisas com violência.

— Acho melhor, — ela disse. Ela esboçou um sorriso — Obrigada, senhor...?

— Me chame de Rourke, — ele disse e sorriu. — A maioria das pessoas o fazem.

— Você está visitando alguém?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu não pareço um morador do lugar?

Ela balançou a cabeça, suavizando a resposta com um sorriso.

Ele riu.

— Na verdade, — ele disse, — vim falar com o chefe de polícia. E não é sobre um caso. Ted e eu estivemos no exército juntos. Eu trouxe uma mensagem de um velho amigo que trabalha como chefe de polícia no Texas.

Ela inclinou a cabeça.

— Não seria o que ensinou Ted a dançar tango?

¹⁵ Referência à Cappie Drake, mocinha do livro *"Indomável"* (Homens do Texas 43).

Ele piscou.

— Ele ensinou Ted a dançar?

Ela concordou.

— E ele é muito bom.

Rourke deu um risinho.

— Milagres acontecem.

— É o que eu sempre digo.

Ele sorriu para ela.

— Fale com Ted, — ele advertiu. — Você precisará de alguém para lhe proteger se o homem se tornar violento.

— Farei isso, — ela disse depois de um minuto. — E obrigada.

— Por nada, mas por quê?

— Por me fazer ver a luz, — ela disse desanimada. — Eu estava me culpando por ter mandado Davy para a prisão.

— Anote as minhas palavras, — ele respondeu. — Daqui a pouco, Davy irá lhe provar que é o lugar a que pertence.

Jillian não respondeu. Apenas esperava que aquilo não fosse uma profecia. Mas iria ver Ted, no minuto em que saísse do trabalho.

Capítulo 8



Antes que Jillian pudesse terminar as suas obrigações e sair do restaurante, Sassy Peale Callister entrou no restaurante e a puxou para um canto.

— Eu não posso acreditar no que acabei de ouvir, — ela disse bruscamente. — Você realmente disse que poderia estar enganada quanto a colocar Davy Harris na cadeia?

Jillian corou até a raiz do cabelo.

— Como você ficou sabendo? — ela gaguejou.

— Hollister é uma cidade muito pequena. Conte algo a uma pessoa e todos ficarão sabendo, — a outra mulher respondeu. — Isso é verdade?

Jillian sentiu-se ainda mais desconfortável.

— Ele ficava lembrando o quanto ajudara a mim e ao tio John no rancho. Ele sempre foi gentil com a gente. Certa vez, quando ficamos doentes, ele foi fazer compras e foi à farmácia, cuidou de nós até que ficássemos bem.

Sassy não podia acreditar. Seu rosto estava fechado.

— Isso significa que ele é capaz de fazer coisas boas. Mas isso não significa que não possa fazer ruins.

— Eu sei, — Jillian disse infeliz. — Eu apenas... Ele vem aqui todos os dias. Ele faz parecer que eu me excedi...

— Ele não é um porquinho indefeso — Sassy disse firme. — Ele é um lobo que está atrás de sua caça! Eu tenho certeza de que ele tentaria tirar a arma de mim, mesmo se eu tivesse puxado o gatilho. Ele estava furioso! Você não se lembra do que ele disse?

Jillian olhou ao redor. O restaurante estava vazio, mas o dono estava próximo dali, com certeza tentando ouvir o que elas diziam.

— Ele disse que acabaria com nós duas — Sassy respondeu. — John acha que ele está dizendo a verdade e que veio atrás de vingança. Ele contratou um segurança para mim — ela indicou o homem alto, com cabelo loiro preso em um rabo de cavalo e um tampão sobre um olho.

— Aquele é Rourke — Jilly exclamou.

Sassy piscou.

— O quê?

— Aquele é Rourke. Ele veio aqui essa manhã, quando eu joguei um bolo em Davy — ela ignorou o gemido de Sassy e continuou falando. — Ele disse que eu estava louca por tentar encontrar desculpas para o homem, e que eu deveria fazer as pazes com Ted. Ele acha que Davy é perigoso.

— Eu também acho — Sassy disse baixo — Você deve ficar conosco até isso acabar, de um jeito ou de outro.

Jillian hesitou. Mas pensou em Sammy e nos tipos de vingança que a mente doentia de Davy poderia inventar. Ele até mesmo poderia colocar fogo na casa. Ela não se atrevia a deixá-la abandonada.

— Obrigada — ela disse gentilmente. — Mas eu não posso. De qualquer modo, eu tenho a arma do meu tio.

— Que você nunca tocou — Sassy murmurou. — Eu duvido que ela tenha sido limpa desde que ele morreu.

Jillian olhou para o chão.

— Ted a limparia se eu pedisse.

— Por que você não pede? — veio a resposta brusca. — E conte a ele porque você precisa dela. Eu lhe desafio.

— Eu não acredito que Davy me machucaria — ela disse lentamente.

— Ele assediou você.

— Talvez ele tenha sido apenas um pouco estimulado...

— Ele assediou você — Sassy respondeu com voz firme.

Jillian suspirou.

— Eu odeio desentendimentos.

— Quem não odeia? Mas esse não é apenas um homem que deixou um beijo passar dos limites. Esse é um homem que deliberadamente veio para Hollister, conseguiu um emprego e atormenta você todo dia no seu local de trabalho — Sassy disse baixo. — É perseguição. É intimidação. Talvez você não possa provar, mas você deveria falar sobre isso com Ted.

— Ele achará que eu estou exagerando.

— Ele é um policial — Sassy a recordou. — Não achará.

Jillian estava enfraquecendo. Estava começando a ter medo de Davy. Se o marido de Sassy acreditava que havia uma ameaça, e até mesmo havia contratado um segurança, a coisa devia ser séria.

— John tentou prendê-lo, mas Ted disse que não se pode colocar alguém atrás das grades por algo que ele fez há anos. Ele precisa de evidências concretas.

Aquilo fazia as coisas soarem ainda piores. Jillian encarou a amiga preocupadamente.

— Davy me assusta.

Sassy aproximou-se.

— Eu farei com que Rourke fique de olho em você quando eu estiver em casa com John. Nós temos muitos caubóis que foram federais no rancho para me manter segura — ela acrescentou com um risinho. — Um deles trabalhava para o avô da cunhada de John. Ele era um mercenário. Ele ganhou milhões e ainda vem visitá-la — ela inclinou-se, pare que Rourke não pudesse ouvir. — Surgiu uma fofoca de que Rourke fosse filho dele. Ninguém sabe e Rourke não fala sobre isso.

— Puxa — Jillian exclamou. — Não seria K. C. Kantor, seria?

Sassy ficou impressionada.

— Como você soube?

— Eu não sei, mas ouvi o seu marido falando sobre ele no restaurante, naquele dia em que você foi até Los Angeles e ele teve que almoçar na cidade.

— Bisbilhotando? — Sassy brincou.

Jillian sorriu.

— Desculpe. Uma garçonete não consegue evitar.

— Eu não me importo — ela respirou fundo. — Eu preciso ir. Mas se você precisar de algo é só ligar. Eu mandarei Rourke para você.

— A minha audição funciona, mesmo eu não tendo um olho — o homem alto zombou.

As duas mulheres viraram-se surpresas.

— E K. C. Kantor não é meu pai — ele cuspiu cada palavra. — Isso é fofoca maldosa, e prejudica o meu pai, que era um militar na África do Sul e ganhou inimigos por causa do seu trabalho.

— Desculpe, — Sassy disse desconfortável. Rourke raramente fazia algo que não fossem sorrisos agradáveis e piadas, mas seus olhos escuros brilhavam e ele parecia perigoso.

Ele viu a consternação que suas palavras haviam produzido, e voltou ao seu estado normal sem esforço. Ele sorriu.

— Eu também sou um bisbilhoteiro desavergonhado, — ele acrescentou. — A gente nunca sabe quando uma bela mulher está fazendo comentários agradáveis sobre mim. Não gostaria de perder a chance.

As duas relaxaram.

— Desculpe, — Sassy disse novamente. — Eu não queria ser indelicada.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Kantor me adotou quando fiquei órfão, porque ele e meu pai eram amigos. É um mal entendido comum — ele franziu a testa. — Você está certa sobre Jillian. Morar sozinha é perigoso quando se tem um inimigo com intenções desconhecidas. A senhora Callister estará segura a noite, a menos que saia sem o marido. Eu posso dormir no seu sofá se você quiser.

— Sim, ele pode — Sassy concordou.

Aquilo deixou Jillian desconfortável. Ela desviou o olhar.

— Isso é muito gentil, obrigada, mas não será necessário.

Rourke arqueou uma sobrancelha.

— É culpa da minha loção de barbear? Isso afasta um pouco as mulheres — ele disse suavemente.

Sassy riu.

— Não. São as convenções.

— O quê?

— Ela não dormirá com um homem em sua casa — Sassy disse. — E antes que você diga algo — ela o interrompeu quando ele abriu a boca para falar. — Eu me sentiria exatamente assim se fosse solteira. Mulheres de cidades pequenas, que crescem com pensamentos antiquados, não dormem com homens solteiros em suas casas.

Ele ficou perplexo.

— Você nunca morou em uma cidade pequena — Jillian aventurou-se.

— Eu nasci na África — ele disse surpreendentemente. — Eu morei em vilarejos durante toda a minha vida. Mas não sei muito sobre pequenas cidades americanas. Eu acho que existem similaridades. Exceto pelo preço da noiva que ainda existe em alguns lugares.

— Preço da noiva? — Jillian o encarou esperando.

— Um homem que quer se casar com uma mulher tem que dar gado para o pai dela.

Ela o encarou.

— É uma tradição centenária — ele explicou. Em seguida torceu os lábios e sorriu para Jillian. — Eu aposto que o seu pai pediria mil cabeças por você.

Ela o encarou.

— Meu pai nunca me colocaria a venda para você! — ela exclamou.

— Lugares diferentes, costumes diferentes — ele disse simplesmente — Eu já morei em lugares que você nunca imaginaria.

— John disse que você era um pistoleiro — Sassy murmurou.

Ele a encarou.

— Não é verdade, — ele disse indignado. Ele sorriu — Eu era um negociante de armas.

— Semântica! — ela devolveu.

Ele deu de ombros novamente.

— Um homem precisa ganhar o pão quando não está trabalhando. E naquela época, não havia muita ação para mercenários do meu lado da África.

— E agora você trabalha como segurança? — Jillian perguntou.

Ele hesitou.

— Só quando estou de férias. Atualmente trabalho como contratante independente. Legitimamente — ele acrescentou quando elas o encararam com suspeita. — Eu não trabalho mais como mercenário.

— Então aquele caso em Oklahoma no qual você ajudou a libertar uma vítima de sequestro era legítimo? — Sassy perguntou.

— Eu estava ajudando um amigo — ele respondeu sorrindo. — Ele trabalha na mesma agência federal em que eu.

— Mas você é um cidadão africano, não é? — Jillian perguntou. — Quero dizer, se você nasceu lá...

— Eu tenho cidadania americana agora — ele disse, e pareceu desconfortável.

— Ele precisou quando foi trabalhar para o Senhor Kantor — Sassy murmurou. — Eu acredito que ele tenha feito umas mudanças no departamento?

Rourke a encarou mas não disse nada.

Ela ergueu as duas mãos.

— Ok, sinto muito, não vou insistir. Só estou grata por você estar cuidando de mim — ela encarou Jillian. — Mas você ainda tem um problema. E se Harrys decidir aparecer algum dia, e você não conseguir pegar a arma a tempo? A arma que não foi limpa desde que o seu tio morreu?

— Eu já disse que pedirei a Ted que limpe para mim — a outra mulher protestou.

— Você e Ted não estão se falando.

— Eu vou limpá-la para você — Rourke disse baixo. — E ensinar você a usá-la.

Jillian ficou nervosa.

— Eu odeio armas — ela explodiu. — Eu odiei quando Ted veio e brincou de tiro ao alvo na minha varanda. Eu nunca me acostumarei com o barulho delas. É como dinamite explodindo no meu ouvido!

Rourke a olhou com falso desdém.

— Ninguém nunca lhe falou sobre tampões de orelha?

— Tampões de orelha?

— Sim. Você sempre os usa quando vai atirar — ele explodiu. — A menos que você queira ficar surdo precocemente. Protetores de orelha são bons, mas os tampões podem ser colocados rapidamente se você está esperando por problemas no trabalho.

— E como você escuta algo com eles?

— Eles deixam o som entrar. Apenas controlam a sua frequência — ele explicou. Ele encarou Sassy. — Você não precisará de mim hoje a noite. Eu ouvi falar que o seu marido quer assistir um filme com você na televisão por assinatura.

Ela riu.

— Sim. Eu acho que é o segundo em uma trilogia de vampiros. Eu adoro!

Ele não se mexeu. Ele encarou Jillian.

— Eu estarei livre a partir das seis. Eu posso limpar a arma e armar um sistema de segurança. Se você precisar de travas e alarmes silenciosos, eu posso instalá-los.

Ela mordiscou o lábio inferior com força. Não podia comprar tais coisas. Mal conseguia pagar as contas com o que ganhava como cozinheira.

O dono do restaurante, que ouvia tudo, aproximou-se deles.

— Você pode ter um adiantamento se quiser — ele disse gentilmente. — Eu proibiria Harris de vir aqui se pudesse, mas não posso, e ele é do tipo que contrataria um advogado. E eu não posso pagar por isso — ele acrescentou pesadamente.

— Obrigado, Senhor Chaney — Jillian disse baixo. — Eu achei que você fosse me despedir por causa de todas as fofocas.

— Sem chance — ele disse divertido. — Você é a melhor cozinheira que eu já tive.

— Ele não devia ter a chance de ameaçá-la enquanto ela está no trabalho — Sassy disse rápido.

— Eu concordo — o dono do restaurante disse gentilmente. — Mas esse é um negócio e eu não posso barrar pessoas sem ter provas de que elas estão causando problemas. Eu nunca o vi ameaçar Jillian ou ser desrespeitoso com ela.

— É porque ele sussurra coisas que não quer que ninguém ouça — ela disse infeliz. — Ele me fez acreditar que eu o havia mandado para a prisão sem motivo.

— Eu moro em Hollister — ele disse baixo. — Mesmo que não esteja evidente, a maioria de nós sabe o que está acontecendo por aqui. Eu me lembro do caso. Minha irmã, se você se lembra, foi a promotora do caso. Ela ajudou Jack Haynes com os precedentes.

— Eu me lembro — Jillian disse. Ela cruzou os braços sobre os seios. — É tão assustador. Eu nunca achei que ele fosse sair da prisão.

— Os presos frequentemente saem por bom comportamento — Rourke disse. — Um exemplo é o ladrão de banco que o seu chefe prendeu. E um amigo do FBI teve um problema parecido. Um homem que ele prendeu simplesmente saiu da prisão e está atrás dele. Meu amigo não pode fazer mais do que você está fazendo. O bandido não faz nada que possa lhe mandar para a prisão.

— A vida é dura — Sassy disse.

— Então você morre — Rourke disse e sorriu. — Você assistiu aquele programa policial britânico? Você é muito jovem.

— Eles tem tudo gravado em CDs, mesmo esses programas antigos. É um dos favoritos de John — Sassy deu um risinho.

— Meu também — Chaney acrescentou sorrindo. — Era uma mistura estranha, a policial britânica e o policial britânico.

— Pena ter terminado antes de nós sabermos como ficaram as coisas entre eles — Rourke suspirou. — Eu adoraria um final romântico.

As duas mulheres e o dono do restaurante o encararam.

— Eu sou romântico — ele disse na defensiva.

As mulheres olharam descaradamente para a arma que ele guardava por baixo da jaqueta.

— Eu posso atirar nas pessoas e ainda ser romântico — ele disse deliberadamente. — Em algum lugar existe uma mulher que não vê a hora de se casar comigo e ter filhos meus!

Elas o encararam ainda mais.

Ele mexeu-se desconfortavelmente.

— Bem, minha profissão não me daria muito tempo para cuidar de filhos, mas eu ainda posso me casar com uma jovem mulher que queira cozinhar, passar minhas meias e levar minhas roupas até a lavanderia enquanto eu estiver de folga.

— Isso não é romântico, é desilusão — Sassy falou.

— E você está vivendo no século errado — Jillian acrescentou.

Ele a encarou.

— Eu não vou me meter com uma empresária engomada.

— Não se chama meter, se chama combinar — Sassy disse zombeteira. — E eu realmente não consigo ver você com uma empresária. Eu acho que uma jogadora do Dallas Cowboy seria mais... Não bata em mim, eu contarei a John! — ela disse com falso medo quando ele a encarou e deu um passo a frente.

— Uma mulher com um terno listrado — ele zombou.

Sassy concordou.

— Uma mafiosa.

Ele ergueu as duas mãos.

— Eu não posso falar com você.

— Você poderia se parasse de usar metáforas e de procurar por mulheres que viviam na idade média — ela franziu a testa. — Você não sai muito, não é?

Ele olhou através da janela do restaurante.

— Nesse lugar, não importaria se eu sáísse. Eu acho que só existem duas mulheres solteiras nessa cidade, e elas já estão na casa dos sessenta!

— Nós podemos perguntar se alguém tem uma prima ou sobrinha bonita que mora fora da cidade — Jillian ofereceu.

Ele torceu os lábios ao encará-la.

— Você não é tão ruim. Você tem o seu próprio rancho e sabe cozinhar.

— Eu não quero me casar — Jillian disse bruscamente.

— Isso é verdade — Sassy disse triste. — Eu acho que Harris afastou os homens da vida dela. Ela nem ao menos quer se casar com Ted, e isso significa que ela perderá o rancho para um investidor.

— Bom Deus — Rourke exclamou — Por quê?

— Está no testamento do meu tio e no testamento do tio dele que nós temos que nos casar ou o rancho vai a leilão — Jillian disse triste — Um investidor da Califórnia está lambendo os beiços, apenas esperando para transformar o rancho em uma colônia de férias.

Rourke ficou ultrajado.

— Aquele belo pedaço de terra!

Ela concordou.

— Ficaré igual à Costa Oeste quando ele terminar. Ele cortará todas as árvores, pavimentará a terra e construirá condomínios caros. Eu ouvi falar que ele tem planos de construir até mesmo um shopping no lugar. Oh, e um parque de diversões.

Rourke ficou pensativo.

— Aquele é um belo pedaço de terra — ele afirmou.

— Muito bom.

— Mas isso não resolve o nosso problema — Sassy respondeu.

— Eu posso vir às seis se estiver tudo bem — ele disse a Jillian, com um olhar questionador para Sassy.

— Está ótimo para mim — Sassy assegurou. Ela encarou Jillian, que hesitava. — Se Ted não fala com você, alguém precisa limpar a arma.

— Eu acho que sim.

— A sua animação me assusta — Rourke zombou.

Jillian riu envergonhada.

— Desculpe. Eu não queria parecer relutante. Eu só não sei o que Ted achará disso. Ele já está bravo porque eu disse que poderia ter exagerado um pouco quanto a Davy Harris.

— Não foi exagero — o dono do restaurante, o senhor Chaney, falou indignado. — O homem mereceu. Eu apenas sinto por não poder mantê-lo longe daqui. Se ele insultar você ou fizer alguma ameaça, conte a mim. Eu o barrarei mesmo se isso me colocar em problemas.

— Obrigada, chefe. De verdade — Jillian disse.

— É o mínimo que eu posso fazer — ele olhou para a porta — Com licença. Clientes — ele partiu com um sorriso.

— Ele sempre cumprimenta as pessoas quando elas entram — Jillian explicou com um sorriso. — E então ele vai até as mesas e checa se o serviço e a comida estão bons. Ele é um grande chefe.

— É um grande restaurante — Rourke concordou. — Boa comida — ele sorriu para Jillian.

— Então. Seis horas? — ele acrescentou.

Jillian sorriu.

— Seis horas. Eu até mesmo alimentarei você.

— Eu levarei a matéria prima, tudo bem? — ele perguntou com um brilho nos olhos. — Bife e salada?

— Com certeza! — Jillian exclamou. — Eu não como bife há um bom tempo!

— Você tem toda essa carne aqui e não a come? — ele exclamou. — E quanto àquele novilho com...?

— Sammy? — Jillian ofegou. — Ela não virará bife!

— Ela? — ele perguntou.

— Ela é uma vaca. Ou será algum dia.

— Uma vaca chamada Sammy — ele riu. — Assim como Cy Parks, em Jacobsville, Texas. Ele tem uma cadela chamada Bob — todos riram.

— Viu? — Jillian disse indignada. — Eu não sou a única pessoa que dá nomes estranhos a animais.

Sassy a abraçou.

— Não, não é. Eu vou para casa. Deixe Rourke limpar a arma.

— Ok. Obrigada — ela acrescentou.

— O prazer é meu — Rourke disse.

Sassy deu um risinho.

— E não deixe que ele a convença a se casar — ela disse firme. — Ted nunca mais falará com nós.

— Você não corre o perigo — Jillian suspirou. — Desculpe — ela disse a Rourke.

— Não seja tão intransigente — Rourke disse. — Eu tenho muitas qualidades. Eu as contarei hoje a noite. Vejo você às seis.

Ele saiu com Sassy. Jillian os observou, agradecida mais preocupada. O que Ted pensaria?

Rourke chegou pontualmente às seis horas com uma sacola do mercado.

Ele colocou as compras sobre a mesa. Carnes caras, alface, todos os ingredientes para uma salada junto com os temperos, além de uma torta de cereja e sorvete de baunilha.

— Eu sei que você faz bolos e tortas maravilhosos — ele explicou. — Mas eu achei que essa noite você gostaria de provar a comida de outra pessoa. A cozinheira da senhora Callister foi quem fez. Ela é famosa no lugar onde nasceu, em Billings, Montana.

— Eu adoro. Torta de cereja é uma das minhas favoritas.

— Minha também.

Ele cortou os bifos e usou uma faca especial para cortar os vegetais da salada.

Jillian obsejou a maestria dele com a faca com fascinação.

— Você deve ter precisado de muito tempo para aprender a fazer isso.

— Eu precisei. Pratiquei com muitas pessoas.

Ela o encarou, sem saber o que dizer.

Ele percebeu e deu uma gargalhada.

— Eu estava brincando — ele explicou. — Não que eu nunca tenha usado facas em pessoas, quando a ocasião pediu.

— Eu acredito que a violência seja um estilo de vida para alguém em sua posição.

Ele concordou.

— Eu aprendi a manejar uma AK-47 quando tinha dez anos.

Ela ofegou.

— Onde eu cresci, na África, sempre haviam guerras regionais — ele falou. — Os mais fortes tentavam aproximar-se e roubar o que pertencia às tribos locais. Eu não tinha família na época, morava em um orfanato, então fui lutar com eles — ele riu. — Foi o começo de um estilo de vida que nunca consegui abandonar. Violência é de família.

— Eu acredito que sim.

— Eu aprendi táticas e estratégias com uma sucessão de guerreiros locais — ele falou. — Alguns deles eram remanescentes da era Shaka Zulu.

— Quem eram esses?

— Shaka Zulu? O mais famoso dos guerreiros Zulu, um estrategista do mais alto nível. Ele revolucionou o armamento e as lutas entre o seu povo e se tornou um grande guerreiro. Ele

derrubou os britânicos, mesmo com todo o seu arsenal moderno.

— Bom Deus! Eu nunca ouvi falar dele.

— Havia uma minissérie na televisão sobre as suas aventuras — ele disse enquanto cortava o pepino em tiras — Eu tenho. E assisto muito.

— Eu assisti “Fora da África”.

Ele sorriu.

— É uma beleza.

— É mesmo. Eu adorei o cenário — ela riu. — Imagine só, tocar Mozart para os habitantes locais.

— Invenção — ele parou de cortar e seus olhos se tornaram sonhadores. — Eu acho que a África é o lugar mais bonito do planeta. É triste os animais estarem perdendo o seu habitat tão rapidamente. A maioria deles entrará em extinção muito rápido.

— Existem muitas pessoas tentando salvá-los. Eles criam os filhotes e depois os devolvem à selva.

— Onde caçadores estão esperando para matá-los — ele disse laconicamente. — Ainda são encontrados marfim e pés de elefantes em tamboretas, assim como chifres de rinoceronte em lojas clandestinas por todo o mundo. Eles prendem alguns homens, mas não todos. É trágico ver um estilo de vida morrendo. Assim como os bushmen¹⁶ — ele disse baixo. — A cultura deles foi totalmente destruída, denegrida, ridicularizada pelos invasores europeus. O resultado foi que eles se tornaram pessoas sem um lar, morando em cidades, em cortiços. Muitos deles são alcoólatras.

— Eu posso lhe dizer que a mesma coisa aconteceu aqui, onde americanos nativos receberam tratamento similar — ela falou.

Ele sorriu.

— Parece que as velhas culturas são tão primitivas que não recebem valor. Nossas civilizações modernas tem menos de dois mil anos, enquanto as primitivas tem centenas de milhares. Você sabia que as principais civilizações da América Central baseavam-se na agricultura? A nossa é baseada na indústria.

— Agricultura. Pecuária.

Ele concordou.

— As cidades cresceram ao redor de terras onde os grãos eram plantados e cresciam até mesmo em condições de grande seca. Os Hohokam no Arizona tinham canais. A civilização Maia tinha a astronomia — ele a encarou. — Os médicos Incas sabiam como operar o crânio para diminuir a pressão do cérebro. Eles usavam bisturis artesanais. Não se sabe muito, mas eles são usados em cirurgias ainda hoje.

— Como você aprendeu tudo isso? — ela perguntou.

— Viajando. É uma das funções do meu trabalho. Eu vejo coisas e converso com pessoas que estão envolvidas nas pesquisas e explorações. Eu já trabalhei como segurança de um dos arqueólogos mais importantes do Egito.

— Deus!

— Você já viajou? — ele perguntou.

Ela parou para pensar.

— Bem, eu já fui para Oklahoma — ela disse — Foi uma longa viagem.

Ele parou a faca no meio do caminho.

— Para Oklahoma.

Ela corou.

— Foi o único lugar fora de Montana para onde eu já fui — ela explicou.

Ele ficou chocado.

— Nunca foi para outro país?

¹⁶ **Bushmen** ou Kalahari é um povo que representa 3% da população da Namíbia. Ficaram mundialmente famosos com o filme “Os deuses devem estar loucos”. São caçadores e coletores de alimentos.

— Oh, não — ela respondeu — Nunca tive dinheiro suficiente para... — ela parou e olhou através da janela. Uma caminhonete estacionava na frente do jardim, muito rápido. O motor foi desligado, a porta se abriu e foi fechada com fúria.

A mão de Rourke aproximou-se involuntariamente de sua arma.

— Oh, Deus — Jillian falou mordiscando o lábio.

— Harris? — ele perguntou bruscamente.

Ela suspirou.

— Muito pior. É Ted.

Capítulo 9



Passos rápidos e pesados se aproximaram da porta da entrada. Jillian não precisava perguntar se Ted estava zangado. Quando ele não estava, seu andar mal podia ser ouvido, mesmo estando de botas. Agora, ele caminhava com um propósito, e ela podia ouvi-lo.

Ele bateu na porta. Ela a abriu e deu um passo para trás.

Os olhos dele brilharam ao encará-la.

— Eu soube que você tem companhia, — ele disse bruscamente.

Rourke saiu da cozinha. Ele havia tirado a jaqueta, então sua arma estava visível.

— Ela tem, — ele respondeu. Ele aproximou-se com graça e estendeu uma mão. — Rourke — ele apresentou-se. — Eu sou um empréstimo dos Callister.

Ted apertou a mão dele.

— Theodore Graves. Chefe de polícia — ele acrescentou.

Rourke deu um risinho.

— Eu sei. Eu vim à cidade para vê-lo no outro dia, mas você estava fora. Cash Grier mandou um olá.

Ted pareceu surpreso.

— Você o conhece?

— Nós trabalhávamos juntos sob, digamos, condições incomuns na África — veio a resposta.

Ted relaxou um pouco.

— Rourke. Eu acho que ele falou sobre você.

Ele deu de ombros.

— Eu sou conhecido. Eu vim para limpar a arma para ela, mas também estou cozinhando. — Ele olhou Ted de uma maneira especulativa que não perdia muito, incluindo o ciúmes do outro homem. — Eu a estou impressionando com meus dotes culinários, na esperança de que ela aceite se casar comigo depois do jantar.

Ted o encarou.

— O quê?

— Ele só está brincando — Jillian disse corando.

— Estou? — Rourke perguntou arqueando as duas sobrancelhas.

Ted encarou o outro homem.

— Ela é minha noiva.

— Não sou! — Jillian disse enfaticamente.

Rourke deu um passo para trás e ergueu uma mão.

— Acho que eu vou voltar para a cozinha. Não gosto de me meter em brigas de família, — ele acrescentou com um sorriso.

— Nós não somos uma família e não estamos brigando! — Jillian rugiu.

— Nós seremos uma família, e sim, nós estamos — Ted disse com raiva.

Rourke discretamente saiu da sala.

— Eu poderia limpar a arma se você tivesse me pedido — ele disse furioso.

— Você saiu daqui como um raio e não disse mais nada — ela devolveu. — Como eu falaria com você? Através de uma carta?

— E-mail é mais rápido, — veio uma voz da cozinha.

— Cale a boca! Essa é uma conversa particular, — Ted devolveu.

— Desculpe, — Rourke murmurou. — Não demorem muito, carne fria é indigesta.

— Você preparou carne para ele? — Ted exclamou. — O que ele fez? Matou Sammy?

— Eu não como gado feio! — Rourke alertou.

— Sammy não é feia, ela é bonita! — Jillian devolveu.

— Se você diz, — Rourke disse baixo.

— Não há nada errado com black baldies — ela insistiu.

— A menos que você nunca tenha visto um bezerro Brahma¹⁷ — Rourke suspirou. — Criaturas maravilhosas.

— Brahma é o gado mais feio do mundo, — Ted murmurou.

— Não é! — Rourke devolveu. — Eu tenho alguns!

Ted parou.

— Você tem gado aqui? — ele perguntou.

Rourke voltou à sala, segurando um garfo.

— Na África. Meu lar é no Quênia.

Os olhos de Ted se estreitaram.

— Então foi lá que Cash conheceu você.

— Sim. Eu estava, digamos, vantajosamente ajudando em uma missão para derrubar um líder militar que matava crianças para subir ao poder.

— Bom para você, — Ted respondeu.

— Agora vocês estão unindo forças? — Jillian disse bufando.

— Somente no que está relacionado com a pecuária, — Rourke assegurou com um sorriso. — Eu ainda sou um competidor nas apostas matrimoniais, — ele acrescentou. — Eu sei limpar, cozinhar e fazer bolo de maçã — ele lançou um olhar a Ted, como se o desafiasse.

Ted ficou quieto. Todos sabiam que ele não conseguia ferver água. Ele encarou o homem loiro.

— Eu posso retirar tampas de garrafas com minha pistola, — ele disse procurando um argumento de comparação.

— Eu sei fazer isso com uma metralhadora, — Rourke respondeu.

— Não na minha cidade, é uma arma ilegal.

— Ok, mas é uma maneira triste de se esquivar de uma competição, — ele piscou. — Eu fiz um trocadilho¹⁸!

— Eu não sou um tira, sou um chefe de polícia.

— Semântica, — Rourke disse zombeteiro, pegando emprestada a palavra favorita de Jillian, e voltou à cozinha.

Ted encarou Jillian, que tentava não rir. Ele estava mais preocupado com a situação dela do que queria admitir, o seu atacante continuava colocando fogo na cidade com fofocas sobre o passado de Jillian. Ele conhecia a verdade, mas algumas pessoas não. Ele ficara irritado porque não conseguia encontrar uma maneira de colocar o homem para fora da cidade. Jillian estava pálida e nervosa. Ele fizera mal ao evitá-la. Era autodefesa. Ela significava mais para ele do que

¹⁷ O gado Brahma é conhecido por sua inteligência, docilidade e resistência ao calor e doenças. Eles podem ser vermelhos ou cinzas (malhados).

¹⁸ **Comentário de Suelen Mattos:** O trocadilho aqui infelizmente se perde na tradução. Vou tentar explicar, mas me perdoem se ficar um pouco confuso: O trocadilho está no verbo "esquivar", no original "cop out". *Cop*, que também significa "tira", gíria para policial, e *out* que também significa "fora". Então, quando Rourke diz "*that's a sad way to cop out of a competition*" (é uma maneira triste de se esquivar de uma competição) ao mesmo tempo faz um trocadilho insinuando um "tira fora da competição" (*cop out of a competition*).

podia imaginar. Ele não queria machucá-la, mesmo que ela não quisesse se casar com ele.

Ele pousou a mão na arma presa no cinturão.

— Eu fiquei sabendo sobre o que aconteceu no restaurante. Você devia dar ouvidos a Sassy. É possível que Harris tente se vingar de você aqui, onde você está sozinha.

— Ela não está sozinha, — Rourke gritou — Eu estou aqui.

— Não sempre e ele sabe disso, — Ted disse irritado. Não gostava de ver o outro homem assumindo uma responsabilidade que era sua.

— A senhora Callister já a convidou para ficar no rancho, mas ela não quer, — veio a resposta.

Ted também não gostava da ideia de ver Jillian perto de Rourke. Mas precisava admitir que era o mais seguro para ela, se ela não quisesse se casar com ele.

— Nós podemos nos casar, — ele disse abaixando a voz.

— Você sabe cozinhar? — Rourke perguntou. — Além disso, eu tenho todos os meus dentes.

Ted o ignorou. Ele estava preocupado e demonstrava isso. Ele a encarou.

— Harris comprou uma faca na loja de ferramentas ontem.

— Não é ilegal ter uma faca, — Rourke disse.

— Tecnicamente não, embora a que ele tenha comprado se encaixe na definição de ilegal se ele a usar na cidade. Sua lâmina tem mais de quinze centímetros. É o motivo da compra que me preocupa, — ele acrescentou.

Rourke rapidamente ficou sombrio.

— Ele está demonstrando as suas intenções, — ele disse.

— Foi o que eu pensei, — Ted concordou. — E ele sabe que não há nada que eu possa fazer sobre isso, a menos que ele porte uma arma de verdade. E ele não fará isso.

Rourke não acrescentou que portava a sua própria faca na cidade.

— Você poderia ficar de costas e eu teria uma conversa com ele, — Rourke sugeriu com falsa inocência.

— Ele me faria prender você e chamaria o próprio advogado, — foi a resposta.

— Eu acho que sim.

— Talvez eu pudesse visitar um parente que more fora daqui, — Jillian disse com um suspiro.

— Ele seguiria você, e ameaçaria qualquer pessoa com quem você ficasse, — Ted disse. — Além disso, você não conhece ninguém que more fora daqui.

— Eu estava brincando, — Jillian respondeu. — Eu não vou fugir, — ela acrescentou firmemente.

Os dois homens a encararam com admiração.

— Atrevida, — Rourke comentou.

— Sensível, — Ted respondeu. — Ninguém passará por mim na minha própria cidade para fazer mal a ela.

— Eu não preciso ficar no rancho a noite, — Rourke disse. — Eu posso ficar aqui.

Ted e Jillian o encararam.

Ele ergueu as duas mãos.

— Vocês dois tem uma mente muito quadrada para dois cidadãos do século vinte e um!

— Nós moramos em uma cidade pequena, — Jillian afirmou. — Eu não quero ficar falada. Quer dizer, mais do que eu já estou, — ela disse infeliz. — Eu acho que Harris convenceu metade das pessoas daqui de que eu sou uma namorada cruel que o colocou na prisão porque ele queria se casar comigo.

— Boa sorte a qualquer retardado que acreditar em uma história como essa — Rourke disse. — Especialmente alguém que conheça você.

— Obrigada, Rourke — Jillian respondeu.

Ted balançou a cabeça.

— Existem pessoas que acreditam em tudo. Eu daria todo o dinheiro que eu tenho para

encontrar uma lei que pudesse ser usada para colocá-lo fora da cidade.

— Vadiagem podia ser uma, mas ele conseguiu um emprego.

— Pois é, — Ted disse.

— Não está certo, — Jillian lamentou. — Quero dizer, alguém vem até aqui, me atormenta, torna a minha vida um inferno e não recebe a culpa.

A expressão de Ted era eloquente. Suas bochechas coraram de raiva.

— Eu não estou culpando você, — Jillian disse. — Não estou, Ted. Eu sei que você não pode fazer nada.

— Oh, pelos velhos tempos da África, — Rourke suspirou. — Somos nós quem fazemos a lei.

— Lei é a base de qualquer civilização — Ted disse firme.

— Verdade. Mas lei, assim como qualquer outra coisa, pode ser quebrada — Rourke torceu os lábios. — Você ficará para o jantar? Eu trouxe três bifes.

Jillian franziu a testa.

— Três?

Ele deu um risinho.

— Digamos que eu adivinhei que nós teríamos companhia, — ele disse com um olhar zombeteiro para Ted.

Ted pareceu relaxar. Ele encarou Jillian agradavelmente.

— Nós podemos nos sentar na varanda e brincar de tiro ao alvo depois do jantar.

Ela o encarou.

— Nós podemos praticar com a arma dela, — Rourke acrescentou botando lenha na fogueira.

— Eu só tenho dois cartuchos, — Jillian disse rapidamente.

Rourke pegou uma bolsa que colocara em uma das cadeiras de visita.

— Eu adivinhei isso também. — Ele entregou os cartuchos a Ted com um sorriso.

— Cartuchos duplos, — Ted refletiu. — Nós usamos isso em nossos torneios de tiro.

— Eu sei.

— O que isso quer dizer? — Jillian quis saber.

— É uma peça pesada, usada por oficiais para garantir que criminosos que atirem neles paguem pelo privilégio, — Ted disse enigmaticamente.

— Causa um prejuízo danado, amor, — Rourke traduziu.

Ted não gostou do termo usado, e seus olhos brilharam.

Rourke riu.

— Eu vou cuidar dos bifes.

— É mais seguro, — Ted concordou.

Rourke saiu e Ted pegou a mão de Jillian e a levou até a sala de estar. Ele fechou a porta.

— Eu não gosto que ele fique aqui quando você está sozinha, — ele disse rudemente.

Ela o encarou desconfortável.

— Bem, na verdade eu não tinha muitas pessoas disponíveis para me proteger de Davy!

Ele abaixou os olhos.

— Desculpe.

— Por que você ficou tão bravo?

— Você estava procurando desculpas, — ele disse bruscamente. — Deixando que ele a convencesse de que cometera um erro. Eu tive acesso aos arquivos, Jillian.

Ela percebeu o que ele estava dizendo e corou até a raiz do cabelo.

— Ei — ele disse suavemente. — Não é culpa sua.

— Ele disse que eu vestia roupas sugestivas...

— Você nunca usou nada sugestivo em toda a sua vida, e você tinha quinze anos, — ele murmurou. — Como você se sentiria, com a sua atual idade, se um garoto de quinze anos flertasse com você?

— Eu contaria à mãe dele, — ela devolveu.

— Exatamente. — Ele esperou que ela registrasse o que dissera.

Os olhos dela se estreitaram.

— Você quer dizer que eu não tive a intenção de me envolver com um homem, mesmo um com apenas seis anos a mais do que eu.

— Você não queria. E você nunca usou roupas sugestivas.

— Eu não poderia mesmo se quisesse. Meu tio era muito conservador.

— Harris era um predador. Ele ainda é. Mas na cabeça dele, ele não fez nada errado. É por isso que ele está dando trabalho. Ele acha mesmo que tem o direito de perseguir você. Ele não consegue entender por que foi preso.

— Mas isso é loucura!

— Não tanto quanto você se achar culpada, quando na verdade você teve que correr até a casa de sua vizinha para se salvar — ele apontou.

Ela mordiscou o lábio inferior.

— Eu estava morta de medo, — ela o encarou. — Homens são tão fortes — ela disse. — Até mesmo homens magros como Davy. Eu quase não consegui escapar. E quando consegui, ele ficou louco. Ele me ameaçou durante todo o caminho até a casa dos Peale. Eu acho que ele teria me matado se Sassy não tivesse uma arma. Ele a teria matado também, e seria minha culpa, por ter ido até lá procurar ajuda. Mas era a única casa que ficava por perto.

— Eu tenho certeza de que Sassy nunca te culpou por isso. Ela é uma boa pessoa.

— Você também, — ela disse baixo. — Desculpe-me por ter sido tão difícil.

O rosto dele suavizou-se. Os olhos negros procuraram os dela.

— Eu deveria ter sido mais compreensivo, — ele fez uma careta. — Você não sabe o que é sair com uma mulher que você quer e estar apreensivo em tocar nela.

Ela o encarou em dúvida.

— Você não sabe sobre o que eu estou falando, sabe? — ele perguntou em um tom frustrado. Ele aproximou-se. — Talvez seja hora de você saber.

Ele a puxou para perto com um braço comprido e forte e inclinou a cabeça. Ele a beijou com suave persuasão no começo e depois, quando ela relaxou, sua boca tornou-se exigente. Ele fez os lábios dela se entreabrirem e os mordiscou. Ele a sentiu estremecer, mas depois de uns segundos, ela tornou-se mais maleável. Ela parou de resistir e ficou quieta.

Ela não sabia que era capaz de sentir tais coisas. Até agora, Ted sempre a beijara com delicadeza. Mas dessa vez, ele não estava se segurando. O braço dele, em suas costas, a puxava para mais perto. A mão dele deslizou pela cintura dela e tocou levemente o seio pequeno e firme.

Ela deveria protestar, disse a si mesma. Não deveria deixá-lo fazer isso. Mas enquanto os beijos se tornavam mais longos e famintos, o corpo dela começou a ficar quente e mole. Ela queria mais do que estava tendo, mas não entendia a necessidade.

Ted percebeu a inquietação dela e soube como satisfazê-la. A boca máscula tornou-se mais exigente enquanto os dedos começavam lentamente a tocar a pele fresca, com muita suavidade, trazendo sensações que Jillian nunca sentira antes.

Ela ofegou quando os dedos dele tocaram o mamilo e ele ficou duro e incrivelmente sensível. Ela tentou se afastar, mas não com muito entusiasmo.

— Assustada? — ele sussurrou contra a boca dela. — Não precisa. Nós temos um convidado.

— A porta... está trancada.

— Sim, graças a Deus — ele gemeu. — Porque se não estivesse, eu não me atreveria a isso.

“Isso” envolvia a saia dela erguida até a cintura e o sutiã abaixo de seu queixo, além da chocante e deliciosa invasão da boca de Ted contra o seu seio.

Ela estremeceu. Era o prazer mais intenso que ela já sentira. Ela enfiou as unhas nos ombros dele enquanto fechava os olhos e arqueava o corpo para lhe dar mais acesso à pele quente e fresca que ardia por carícias.

Ela sentiu a mão dele a abraçando, a erguendo, enquanto sua boca cobria um mamilo e ele

o tomava com os lábios e a língua.

O suspiro dela foi seguido por um gemido áspero que acabou com o controle dele. Não havia sido apenas uma longa espera, mas essa mulher era a pessoa mais importante de sua vida e ele a queria com obsessão. Ele não conseguia dormir porque ficava pensando em como seria doce fazer amor com ela. E ali estava ela, apesar de suas inibições, não só aceitando o toque dele como também apreciando.

— Você disse que não queria se casar comigo, — ele sussurrou roucamente enquanto sua boca se tornava mais exigente.

As unhas dela o apertaram com mais força.

— Eu disse um monte de coisas, — ela concordou. Ela fechou os olhos enquanto saboreava o cheiro forte da colônia dele, a ternura de sua boca sobre a pele fresca. — Eu até devia... acreditar nelas na época.

Ele ergueu a cabeça e a encarou. Sua expressão ficou séria com a visão dos seios belos e firmes, e seu corpo se contraiu.

— Eu levei para o lado pessoal. Como se você achasse que havia algo de errado comigo.

— Ted, não! — ela exclamou.

Ele afastou a mão que estava traçando ao redor do mamilo dela.

Jillian mordiscou o lábio.

— Eu não disse não para isso — ela disse com inevitável timidez, abaixando os olhos. — Eu quis dizer que não há nada de errado com você...!

Ela suspirou quando ele respondeu ao claro convite na voz dela e brincou com a rígida elevação de carne com o polegar e o indicador.

— Não? — ele sussurrou, e sorriu de uma maneira que ela nunca vira antes.

— Claro que não! Eu só estava assustada — ela gaguejou, porque o que ele estava fazendo estava provocando sensações em lugares muito pessoais. — Eu acho que era medo do casamento.

— O casamento deve ser um prazer para duas pessoas que se importam uma com a outra — ele falou, observando com prazer a fascinação dela com o que ele fazia em seu corpo. Ele respirou fundo e inclinou a cabeça. — Eu estou começando a acreditar nisso.

Ele abriu a boca sobre o seio dela e o engoliu, sugando com os lábios e a língua em uma carícia lenta que fez o corpo dela se arquear e estremecer. Enquanto seu ardor crescia, ele sentiu com surpresa os dedos procurando os botões de sua camisa. Eles hesitaram.

— Homens também gostam de ser tocados — ele sussurrou na orelha dela.

— Oh.

Ela terminou de abrir o botão, um pouco atrapalhada e passou a mão sobre os pelos que cobriam o peito dele.

— Uau! — ela sussurrou quando as sensações que percorriam seu corpo pareceram ecoar do dele. — Você gosta disso? — ela perguntou hesitante.

— Eu amo isso, — ele rangeu os dentes.

Ela sorriu com o prazer da descoberta enquanto olhava para ele, para o cabelo bagunçado, para a boca sensual, para os olhos brilhantes. Esse tipo de prazer era novo. E ela estava certa de que nunca conseguiria sentir isso com outra pessoa.

Ele inclinou-se na direção dela e colocou o quadril ao dela em resposta imediata. Ela sentiu a pressão do peito forte contra os seus seios e arqueou-se para aumentar o contato. Seus braços deslizaram ao redor dele lentamente, o segurando enquanto uma corrente de paixão lhe percorria.

Ele colocou uma longa perna entre as dela e moveu-se em um ritmo que causou estremecimentos e um profundo gemido dela. Ela apertou os dentes no ombro dele enquanto as sensações cresciam e tornavam-se obsessivas. Ele devia ter sentido algo parecido, porque repentinamente a puxou contra si enquanto com um gemido perdia o pouco de controle que lhe restava.

As batidas na porta se tornaram insistentes, até se tornarem uma martelada.

Ted ergueu a cabeça, os olhos chocados visualizaram os seios rosados de Jillian com marcas visíveis de paixão, o rosto dela corado e rígido de desejo, os olhos tão turbulentos quanto os dele.

— O quê? — Ted disse alto.

— O bife está pronto! Não deixem esfriar! — Rourke gritou e eles ouviram os passos dele se afastando no corredor.

Com a paixão diminuindo, Jillian ficou envergonhada por Ted vê-la dessa maneira. Corada, ela arrumou o sutiã e a blusa, piscando quando o mamilo sensível foi coberto pelo tecido.

— Desculpe, — ele sussurrou roucamente. — Eu perdi a cabeça.

Ela esboçou um sorriso trêmulo.

— Está tudo bem. Eu perdi a minha também, — ela o olhou com absoluta ternura. — Eu não sabia que seria assim, — ela gaguejou. — Eu nunca senti isso com ninguém. Não que eu já tenha deixado um homem fazer isso...!

Ele colocou o dedo sobre os lábios dela e sorriu de um modo que nunca fizera antes.

— Está tudo bem, Jill.

Ela ainda tentava recuperar o fôlego, mas não estava conseguindo.

— Eu acredito que você tenha notado que nós somos totalmente compatíveis — ele brincou, apreciando a reação dela mais do que podia imaginar.

Ela riu suavemente.

— Sim, eu notei.

Ele sorriu.

— Então nós iremos nos casar. E você pode morar comigo, aqui no rancho, e nunca mais precisará se preocupar com Harris.

Ela hesitou, mas não por muito tempo. Ela concordou lentamente.

— Ok.

As bochechas dele ficaram coradas. Lisonjeava-lhe o fato dela ter concordado depois de um tórrido interlúdio apaixonado, quando não fora capaz de persuadi-la com palavras.

— Não fique se achando, — ela disse, adivinhando os pensamentos dele.

Os olhos dele brilharam.

— Impossível.

Ela riu. Era como se o mundo tivesse mudado completamente em poucos minutos. Todas as suas inibições haviam sumido no momento em que Ted a abraçara.

— Eu me perguntava, — ele confessou. — Se você seria capaz de corresponder a um homem depois do que aconteceu com você.

— Eu também me perguntava, — ela aproximou-se dele e apoiou as mãos em seu peito. — Era um dos motivos que me impedia de deixar as coisas irem muito longe. Eu não queria deixar você animado e depois me afastar e correr. E eu quase fiz isso.

— Sim, — ele disse.

— Se nos casarmos, você me dará um pouco de tempo, não é? — ela perguntou preocupada. — Eu acho que posso fazer o que você quer. Mas eu preciso me acostumar com a ideia.

Ted, que sabia mais do que ela sobre as reações das mulheres quando a paixão pegava fogo, apenas sorriu.

— Tudo bem.

Ela deu um risinho.

— Ok, então. Nós nos casaremos com o juiz de paz?

— Na igreja, — ele interrompeu. — E você precisa de um vestido branco e de um buquê. Eu até vestirei o meu melhor terno, — ele sorriu. — Eu só vou me casar uma vez. Precisamos fazer da maneira certa.

Ela adorou a atitude dele. Era o que ela queria, mas tinha medo de ser rejeitada.

— Ok, — ela disse.

— Você ficará linda em um vestido de casamento, — ele murmurou inclinando-se para

beijá-la ternamente. — Não que você não fique linda com jeans. Você fica.

— Não, — ela discordou.

— Você fica para mim, — ele corrigiu. Os olhos buscaram os dela e ele pensou no futuro, em viver com ela, em amá-la... Ele inclinou-se e a beijou de maneira faminta, suspirando quando ela respondeu ao seu ardor apaixonadamente.

— O bife esfriará em trinta segundos! — Rourke gritou do corredor.

Ted afastou-se sorrindo.

— Eu acho que nós podemos comer o bife, já que ele foi gentil e o preparou — ele falou. Os seus olhos brilharam. — Nós podemos contar a ele que ficamos noivos antes mesmo de começarmos a jantar.

— Rourke não está interessado em mim dessa maneira, — ela disse sorrindo. — Ele é um bom homem, é apenas protetor em relação às mulheres. Não é nada pessoal.

Ted tinha suas dúvidas. Jillian não tinha noção de seus atributos.

— Vamos, — ela disse e segurou a mão dele.

Aquilo impediu que ele reclamasse. Era o primeiro movimento físico que ela fizera em relação a ele. Bem, não o primeiro, mas o melhor. Ele deslizou os dedos entre os dela sensualmente e sorriu para ela.

Ela sorriu de volta. Seu coração batia forte no peito, seus nervos estavam à flor da pele. Era o começo de uma nova vida. Mal podia esperar para se casar com Ted.

Rourke sorriu para eles quando notou os sinais do que eles estiveram fazendo. Ele serviu o jantar.

— Isso está muito bom — Ted exclamou quando deu a primeira mordida na carne.

— Eu sou um excelente cozinheiro — Rourke respondeu surpreendentemente. — Quando eu estava de folga, costumava trabalhar em um dos melhores restaurantes de Jo'burg — ele disse abreviando carinhosamente a cidade de Johannesburgo.

— As novidades nunca acabarão — Jillian disse com um sorriso. — De bifes a combates.

— Oh, os combates em primeiro lugar — Rourke respondeu. — Desde que eu nasci na África.

— A África sempre foi um lugar perigoso, pelo que Cash me contou — Ted falou.

Rourke concordou.

— Nós temos muitas facções, todos tentando ganhar o controle dos disputados estados africanos, embora cada um seja parte da Unidade de Organização Africana, que contém cinquenta e quatro nações. As guerras são sempre sangrentas. E existem milhões e milhões de pessoas sem teto tentando sobreviver com seus filhos. Um mercenário não precisa procurar por trabalho, ele está ao seu redor — o rosto dele ficou rígido. — Mas o pior é o que eles fazendo com as crianças.

— Elas devem morrer muito jovens — Jillian comentou tristemente.

— Não. Eles colocam pistolas automáticas em suas mãos quando elas ainda estão no ensino fundamental, as ensinam a atirar e detonar explosivos. Eles não têm ideia do que deveria ser a infância.

— Deus do céu! — ela exclamou.

— Você nunca viajou, Jill, — Ted disse gentilmente. — O mundo é muito maior do que Hollister.

— Eu acho que sim. Mas eu nunca tive dinheiro, mesmo se tivesse inclinação — ela disse.

— É por isso que eu me juntei ao exército — Ted deu um risinho. — Eu sabia que era a única maneira de viajar.

— Eu queria conhecer o mundo também — Rourke concordou. — Mas a maioria das coisas que eu vi não é apropriada para as revistas de viagens.

— Você tem um rancho? — Ted perguntou.

Ele sorriu.

— Sim, eu tenho. Felizmente ele não está em nenhuma zona de guerra, então não preciso me preocupar com políticos testando o seu poder e se apoderando de terras privadas.

— E você cria gado Brahma — Ted disse balançando a cabeça. — Gado feio.

— Eles suportam o calor e algumas vezes até mesmo a seca que nós temos na África — Rourke explicou. — Nosso gado tem que ser forte. E alguns fazendeiros americanos os usam por esse motivo.

— Eu sei. Eu vi um monte deles no Texas.

— Eles não se importam com o calor e a seca, o que não se pode dizer de vários outros tipos de gado — Rourke acrescentou.

— Eu concordo — Jillian disse.

Rourke terminou o seu prato e tomou um gole do café que preparara.

— Harris está frustrado porque Jillian pediu que uma das garçonetes retirasse os bolos da vitrine.

— Eles não estavam sendo vendidos — Jillian disse infeliz. — Eles eram muito populares, e agora ninguém mais os quer. Eu acho que Davy convenceu as pessoas de que elas não devem comer meus bolos porque eu sou uma pessoa ruim.

— Oh, isso não é verdade — Ted falou. — Você não está sabendo sobre o concurso?

Ela franziu a testa.

— Que concurso?

— Você não lê o jornal local? — Rourke chiou.

Ela balançou a cabeça.

— Nós já sabemos o que está acontecendo, nós somente lemos o jornal para saber quem foi preso. Mas eu tenho ele — ela apontou Ted. — Para me contar, então por que eu preciso gastar dinheiro com um jornal?

Eles riram.

— O prefeito desafiou todos os moradores a não comerem doces por duas semanas. É uma competição entre empresários e pessoas que trabalham para eles. No final das duas semanas, todos são pesados, e o empresário que tiver os empregados que perderam mais peso ganha um prêmio em dinheiro. Os empregados decidirão como o dinheiro será usado, se eles o usarão para melhorar as condições de trabalho ou para outro fim.

Jillian animou-se.

— Então o problema não é comigo!

— Claro que não — Ted deu um risinho. — Eu ouvi pelo menos dois fregueses do restaurante reclamarem porque não podiam comer aqueles bolos deliciosos até o final do concurso.

— Eu me sinto muito melhor — ela disse.

— Estou feliz — Rourke falou. — Mas isso ainda não resolve nosso problema. Harris comprou uma faca e ele não é um caçador — ele disse lentamente. — Ele pegará dez ou quinze anos no mínimo se for acusado novamente. Ouviram-no dizer que nunca mais voltará para aquele inferno. Então basicamente ele não tem nada a perder — ele encarou Ted. — Você já sabe disso.

Ted concordou.

— Sim, eu sei — ele respondeu. Ele sorriu para Jillian. — E é por isso que nós nos casaremos no sábado.

Ela engasgou.

— Sábado? Mas o tempo não é suficiente...!

— É sim. Nós daremos um jeito. Enquanto isso — Ted falou — Você aceitará o convite de Sassy e ficará no rancho sem cerimônias. Certo?

Ela queria argumentar, mas os dois homens tinham um comportamento determinado. Então ela suspirou e simplesmente disse “sim”.

Capítulo 10



Não apenas John e Sassy receberam Jillian bem, Mas Sassy também se entregou aos preparativos do casamento e recusou-se a ouvir os protestos de Jillian.

— Eu nunca planejei um casamento, nem mesmo o meu — Sassy riu. — John contratou um profissional para fazer isso porque muitas pessoas importantes vinham à cerimônia. Então agora eu vou cuidar dos preparativos para o seu casamento.

— Mas eu não posso gastar nessa loja — a mulher mais jovem tentou reclamar. — Eles nem mesmo colocam os preços nas coisas.

Sassy sorriu para ela.

— John e eu decidimos que o nosso presente de casamento será o vestido e os acessórios — ela falou. — Então você pode passá-lo de geração para geração. Você pode ter uma filha que adorará vesti-lo em seu casamento.

Jillian não havia pensado no assunto. Ela começou a sonhar. Uma criança. Uma garotinha com quem ela poderia passear, cuidar e arrumar, contar histórias. Era um lado do casamento com o qual ela nunca se importara. Agora, era um pensamento agradável.

— Então pare de reclamar — Sassy disse gentilmente. — E comece a fazer escolhas.

Jillian a abraçou.

— Obrigada. Pelo vestido e por me deixar ficar com vocês até o casamento.

— É para isso que servem os amigos. Você faria o mesmo se a situação fosse contrária.

— Sim, mas eu poderia ter matado você naquela noite em que pedi por socorro — Jillian falou. — Isso me atormenta.

— Eu era totalmente capaz de lidar com Davy Harris. E agora eu tenho John, que pode cuidar de tudo.

— Você tem muita sorte. Ele é um bom homem.

— Sim, ele é — Sassy concordou com um sorriso.

— Eu nunca vi nada tão bonito quanto esses vestidos — Jillian começou.

— Eu soube que você se casará no sábado, Jilli — veio uma voz fria por trás dela.

As duas mulheres se viraram. Davy Harris as observava, um olhar desagradável em seu rosto.

— Sim, eu me casarei — Jillian disse a ele.

— Houve um tempo em que eu achei que você se casaria comigo — ele falou. — Eu tinha tudo planejado, desde o vestido que você usaria até a casa onde viveríamos. Eu conseguiria um emprego com um fazendeiro local. Tudo estava planejado — ele torceu os lábios. — Então você fugiu e se sentiu ultrajada quando eu tentei mostrar como eu me sentia.

— Eu mostrarei a você como eu me sinto — Sassy disse friamente. — Onde está a minha arma?

— Atos e ameaças terroristas, senhora Callister — ele devolveu. — Suponho que eu deva chamar a mídia e contar a eles que você está me ameaçando?

Jillian ficou horrorizada.

Sassy apenas sorriu.

— Não seria uma vergonha se a mídia tivesse acesso aos documentos do seu julgamento? — ela perguntou agradavelmente.

O rosto dele ficou rígido.

— Você se acha muito esperta. Mulheres são idiotas. Meu pai sempre disse isso. Minha mãe era uma completa inútil. Ela nem ao menos sabia cozinhar sem acabar queimando alguma coisa!

Jillian o encarou.

— Isso não quer dizer que uma mulher seja inútil.

— Ela estava sempre nervosa — ele continuou como se ela não tivesse falado nada. — Ela chamou a polícia um dia, mas meu pai fez com que ela nunca mais fizesse isso. Eles o colocaram na prisão. Eu nunca entendi o motivo. Ele estava certo por fazê-la pagar.

Sassy e Jillian trocaram olhares preocupados.

Harris sorriu friamente para Jillian.

— Ele morreu na prisão. Mas eu não. Eu não vou voltar — ele deu de ombros. — Continue sonhando com o casamento, Jilly. Porque isso é tudo o que você fará sobre o assunto. Tenha um bom dia.

Ele afastou-se.

O passeio acabou para Jillian. Sassy insistiu para que elas comprassem o vestido e as coisas que combinavam com ele, mas Jillian tinha certeza de que Davy cumpriria sua ameaça. Ele tentaria matá-la. Talvez ele até mesmo se matasse depois. Em sua mente, ele estava certo. Não havia jeito de convencer uma pessoa assim, um homem que achava que a própria mãe merecera morrer porque seu pai aparentemente havia sido preso por abusar dela.

— Existem pessoas assustadoras no mundo — Jillian falou em voz baixa. — Eu aposto que se o tio John tivesse realmente conversado com Davy, não o teria deixado passar pela porta de entrada. Ele é mentalmente perturbado, e isso não é aparente até que ele começa a falar.

— Eu percebi — Sassy respondeu. Ela respirou fundo. — Eu estou feliz por nós termos Rourke.

Jillian franziu a testa.

— Onde ele está?

— Nos observando. Se Harris fizesse algum movimento ameaçador, já estaria na prisão, provavelmente depois de uma passada pela sala de emergência. Eu nunca vi Rourke zangado, mas John disse que não é algo que ele queira presenciar.

— Eu tive essa impressão — ela riu. — Ele fez jantar para Ted e para mim.

— Eu ouvi falar — a outra mulher disse em um tom divertido. — Ted estava com ciúmes, não estava?

— Muito. Mas depois que ele percebeu que Rourke estava sendo apenas gentil e protetor, sua atitude mudou. Aparentemente ele conhece um chefe de polícia do Texas que Ted conheceu em um trabalho.

— Rourke conhece muitos lugares — ela encarou Jillian. — Ele se comporta como um palhaço, mas se você pudesse ver como ele age quando está sozinho, veria que é tudo um teatro. Ele é uma pessoa muito triste e sombria. Eu acho que ele já passou por maus momentos.

— Ele não fala muito sobre eles. Somente sobre o seu rancho.

— Ele também não fala sobre K.C. Kantor — Sassy respondeu. — Mas existe uma fofoca de que a mãe de Rourke era muito próxima do homem.

— Pelo que eu ouvi falar sobre o Kantor, ele não é do tipo propício a ter filhos.

— Foi o que eu pensei. Mas um homem pode se envolver em uma situação onde ele não usa o cérebro — Sassy deu um risinho. — E quando as pessoas se descuidam, elas tem filhos.

— Eu teria orgulho de Rourke se fosse o seu pai.

— Você tem a idade e o sexo errado — Sassy disse brincalhona.

— Oh, você entendeu o que eu quis dizer. Ele é uma boa pessoa.

— Ele é — Sassy disse enquanto estacionava em frente ao rancho. — Eu estou feliz por John tê-lo contratado. Pelo menos nós não precisamos nos preocupar em ser assassinadas no caminho até a cidade!

— Amém — Jillian suspirou.

John Callister era um homem gentil, fácil de se lidar. Ele não se parecia em nada com um milionário, pelo menos aos olhos de Jillian. Ele a tratava como uma irmã mais noiva, e estava feliz por tê-la por perto.

Jillian também gostava da mãe de Sassy, que estava com a saúde debilitada, e de sua irmã

adotiva, Selene, que era um gênio em matemática e ciências. John cuidava delas, assim como cuidava de Sassy.

Mas a personalidade tranquila entrou em eclipse quando ele soube que Davy Harris as havia seguido até a loja de noivas em Billings.

— O homem é perigoso — ele disse enquanto jantavam com Rourke.

— Ele é — Rourke concordou. — Ele não deveria estar solto por aí para começo de conversa. O que diabos está errado com a justiça criminal desse país?

John o encarou.

— É melhor do que o antigo sistema de vigilância — ele apontou. — E ele funciona.

— Não com Harris — Rourke respondeu, a mandíbula esticada enquanto ele comia a salada. — Ele pode agir como o bom moço por um tempo, mas não para sempre. Ele começa a falar, e você vê a loucura por baixo da aparência de sanidade.

— Pessoas problemáticas geralmente não sabem que são problemáticas — Sassy falou.

— E isso infelizmente acontece com frequência — Rourke acrescentou. — Pessoas como Harris sempre acham que estão sendo perseguidas.

— Eu conheci um cara que achava que o governo havia enviado espiões invisíveis atrás dele — John murmurou. — Ele os via, mas ninguém mais conseguia. Ele trabalhou para nós em um verão. Gil e eu continuamos com ele porque ele era o melhor domador que nós já tivemos. Mas isso foi um erro.

— Por quê? — Rourke perguntou.

— Ele tinha um cachorro. Ele era temperamental e se recusava a livrar-se dele. Um dia ele veio até a varanda e ameaçou as filhinhas de Gil. Gil bateu nele e o mandou embora. Então ele começou a cortar cercas e matar o gado. Por último, ele tentou nos matar. Ele acabou na prisão também.

— Bom Deus! — Jillian falou. — Foi por isso que você contratou um segurança para Sassy.

— Exatamente — John respondeu tenso. Ele não mencionou que Sassy já havia sido vítima de um predador, na loja onde ela trabalhava quando eles se conheceram. O homem estava preso até agora.

Os olhos dele pousaram em Sassy com calorosa afeição.

— Ninguém vai machucar a minha garota. Ou a melhor amiga dela — ele declarou com um sorriso para Jillian.

— Não enquanto eu estiver por perto — Rourke acrescentou sorrindo. — Você poderia se casar comigo — ele disse a Jillian. — Eu tenho a maioria dos meus dentes e sei cozinhar. O seu noivo não sabe nem ferver água.

— Isso é verdade — Jillian falou sorrindo. — Mas eu o conheço por toda uma vida, e nós pensamos do mesmo modo sobre as coisas. Nós teremos um bom casamento — ela tinha certeza disso. Ted era gentil, e paciente, e ele a livrara do medo de relacionamentos que Davy lhe causara. Nunca estivera tão certa sobre algo.

— Isso é uma vergonha — Rourke disse com um suspiro teatral. — Eu terei que voltar para o meu gado feio e viver sozinho porque ninguém quer cuidar de mim.

— Você encontrará uma garota que será feliz vivendo em uma pequena fazenda na África — Jillian assegurou.

John quase engasgou com o café.

Rourke o encarou friamente.

— O que há de errado com você? — Sassy perguntou ao marido.

Ele limpou a boca, ainda controlando o riso.

— Piada particular — ele disse trocando um olhar com Rourke, que suspirou e deu de ombros.

— Mas será melhor encontrar alguém que use roupas a prova de balas — John acrescentou com um brilho nos olhos enquanto encarava o outro homem.

— Eu só levo tiros de vez em quando — Rourke assegurou. — E eu geralmente escapo a tempo.

— Isso é verdade — John concordou, colocando outro pedaço de bife na boca. — Ele só tem um machucado na cabeça, e isso não parece ter afetado o seu cérebro — ele não mencionou o olho perdido, porque Rourke era sensível em relação a isso.

— Isso foi um acidente — Rourke respondeu, tocando uma leve cicatriz em sua têmpora. Ele encarou o outro homem com o olho castanho claro. — E não de uma pistola. Foi de uma faca.

— Pobrezinho — Jillian murmurou.

John cortou o bife.

— Você pode parar? — Rourke reclamou.

— Desculpe — John tossiu. Ele bebeu o café.

Jillian desejou saber sobre o que eles estavam falando. Mas não era problema dela, e ela tinha outras coisas com que se preocupar.

O vestido de casamento era um sonho. Ela não conseguia parar de olhá-lo. Ela o pendurou na porta do quarto de hóspedes e suspirava a cada oportunidade.

Ted a visitava frequentemente e eles caminhavam nos pastos, para conversar e fazer coisas de casal, aproveitando a atração física que crescia a cada dia.

Ele segurou a mão dela e caminhou pela neve, os dedos quentes segurando os dela com força.

— Eu não suporto ficar um dia sem ver você — ele disse de repente.

Ela parou de andar e o encarou maravilhada.

— Verdade?

Ele a abraçou.

— Verdade — ele inclinou-se e a beijou lentamente, sentindo a sua resposta, sentindo os lábios dela se entreabrirem e responderem. Ela passou os braços ao redor dele como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ele sorriu contra os lábios dela. Era uma agradável surpresa.

— Talvez eu consiga me acostumar com Sammy me seguindo em todos os lugares, e você possa se acostumar comigo atirando da varanda — ele brincou.

Ela deu um risinho.

— Talvez você possa me ensinar a atirar também.

Ele ficou chocado.

— Eu posso?

— Nós precisamos dividir os nossos interesses — ela disse brincalhona. — Você sempre vai ao campo de tiro para treinar. Eu poderia ir com você de vez em quando.

Ele ficou surpreso e não conseguiu esconder a própria reação.

Ela brincou com um botão da camisa dele.

— Eu também não gosto de ficar longe de você, Ted — ela confessou e corou um pouco. — É tão doce...

Ela a puxou para mais perto. Uma mão forte deslizou pelas costas dela, encostando-a no corpo poderoso.

— Mais doce do que o mel — ele murmurou antes de beijá-la.

As mãos dele puxaram o quadril dela contra a sua rigidez, causando um leve gemido na garganta dela. Mas não era um protesto. Ela se aproximou ainda mais.

Ele gemeu alto e colou o quadril ainda mais ao dela.

— Eu não posso esperar até sábado — ele disse em um tom rouco, enfiando as mãos por baixo da blusa de Jillian, por baixo do sutiã para acariciar os seios suaves. — Eu estou morrendo!

— Eu também — ela sussurrou tremendo. — Oh, Ted! — ela ofegou quando ele afastou a peça de roupa do caminho e cobriu o seio dela com a boca. Era tão doce. Tão doce para descrever com palavras!

Ele não percebeu o que estavam fazendo até eles se deitarem no chão gelado, na neve,

enquanto ele a beijava intensamente.

Ela estava tremendo quando ele ergueu a cabeça, mas não de frio ou medo. Os olhos dela continham o mesmo desejo frustrado que os dele.

— Eu quero tanto você! — ela sussurrou.

— Eu também — ele respondeu.

Por um longo momento, eles ficaram juntos no chão gelado, com a neve molhando as costas e as pernas de Jillian, enquanto eles lutavam para recuperar o controle.

Ted apoiou as mãos ao lado da cabeça dela e fechou os olhos enquanto apoiava a testa na dela. Ele estava rígido, inevitavelmente rígido, e incapaz de esconder-se.

Ela alisou o cabelo dele e deslizou pequenos beijos pelo rosto forte e finalmente pelas pálpebras fechadas e pelos cílios delicados.

— Está tudo bem — ela sussurrou. — Está tudo bem.

Ele ficou surpreso com o efeito daquelas palavras, e com a ternura que ela sentia por ele. Elas acalmaram o tormento. Elas o acalmaram, do modo mais doce que ele já imaginara. Ele sorriu contra o pescoço dela.

— Aprendeu como domar a fera, não é? — ele sussurrou em um tom brincalhão.

Ela o encarou com suavidade.

— Não muito — ela respondeu com uma risada. — Eu acho que o casamento será uma aventura.

— Eu também.

Ele ficou em pé e a colocou em pé também, ajudando Jillian a arrumar as roupas. Ele sorriu para ela.

— Nós gostamos de mapas e de tango. Nós iremos dançar toda semana.

Os olhos dela brilharam.

— Eu adoraria.

Ele a puxou contra si e a abraçou, quieto, no silêncio das montanhas cobertas de neve.

— O paraíso — ele sussurrou. — Deve ser assim.

Ela sorriu e o abraçou.

— Eu poderia morrer de felicidade.

O coração dele saltou.

— O meu também, querida.

A ternura fez com que o coração dela também desse um salto. Nunca tivera tanta felicidade.

— Sábado vai demorar muito para chegar — ele murmurou.

— Vai mesmo. Ted, Sassy me deu o mais lindo vestido de casamento. Eu sei que você não deve vê-lo antes da cerimônia, mas eu preciso mostrá-lo a você.

Ele afastou-se sorrindo.

— Eu adoraria.

Eles caminharam de mãos dadas até o rancho, calmos e contentes de uma maneira que nunca haviam estado antes.

Eles demonstravam que queriam ficar juntos para sempre, e assim seria.

Sassy, ocupada na cozinha, sorriu para eles.

— Vai ficar para o almoço, Ted? Nós teremos chili e pão de milho mexicano.

— Eu adoraria se não for atrapalhar.

— Claro que não.

— Então, eu ficarei. Jillian quer que eu veja o vestido de casamento.

— Má sorte — Sassy brincou.

— Nós faremos a nossa própria sorte, não é, querida? — ele perguntou em um tom carinhoso.

Ela corou em poucos segundos e segurou a mão dele.

— Sim, nós faremos.

Ela abriu a porta do quarto e ofegou, ficando pálida. Ali, no chão, estavam os restos do seu

vestido, seu lindo vestido. Ele havia ficado em pedaços.

— Não se mova — Ted disse bruscamente, seu braço evitando que Jillian entrasse no quarto. — Essa é a cena do crime. Eu trarei o investigador até aqui agora mesmo, e os técnicos do instituto criminalista. Eu sei quem fez isso. Eu só quero provas suficientes para prendê-lo!

Jillian cruzou os braços sobre o peito e estremeceu. Davy havia entrado na casa e ninguém notara. Nem mesmo Rourke. Era assustador. Sassy, chegou em seguida, deu uma olhada no lugar e abraçou Jillian.

— Ficaré tudo bem — ela prometeu. Mas seus próprios olhos estavam com medo. Era assustador ele ter entrado na casa sem ninguém ter visto.

Rourke, quando ficou sabendo do que havia acontecido, ficou lívido.

— Aquele maldito! — ele grunhiu. — Bem debaixo do meu nariz, e eu como um idiota sem saber que ele estava aqui! Isso não acontecerá novamente! Eu vou pedir reforço. Esse lugar se tornará uma fortaleza antes de sábado!

Ninguém discordou dele. A situação havia se tornado uma tragédia. Eles haviam subestimado Davy Harris, que aparentemente era formidável.

— Ele era um caçador — Jillian lembrou. — Ele me ensinou a montar armadilhas quando começou a trabalhar com o tio John, antes de se tornar um problema. Ele podia caminhar sem que ninguém ouvisse os seus passos. Eu havia me esquecido disso.

— Eu também sei caminhar sem ser ouvido — Rourke assegurou.

— Ele fazia armadilhas para ursos — Jillian falou, e corou quando todos olharam para ela. — Ele disse que era para pegar um lobo que estava matando o gado, mas o tio John disse que ele encontrou um cachorro morto... — ela sentiu-se doente. — Eu havia me esquecido disso.

Os homens se encararam. Um armadilha para ursos podia ser usada para muitas coisas, incluindo pegar pessoas desavisadas.

Jillian encarou Ted com horror.

— Ted, ele não faria isso com Sammy, faria? — ela perguntou com medo. Davy sabia o quanto ela adorava o animal.

— Não — ele mentiu enquanto passava o braço ao redor do ombro dela. — Ele não faria.

Rourke saiu do quarto por alguns minutos. Ele voltou sorrindo.

— Nós teremos muita companhia em breve. Tudo que nós precisamos é de uma prova de que ele esteve aqui, e ele não será mais um problema.

O que teria sido maravilhoso. Mas não havia uma única pegada no chão, uma impressão digital, ou qualquer evidência de que Davy Harris havia se aproximado da casa dos Callister. Os técnicos, com todas as suas ferramentas, não conseguiram encontrar uma única prova.

— Daria tudo por um princípio de troca de Locard — Ted disse sombriamente, e então teve que explicar o que isso significava para Jillian. — Um criminalista francês chamado Edmond Locard notou que quando um crime é cometido, o bandido foge e deixa evidências para trás.

— Mas Davy não — ela disse infeliz.

— Ou ele é muito bom ou ele é muito sortudo — Ted murmurou. Ele deslizou o braço ao redor de Jillian. — E isso não o salvará. Ele é a única pessoa na cidade que tem um motivo para fazer isso. É só uma questão de conseguir prová-lo.

Ela riu desesperançosa.

— Talvez você possa checar a faca nova dele para ver se ficaram vestígios de renda branca nela — ela disse tentando arrancar o melhor da situação.

Mas ele não riu. Estava pensativo.

— Isso pode não ser uma má ideia — ele murmurou. — Tudo o que eu preciso é de uma possível causa, se eu conseguir convencer um juiz de nos permitir a investigação. — ele torceu

os lábios e estreitou os olhos, pensando consigo mesmo. — E é isso o que eu vou fazer. Fique dentro de casa hoje, certo?

— Certo.

Ele a beijou e partiu.

Mas Ted voltou algumas horas depois e ficou grudado nela como cola. Ela notou que ele estava muito próximo, sempre a seguia por todos os lugares. Foi logo depois de ele receber uma ligação, que ninguém soube quem havia feito.

— O que está acontecendo? — Jillian perguntou assustada.

Ele sorriu, de maneira tranquila, enquanto caminhava ao lado dela com as mãos enfiadas nos bolsos.

— O que estaria acontecendo?

— Você geralmente trabalha durante o dia, Ted — ela murmurou secamente.

Ele sorriu para ela.

— Talvez eu não consiga ficar longe de você nem em um dia de trabalho — ele brincou.

Ela parou e virou-se para ele com a testa franzida.

— Essa não é uma resposta e você sabe...!

Ela ofegou quando ele repentinamente a agarrou e a empurrou para o chão enquanto pegava o seu revólver e atirava contra uma moita coberta de neve que ficava próxima a casa. Mesmo enquanto ele atirava, ela sentiu uma fisgada no braço e ouviu um barulho como um trovão.

O som foi coberto por um igualmente alto de uma automática calibre 45 acima dela. Ela ouviu o som das balas se chocando contra as árvores.

— Você está bem? — ele perguntou com urgência.

— Eu acho que sim.

Ele parou de atirar, e ficou em pé, em silêncio, com a cabeça inclinada, ouvindo. Longe dali ouviu-se a porta de um veículo sendo fechada, então um motor sendo ligado. Ele pegou o celular e fez uma ligação. Ele deu uma explicação rápida, uma descrição rápida da direção tomada pelo veículo e assegurou que a vítima estava bem. Ele guardou o celular e ajoelhou-se ao lado de uma Jillian apavorada.

Havia sangue no braço dela. A manga do suéter cinza estava molhada. Ela olhou para o lugar com crescente terror. Isso doía.

— O que aconteceu? — ela gaguejou.

— Você foi atingida, querida — ele disse bruscamente. — Isso é uma ferida de bala. Eu não queria contar a você, mas um dos meus investigadores descobriu que Harris comprou um rifle com vista telescópica essa manhã, depois que seu quarto alugado foi vasculhado para encontrar evidências.

— Ele é um ex-presidiário, ninguém poderia vender uma arma para ele... — ela explodiu.

— Existem lugares em qualquer cidade, mesmo nas pequenas, onde pessoas podem comprar armas por baixo dos panos — o rosto dele ficou duro como pedra. — Eu não sei quem fez a venda para ele, mas você pode ter certeza de que vou descobrir. E Deus ajude quem o fez quando eu pegá-lo!

Ela ainda tentava ajustar a mente ao fato de que havia levado um tiro. Rourke, que estava do outro lado da propriedade, apareceu em um Jipe e saltou, piscando quando viu o sangue no braço de Jillian.

— Eu o vi, eu estava seguindo ele quando ouvi o tiroteio. Deus, eu sinto muito! — ele exclamou. — Eu devia ter sido mais rápido. Você acha que o atingiu? — ele perguntou a Ted.

— Eu não tenho certeza. Talvez — ele ajudou Jillian. — Eu vou levar você ao médico — ele encarou Rourke. — Eu pedi que o xerife trouxesse os seus cachorros e o seu melhor investigador até aqui — ele acrescentou. — Eles podem precisar de ajuda. Eu disse ao xerife que você estava trabalhando para os Callister.

Os olhos de Rourke se estreitaram. Ele parecia muito diferente do amigo que Jillian conhecera.

— Eu o deixei entrar na propriedade e sinto muito. Mas eu posso segui-lo.

— Ninguém esperava pelo que aconteceu aqui — Ted disse gentil, e colocou a mão no ombro do outro homem. — Ela ficará bem. O investigador do departamento do xerife está vindo até aqui. Eu dei o número do seu celular a ele — Ted acrescentou.

Rourke concordou. Ele piscou ao ver o rosto de Jillian.

— Eu sinto muito — ele disse bruscamente.

Ela sorriu segurando o próprio braço.

— Está tudo bem, Rourke.

— Eu também não percebi que ele estava aqui até ouvir o tiro — Ted falou.

— Não foi a primeira vez que você viu um tiro, certo? — ela perguntou com humor negro.

— Não. Você geralmente sente a bala antes de ouvir o tiro — ele acrescentou solene.

— Isso é um fato — Rourke acrescentou com um pouco de humor.

— Vamos — Ted disse gentilmente.

Ela o acompanhou até a viatura. Estava se sentindo doente, e sentia dor.

— Não doeu no começo — ela falou. — Eu nem percebi que havia levado um tiro. Oh, Ted, eu sinto muito, você precisa esperar...! — ela abriu a porta e vomitou, e depois chorou de vergonha.

Ele entregou um lenço limpo a ela, a ajudou a se arrumar no quarto, e ultrapassou os limites de velocidade ao levá-la até o hospital.

— Nunca é assim na televisão — ela disse roucamente, depois de ser tratada e colocada em um quarto particular para passar a noite. Eles haviam lhe dado um remédio para a dor também. E ele a estava deixando sonolenta.

— O que não é assim, querida?

Ela sorriu com o nome carinhoso enquanto ele se inclinava e gentilmente tocava o rosto dela.

— As pessoas levando tiros. Elas não vomitam.

— Não é a vida real — ele recordou.

Ela estava preocupada, mas não apenas por si própria.

— O que foi? — ele perguntou gentilmente.

— Sammy — ela murmurou. — Eu sei que é estúpido ficar preocupada com uma vaca, mas se ele não conseguir me pegar, pode tentar machucar algo que eu amo. — Ela o encarou. — Tome cuidado também.

Os olhos dele brilharam.

— Por que você me ama? — ele zombou.

Ela apenas concordou, o rosto solene.

— Mais do que tudo no mundo.

As bochechas dele coraram. Ele segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou com possessividade.

— Isso serve para mim também, — ele sussurrou contra os lábios dela.

Ela o encarou com fascinação.

— Verdade?

— Por que em nome de Deus você acha que eu quero me casar com você se eu não te amasse? — ele perguntou racionalmente. — Nenhum pedaço de terra no mundo vale esse sacrifício.

— Você nunca disse, — ela gaguejou.

— Nem você, — ele afirmou sorrindo.

Ela pousou a mão no ombro dele.

— Eu não queria falar primeiro.

Ele beijou o nariz dela.

— Mas você falou.

Ela suspirou e sorriu.

— Sim, eu falei.

Por um longo momento, eles ficaram em silêncio, saboreando a novidade da emoção que nenhum deles imaginava ser tão intensa.

Finalmente ele ergueu a cabeça.

— Eu não quero deixar você, mas nós temos muito trabalho e pouco tempo.

Ela concordou.

— Seja cuidadoso.

— Serei.

— Ted, você poderia dar uma olhada em Sammy? — ela perguntou preocupada.

— Sim. Eu me certificarei de que ela esteja bem.

Ela sorriu.

— Obrigada.

— Por nada.

Sassy apareceu e a levou de volta ao rancho dos Callister quando o médico lhe deu alta.

— Eu ainda acho que eles deveriam manter você lá durante a noite — Sassy murmurou.

— Eles tentaram, mas eu me recusei — Jillian disse rousamente. — Eu não gosto de ficar em hospitais. Você ficou sabendo de mais alguma coisa?

— Sobre Harris? — Sassy balançou a cabeça. — Eu sei que eles colocaram cães na floresta, o caçando. Mas se ele é um bom caçador, saberá como encobrir o seu rastro.

— Ele já falou sobre isso — Jillian recordou. — Ele disse que havia maneiras de se encobrir um cheiro para que os cães não conseguissem encontrar as pessoas. Engraçado, eu nunca me perguntei por que ele sabia tal coisa.

— E eu sinto muito por isso — Sassy respondeu. — Se ele não tivesse essa prática, seria muita mais fácil de ser achado.

— Eu acho que sim.

— Eu tenho uma surpresa para você — Sassy falou quando elas entraram em casa. Ela sorriu misteriosamente enquanto levava Jillian até o quarto de hóspedes que ela estava ocupando.

— O que é? — Jillian perguntou.

Sassy abriu a porta. Lá, pendurado na porta do armário, estava uma cópia do belo vestido que Jillian havia escolhido.

— Eles tinham dois modelos iguais. O outro estava em uma loja em Los Angeles. Eu pedi que eles o trouxessem — Sassy deu um risinho. — Nada vai impedir o casamento!

Jillian explodiu em lágrimas. Ela abraçou Sassy, tão perto quanto o braço machucado permitia.

— Obrigada!

— Isso não é nada. Eu sinto muito pelo outro ter sido arruinado. Nós tivemos sorte por eles terem outro modelo igual.

Jillian tocou o vestido.

— É o vestido mais lindo que eu já vi. Eu nunca poderei lhe agradecer, Sassy.

A outra mulher estava solene.

— Nós não falamos sobre isso, mas eu tenho certeza de que você sabe que eu passei por uma experiência parecida, com o chefe do lugar onde eu trabalhava antes de me casar com John. Eu era mais velha que você, e não foi algo tão traumatizante, mas eu sei como é ser assediada — ela suspirou. — Engraçado, eu nem tinha ideia de que passaria pela mesma coisa

quando você apareceu na minha porta com um Harris atrás de você.

— Eu sinto muito.

— Sim, eu também. Existem homens maus no mundo. Mas existem homens bons também

— Sassy a lembrou. — Eu sou casada com um deles, e você vai se casar com outro.

— Se Davy não encontrar outra maneira terrível para impedir que isso aconteça — Jillian disse com a voz preocupada.

— Ele não encontrará — Sassy disse com firmeza na voz. — Existem muitas pessoas de uniforme ao nosso redor para que ele se arrisque.

Ela mordiscou o lábio inferior.

— Ted ia ver Sammy. Eu não sei se Harris poderia machucá-la para tentar me ferir.

— Ele não terá a oportunidade — Sassy falou. — John e dois de seus empregados foram com o caminhão até a sua casa minutos antes de eu sair para pegá-la no hospital. Eles a trarão até aqui, e ela ficará no nosso celeiro. Nós temos um empregado que não faz nada a não ser olhar pelo gado caro que fica lá.

— Você está fazendo tanto por mim — Jillian falou lutando contra as lágrimas.

— Você faria o mesmo por mim — foi a resposta da outra mulher. — Então pare de se preocupar. Você tem dois dias para ficar boa e entrar na igreja.

— Talvez nós devêssemos adiar... — ela começou.

— Sem chance — Sassy respondeu. — Nós colocaremos você em pé nem que tenhamos que levá-la aos especialistas!

E ela falava sério.

Capítulo 11



Jillian carregava um pequeno buquê de rosas brancas e amarelas enquanto caminhava na direção de Ted, que a esperava no altar. O braço dela estava dolorido e latejando um pouco, e ela ainda estava preocupada com a possibilidade de Davy Harris atirar em um deles pela janela. Mas nenhuma de suas preocupações era visível quando ela tomou o seu lugar ao lado de Ted.

O ministro começou a cerimônia. Jillian repetiu as palavras. Ted as repetiu. Ele deslizou uma aliança de ouro pelo dedo dela. Ela deslizou uma no dele. Eles se encararam maravilhados e finalmente deram o beijo mais terno que ela podia se lembrar.

Eles caminharam pelo corredor de mãos dadas, rindo, enquanto eram recebidos por duas garotas, filhas de um dos oficiais amigos de Ted, que jogavam pétalas.

— Ok, agora, fiquem parados enquanto nós tiramos as fotos — Sassy falou, organizando a recepção onde a comida e a bebida eram servidas em uma mesa com toalha de renda, cristais e porcelana. Ela havia contratado um fotógrafo profissional para registrar o evento, sob os protestos de Jillian, como parte do presente de casamento dos Callister.

Jillian sentia-se maravilhosa em seu belo vestido. Na noite anterior, ela visitara o celeiro com Ted para certificar-se de que Sammy estava bem. Era estúpido ficar preocupada com um animal, mas ela era parte da vida de Jillian desde que nascera, cria de uma vaca que morrera vítima de um raio violento no dia seguinte. Jillian havia levado o pequeno animal até a sua casa e a mantido nos fundos do lugar, alimentando-a de hora em hora para mantê-la viva.

A proximidade divertia Ted, especialmente quando a vaca seguia Jillian por todos os lugares, e, em algumas ocasiões, tentava entrar em casa com ela. Ele se achava sortudo por eles não fazerem fraldas para gado, ele brincara, porque senão Jillian daria um quarto para o animal.

— Alguém viu se eu deixei meu casaco no celeiro quando levei Sammy para a sua caminhada? — Jillian perguntou repentinamente. — O casaco com o bordado. Não choveu, mas se acontecer, ele ficará ensopado. Eu me esqueci totalmente dele quando vim ficar com Sassy.

— Eu procurarei por ele mais tarde — Ted disse tocando o nariz no dela. — Quando nós formos para casa.

— Casa — ela suspirou e fechou os olhos. — Eu me esqueci. Nós viveremos juntos agora.

— Sim, nós viveremos — ele tocou o rosto dela. — Talvez não tão próximos como eu desejaria nos próximos dias — ele brincou e sorriu quando ela corou. — Esse braço vai precisar de cuidados especiais.

— Eu nunca achei que uma bala poderia causar tanto problema — ela falou.

— Pelo menos foi só uma bala — ele disse sombriamente. — Eu não consigo entender como nós ainda não encontramos aquele maldito — ele murmurou. — Os homens estão rastreando o lugar atrás dele.

— Talvez ele tenha se assustado e saído da cidade — ela falou esperançosa.

— Nós encontramos a caminhonete dele abandonada, na metade do caminho entre o rancho dos Callister e o nosso — ele falou. — Os cães perderam o rastro dele quando ele entrou na estrada — ele franziu a testa. — Um dos nossos investigadores disse que as pegadas dele mudaram de um lado da caminhonete para o outro, como se ele estivesse carregando alguma coisa.

— Talvez uma mala? — ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Nós checamos a estação de trem e o departamento do xerife enviou viaturas por todas as estradas. Ele simplesmente desapareceu no ar.

— Eu não sinto muito — ela falou sombriamente. — Mas eu adoraria saber que ele não vai voltar.

— Eu também — ele inclinou-se e a beijou. — Nós cuidaremos de tudo — ele acrescentou.

— Não importa o que aconteça.

Ela sorriu calorosamente.

— Sim. Nós cuidaremos.

Eles se deram bem como casados. Ted desejara honestamente esperar por um dia ou dois até que o braço dela ficasse um pouco menos dolorido.

Mas naquela noite enquanto eles assistiam um filme, ele a beijou e ela o beijou de volta. Então eles se acomodaram em uma posição mais confortável no sofá. Logo, peças de roupa foram retiradas e jogadas no chão. E então, pele contra pele, ele se tocaram de uma maneira nunca feita antes.

Apenas por um minuto, foi desconfortável. Ele a sentiu estremecer e sua boca deslizou lentamente pelas pálpebras cerradas dela.

— Calma — ele sussurrou. — Tente relaxar. Mova-se comigo. Mova-se comigo, querida... sim!

E então tudo se transformou em calor, urgência e explosão de sensações que ela nunca tivera antes. Ela afundou as unhas no quadril dele e gemeu roucamente enquanto a dura e forte investida do corpo dele lhe proporcionava um prazer tão grande que ela temeu não sobreviver a isso.

— Sim — ele gemeu, e tocou as coxas dela com os dedos enquanto aproximava-se ainda mais e o êxtase os atingia com força total.

Ela gritou. Seu corpo todo estava em chamas. Ela movia-se com ele, seu próprio quadril arqueando-se um último movimento enquanto o mundo se dissolvia em doce loucura.

Ela estava tremendo, assim como o braço dolorido que ela não notara até agora. Ela arqueou-se sob o peso do corpo de Ted.

— Eu ia esperar — ele disse em um sussurro rouco.

— Por que? — ela riu. — É só um braço machucado. — Os olhos dela encontraram os dele com prazer.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Tem mais alguma coisa machucada? — ele perguntou.

Ela sorriu.

— Não.

Ele torceu os lábios.

— Bem, nesse caso — ele sussurrou e começou a mover-se.

Ela colou-se a ele e ofegou de puro prazer.

Ele apenas riu.

Muito depois, eles caíram na cama, exaustos e felizes. Eles dormiram até tarde da manhã seguinte, perdendo a missa e uma ligação do xerife, Larry Kane.

— É melhor você me ligar assim que receber a mensagem — Larry disse zombeteiro através da secretária eletrônica. — É urgente.

Ted trocou um olhar preocupado com Jillian enquanto pegava o celular e retornava a ligação.

— Graves — ele falou ao telefone. — O que foi?

Houve uma pausa enquanto ele ouvia. Ele franziu a testa.

— O quê? — ele exclamou.

— O que foi? — Jillian sussurrou para ele.

Ele ergueu uma mão e suspirou pesadamente.

— Há quanto tempo?

Ele concordou.

— Bem, é uma pena, de certo modo. Mas é irônico, você tem que admitir. Sim. Sim. Eu direi a ela. Obrigado, Larry.

Ele desligou o telefone.

— Eles encontraram Davy Harris essa manhã.

— Onde ele está? — ela perguntou mordiscando o lábio.

— Eles o levaram até o laboratório criminal.

Ela piscou.

— Eu achei que eles só levassem pessoas mortas... Oh, meu Deus. Ele está morto?

Ele concordou.

— Eles o encontraram com a perna presa em uma armadilha para ursos. Ele aparentemente estava tentando montá-la no rancho, no caminho pelo qual você sempre passeia com Sammy, através das árvores onde é difícil ver o chão.

— Bom Deus! — ela exclamou, e as possibilidades criaram pesadelos em sua mente.

— Ele prendeu a armadilha no lugar com uma longa corrente, perto de uma árvore, e a prendeu com cadeado no local. O xerife acha que ele perdeu a chave. Ele não conseguia arrebentar a corrente ou libertar-se da armadilha. O homem sangrou até a morte.

Ela sentiu-se doente. Ela passou os braços ao redor de Ted e o abraçou com força.

— Que maneira horrível de partir.

— Sim, mas lembre-se de que é a maneira que ele planejava para Sammy — ele disse, sem mencionar que Harris também podia ter planejado pegar Jillian.

— A irmã dele vai nos culpar por tudo e dizer que nós o matamos — Jillian disse infeliz, recordando a fúria da mulher quando o irmão havia sido preso.

— A irmã dele morreu há dois anos — ele respondeu. — De overdose. Uma família problemática.

— Quando você descobriu isso? — ela perguntou.

— Ontem — ele falou. — Eu não queria passar o dia do nosso casamento falando sobre Harris, mas eu me perguntava se ele poderia pedir proteção à irmã. Então eu pedi que um investigador a encontrasse.

— Um triste final — ela falou.

— Sim. Mas felizmente, não foi o seu — ele respondeu. Ele a puxou para mais perto, feliz

por tudo estar finalmente acabado.

Ela suspirou.

— Não o meu — ela concordou.

Rourke voltou para a África três dias depois. Ele queria partir antes, mas Sassy e John queriam lhe mostrar Montana primeiro, apesar da neve fina que caía em abundância no momento.

— Eu comprei filmes sobre a neve para levar para casa — ele mencionou enquanto se despedia de Jillian e Ted e um empregado esperava na caminhonete para levá-lo até o aeroporto em Billings. — Nós não temos muita neve no Quênia — ele acrescentou brincalhão.

— Obrigada por me manter viva — Jillian agradeceu.

— O prazer foi meu — ele respondeu e sorriu.

Ted apertou a mão dele.

— Se você quer aprender a pescar, volte na primavera quando a neve já tiver derretido e nós passaremos o dia no rio.

— Pode apostar — Rourke falou.

Eles o observaram se afastar.

Jillian deslizou o braço ao redor da cintura de Ted.

— Você virá para o almoço? — ela perguntou enquanto eles caminhavam até a viatura.

— Talvez sim — ele a olhou travesso. — Você vai fazer a comida ou nós passaremos o meu horário de almoço da maneira comum?

Ela torceu os lábios.

— Oh, eu poderia fazer sanduíches.

— Você poderia colocá-los em uma sacola de plástico — ele acrescentou. — E eu poderia levá-los para o trabalho.

Ela corou e riu.

— Claro. Nós não queremos perder o seu horário de almoço comendo.

Ele inclinou-se e a beijou faminto.

— Absolutamente não! Vejo você ao meio-dia.

Ela o beijou também.

— Eu estarei aqui.

Ele partiu, acenando ao entrar na estrada. Ela o observou partir e percebeu como havia mudado. Não era mais a adolescente assustada que Davy Harris intimidara há muitos anos. Ela tinha um bom casamento e sua vida estava mais feliz do que nunca. Ela ainda tinha o seu emprego matutino no restaurante. Ela gostava da independência que ele lhe proporcionava, e eles podiam usar o dinheiro extra. Ted não ficaria rico trabalhando como chefe de polícia.

Por outro lado, a falta de riqueza material apenas fazia com que eles ficassem mais próximos e vivessem melhor.

Ela suspirou enquanto caminhava de volta até a casa, os olhos repletos de sonhos. A neve estava começando a cair novamente, como uma explosão de pluma branca ao seu redor. O inverno era bonito. Assim como a sua vida.

*** *Fim* ***





ISBN: 978-1-4268-7597-7

Vontade de Aço

Direito autoral © 2010 por Diana Palmer

Todos os direitos reservados. Exceto pelo uso em qualquer crítica, a reprodução ou utilização deste trabalho por inteiro ou em partes por qualquer meio eletrônico ou mecânico, já conhecido ou posteriormente inventado, incluindo Xerox, fotocópia ou gravação, ou em qualquer armazenamento de informação ou sistema de recuperação, é proibida sem a permissão da editora oficial, Silhouette Books, 233 Broadway, Nova Iorque, NY 10279 E.U.A.

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ficcionalmente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Essa edição foi publicada em parceria com Harlequin Books S.A.

Para dúvidas e comentários sobre a qualidade do livro por favor entre em contato com Customer eCare@Harlequin.ca.

® e TM são marcas registradas da Harlequin Books S.A., usadas sob licença. Marcas registradas indicadas com ® são registradas na Patente dos Estados Unidos e Escritório de Marca Registrada, no Escritório de Marca Registrada do Canadá e de outros países.

Visite Silhouette Books em www.eHarlequin.com